

Revista do Brasil

DIRECTORES

Afranio Peixoto

Monteiro Lobato

N. 71

NOVEMBRO

921

EDITORES

Monteiro Lobato

& Comp. - São Paulo

Redactor-chefe: Brenno Ferraz

SUMMARIO

O MOMENTO	193
A POESIA DE VICENTE DE CARVALHO	195
A ANGUSTIA DO SILENCIO	208
IMPORTANCIA DA RIQUEZA MINERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES	211
RONDÓ DA GLORIA	221
SULAMITA	223
O BIGODE DO GENTILHOMEM	225
O CONTAGIO DA VARIOLA	230
A REVOLTA DOS LAMPIÕES	237
A CAMINHO DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES	242
BIBLIOGRAPHIA	258
RESENHA DO MEZ	264
DEBATES E PESQUIZAS	275
NOTAS DO EXTERIOR	281

S. PAULO.

1921.

RIO.

REVISTA DO BRASIL - RUA BOA VISTA, 52 - CAIXA, 2-B - S. PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000 EXTRANGEIRO - 25\$000; — NUMERO AVULSO - 1\$800.

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabai.

O unico REMEDIO que em menos de dois meses assegura o DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar dâmno algum á saude da MULHER. — "Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa. Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS

DE PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO — Preço de uma Caixa \$8000, pelo Correio mais 2\$000. Pedidos ao Agente Geral,

J. DE CARVALHO

Caixa Postal, 1724 — Rio de Janeiro.
Depósito: Rua General Camara, 225 (sob.)

GRAVIDEZ

Falta-se usando os Passarios Americanos, são inoffensivos, comodos, de effeito seguro e antisépticos. — Encontram-se á venda nas principaes DROGARIAS DE S. PAULO.

AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de \$8000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1.724

RIO DE JANEIRO

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Scientista Ingles, para a cura radical da Asthma, Dizpneia, Influenza, Defluxos, Bronchites Catarraes, Coqueluches, Tosses rebeldes, Coughs, Suffocações, é um Medicamento de valor, composto exclusivamente de vegetais, não é xarope, nem contém iodurados, nem morphina e outras substancias nocivas à saude dos Asthmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas principaes Pharmacias e Drogarias de São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. — Rio de Janeiro

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES
FIOS ISOLADOS**

**TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES**

**BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES**

**CHAVES A OLEO
VENTILADORES**

**PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR**

**LAMPADAS
ELECTRICAS 1½ WATT**

**ISOLADORES
TELEPHONES**

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

**UNICOS AGENTES DA FABRICA
Westinghouse Electric & Mfg. C.**

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4

LOTERIA DE S. PAULO

Em 30 de Dezembro

200:000\$000

Por 9\$000

**OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE**



ULTIMA NOVIDADE JARDIM DAS CONFIDENCIAS

versos de

RIBEIRO COUTO

Os mais lindos versos e a mais bella edição do anno

Preço 3\$000

MONTEIRO LOBATO & CIA. — EDITORES

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

—S. PAULO—

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes
para construcçāo,
aço e ferro, anilinas
e outros
productos chimicos.

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N.^o 89 e 91

SÃO PAULO

REVISTA do BRASIL

DIRECTORES:

AFRANIO PEIXOTO N. 71 EDITORES:
MONTEIRO LOBATO
MONTEIRO LOBATO NOVEMBRO MONTEIRO LOBATO
1921 & COMP. — SÃO PAULO
REDACTOR-CHEFE: BRENNO FERRAZ

O MOMENTO

UM EMBAIXADOR

O desquerer, a desintelligencia, a rivalidade entre os povos quasi sempre provem de mal se conhecerem. Assim entre nós e Argentina. Desfeitos que sejam os vêos da ignorancia reciproca, desfaz-se a impressão hostil.

Este trabalho de mutuo conhecimento e consequente approximação é um dos grandes ideaes modernos, o mais generoso de todos. E far-se-á victorioso sobretudo pelo concurso da arte. Só ella tem forças para tanto, mensageira que é dos anhelos mais nobres da alma e do coração. Cada livro argentino que surje cá, ou vice-versa, é um poderoso reductor de antipathias, um eliminador de toxinas, um bafo de ar puro em ambiente confinado. E como a literatura, as outras artes.

Occorrem-nos estas reflexões deante dos quadros que expõe em S. Paulo Cesáreo Bernaldo de Quirós.

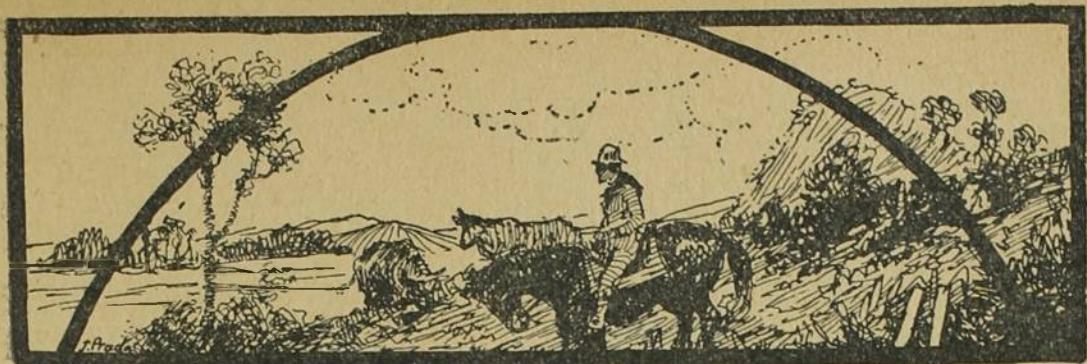
Que brasileiro de cerebro bem formado, entrando na quella sala, não se transforma em amigo carinhoso da terra fecunda que já produz taes fructos? Quem resiste à suggestão de arte tão nobre? Quem se não dobra ante

esse embaixador das mais subtis intuições estheticas do vigoroso povo platino?

Quirós não é apenas o pintor maximo da Argentina; é tambem um grande pintor moderno. E' desses privilegiados de genio que cream "algo nuevo" e produzem obras de infinita belleza — da belleza que o é sempre, e cada vez mais, da belleza que nunca sacia porque não é belleza de convenção, passageira como modas, e sim a eterna, a esplendente belleza da verdade.

Como certas obras nos fecundam o cerebro e entreabrem de brusco o sentido profundo de expressões tidas como verbalismo sonoro! "A belleza é o esplendor da verdade". Quereis penetrar no sentido desta faísca de Platão? Detende-vos dez minutos em face do "Jogo de sol", e se em vosso cerebro não se dér o estalo do Padre Vieira, sahi, correi a fazer-vos eleger vereador... de Itaóca.

Como corresponderá S. Paulo á honra que lhe faz o grande artista? S. Paulo tem crimes serios no cartorio da arte. Desconheceu Rollo, premiou o sapateiro Ximenes, anda a "failluttar" o Ipiranga. Mas acima desse S. Paulo gaffento, que faz Apollo ter nevralgias no Olimpo, ha um S. Paulo de escol, fino, medido, subtil, capaz de comprehender Quirós e de reter aqui telas que valem tesouros. A "Revista do Brasil" o avisa da opportuidade, como avisa o S. Paulo negociante de uma coisa muito séria (mas isto aqui ao ouvido, muito em segredo): o empate de capital em telas como "Na rede", "Canto do meu atelier", "Hortencias" constitue melhor negocio do que a acquisitione de marcos. A Allemânia pode fallir — a Belleza, nunca!



A POESIA DE VICENTE DE CARVALHO

CONFERENCIA LIDA NO JAHÚ CLUB, A 12 DE OUTUBRO

POR SAMPAIO FREIRE

DURANTE longos mezes, depois que assumi o compromisso de realizar esta conferencia, compromisso do qual eu me desempenho sabe Deus como, obrigando, como obrigo, a penna rebelde a um esforço violento, sobre tudo agora que ella parece aposentada na suave tarefa de minutar correspondencia commercial, — durante longos mezes eu não me fixei nem no thema, quanto mais nas idéas e no "apparatus" de uma conferencia; de uma conferencia — cumpre notar — que deveria ser profrida justamente no mesmo logar em que Martins Fontes havia tirado prodigiosos effeitos do exercicio da pura faculdade verbal, e em que Amadeu Amaral se desentranhára em finissimas analyses em torno e dentro de um soneto. Havia de chegar o dia, porém, do cumprimento da obrigação levianamente contrahida, e era força abandonar o vago em que mais se compraz o espirito, e procurar um ponto de apoio, quero dizer, um thema. Qual devia de ser o meu thema?

E' incrivel que se possa ter alguma difficolidade em encontrar um thema, quando os meus illustres predecessores citados ahi estão para demonstrar pelo exemplo, o segundo, que é bastante "um soneto" para uma exhaustiva dissertação, e o primeiro, que se pode falar ainda mesmo sem assumpto. O piedoso Arcebispo, aquelle da formosa pagina classica de frei Luiz de Souza, fazendo materia de tudo quanto via no campo e na serra

para louvar a Deus", mostra que é bastante abrir e circumvar-
gar os olhos para descobrir coisas sublimes, mas ao mesmo
tempo faz certo que o iman capaz de attrahil-as, esse está na
alma do contemplador. Para louvar a Deus como convém, é
mistér ao individuo trazer no coração o molde correspondente,
ainda que rudimentar, assim como o louvor das coisas terrenas
resulta pallido e frio sem a adhesão prévia, e sem reservas, da
intelligencia e da sensibilidade humana.. Assim, pois, quem se
disser em difficultades por causa de um thema, confessa nada
menos que o vasio do coração ou do espírito, traduz por outros
termos impotencia de sentir ou de comprehendender, nada import-
tando para o caso a insufficiencia da fala e a da penna, males
que têm remedio.

Graças a Deus, e seja-me licita e perdoada esta vaidadezinha.
graças a Deus que assim que tomei a sério o caso desta con-
ferencia, assim que recebi o "ultimatum" de quem tinha auto-
ridade para m'o dirigir, logo encontrei o thema, e thema feliz
e seductor, e opportuno mesmo, ainda que o não pareça, como
veremos, se tiverdes a bondade de acompanhar-me, e se a tanto
me ajudar o engenho e arte.

Thema feliz e seductor e opportuno, em verdade, este da
poesia de Vicente de Carvalho!

Tratando-se de um poeta vivo, e oxalá que sua util exis-
tencia se prolongue ainda por dilatados annos, quer me parecer
que seria pelo menos uma indiscreção de duvidoso gosto entrar
em pormenores biographicos a respeito de alguem que bem
poderia dar-nos a honra de sua presença neste logar, e mesmo
neste momento, com immensa vantagem para todos, inclusive
para o conferencista, que nesse caso lhe passaria immediata-
mente a vara. E, entretanto, eu poderia, sem quebrar propria-
mente a praxe mais aconselhavel, recordar muitos factos e
particularidades da vida do poeta, tanto se tem adensado a
penumbra a que, nestes ultimos tempos, se recolheu o autor
dos "Poemas e Canções". Aliás não direi que seja verdadeira-
mente um mal esse retrahimento do poeta, retrahimento que
tem sua explicação na circumstancia de não ser Vicente de
Carvalho um profissional das letras. Sou mesmo levado a crer
que elle jamais o foi. Vicente de Carvalho é o typo do homem
de acção no dominio das realidades praticas, e que sabe adap-
tar, com maravilhosa plasticidade, aos variados misteres a
que, pelas contingencias da vida, tem sido successivamente
obrigado.

Se a qualidade de poeta lhe pudesse acarretar algum prejuizo
á reputação, haveria em seu abono, nas diferentes phases de
sua carreira, as provas mais cabaes e eloquentes de que, além

de poeta, é elle um homem. Juiz modelar com assento na mais alta corporação judiciaria do Estado elle foi até ha pouco tempo; juiz modelar (a expressão não é minha, é de outro juiz que não o é menos, e cujo espirito ainda fulgura no mesmo Tribunal), elle proferiu votos que reunem o conhecimento das leis e das doutrinas juridicas á intelligencia clara e penetrante da realidade das coisas, porque a ella é que se destinam, antes de tudo, os remedios juridicos. Advogado, ahi está a defesa de um outro juiz, produzida ha cerca de um anno, e que constituiu mais um dos seus melhores triumphos, razões de defesa que deviam servir de modelo a quantos, no exercicio da profissão, não desdenham, a par das qualidades obrigatorias do officio, a elevação do pensamento, a energia polida e a graça compativel com essa especie de trabalhos. Director de uma empresa de navegação... estarei enganado? Não; affirmo sem receio de contestação que o nosso poeta dirige uma empresa de navegação, e dirige-a com a capacidade de que adduziria prompta demonstracção, se não sentisse que vou resvalando para o terreno da biographia, em que não desejo entrar.

Bem hajam, porém, do ponto de vista da poesia e da arte, as vicissitudes de Vicente de Carvalho! "E' este, — escreve José Veríssimo, — o grande mal da literatura brasileira: que por circumstancias peculiares á nossa evolução nacional, ella tem sido sobretudo, quasi exclusivamente até, feita por moços, geralmente rapazes das escolas superiores, ou simples estudantes de preparatorios, sem o saber dos livros e menos ainda o da vida. Ora a literatura, para que valha alguma cousa, ha de ser o resultado emocional de experiencia humana. A nossa tem principalmente sido uma literatura de inspiração e fundo mais livrescos que vividos".

O grande historiador da literatura brasileira feriu certeiramente o ponto, e a sua sua justa censura, está claro, não attinge este poeta de existencia trabalhada. "Rosa, rosa de amor..." e "Poemas e Canções", as obras primas do seu engenho, sáem-lhe acabadas das mãos na madureza dos annos, nessa edade soberba que ainda é mocidade, se bem que diversa da primeira juventude, mas que lhe é talvez superior, porque começa a ter a consciencia do seu inestimavel preço.

Não sei se me engano, mas, no meu entender, Vicente de Carvalho, se não é o maior, é o melhor poeta brasileiro dos nossos dias e de não poucas decadas da nossa historia literaria a dentro; e a suprema, e creio que indestructivel razão deste modo de ver consiste em que o nosso poeta, egresso da literatura e mergulhado no viver quotidiano, só retorna á literatura por effeito de reacção, aos impulsos da alma renovada, borbu-

lhante, a exigir expressão. Por este processo é possível que alguém, menos perito no manejo da arte, nos offereça impressões frescas porém mal entrajadas, mas, seguramente, é preferível a robustez defeituosa ao spectaculo da perfeição vasia.

Como quer que seja, porém, ha grande oportunidade em tratar da poesia de Vicente de Carvalho, porque uma coisa é o retrahimento do poeta, que, como vimos, é até um bem no interesse da arte, e outra coisa é o tal ou qual silencio que se lhe vae fazendo em torno do nome glorioso. Francamente, não somos assim tão ricos de nomes verdadeiramente grandes que se justifique o esquecimento de algum delles. E da rapida excursão que vou emprehender através da obra poetica de Vicente de Carvalho, se achar quem se disponha a acompanhar com sympathia o "cicerone" apressado, estou certo que boas consequencias não se farão esperar; quem sabe, até, se os "Poemas e Canções" não passarão a constituir o livro de cabeceira de mais algumas pessoas...

Qual é o problema humano mais premente, aquelle que a cada instante, por esta ou por aquella forma, desafia o nosso espirito, assim que nos alçamos um pouco da realidade á contemplação? Qual será esse problema? Sem duvida que é o problema do nosso destino, que desejamos feliz com todas as nossas forças materiaes e moraes. Vicente de Carvalho não seria Vicente de Carvalho se não tivesse tentado, na linguagem de ouro de seus versos, a solução do problema inquietante. Escutemos a sua versão da felicidade humana:

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existencia, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sónho da alma desterrada,
Sonho que a traz anciosa e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que suppomos,
Arvore milagrosa que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos.

Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

Se eu tivesse autoridade para tanto, depois da leitura deste soneto pediria, além da attenção com que estou certo me honram os ouvintes, pediria alguns minutos de completo recolhimento de espirito, para que pudessemos refazer, lentamente,

a immensa curva descripta pelo pensamento do poeta, e avaliassemos e agradecessemos ao pensador e ao artista a maravilha que nos offerecem de graça, encerrada nos mesmos quatorze versos de que se fazem tantissimos sonetos ineptos e banaes. E só este soneto, pela exquisita profundeza do conceito e pela transparencia diamantina da forma, já seria bastante para tornar imperecivel o nome do nosso poeta, e satisfazer plenamente aquelle justa "ambição de deixar a sua alma ecoando sonoramente em outras almas, através do tempo-po", consoante á formula por elle proprio usada a proposito de outro poeta, mas que afinal tomou para si, inscrevendo-a no portico da terceira edição dos "Poemas e Canções". Porque, assim como nos valem os da phrase feita para a expressão immediata de muitas de nossas idéas, assim tambem, e então por attracção muito mais poderosa, é a fórmas lapidares, como esse peregrino soneto de Vicente de Carvalho, que se abriga, não raro, o nosso espirito, quando lhe acontece vaguear pela mesma ordem de scismas.

Essa pequenina joia literaria, deliciosamente lavrada, tem ainda o merito de compendiar a philosophia resignada e tristonha com que Vicente de Carvalho aceitou a vida, tomada nas suas ultimas consequencias, quero dizer, no seu sentido supremo. Iria longe, e acredito que exorbitaria dos limites do razoavel, se aqui mesmo me propuzesse julgar a attitude philosophica do nosso poeta, e fundamentar o meu desaccôrdo. Não. Fiquemos no estricto dominio da poesia.

Vicente de Carvalho é um consummado e suggestivo pintor da natureza. Vamos á sua natureza, que é lindissima.

Mar, bello mar selvagem
Das nossas praias solitarias! Tigre
A que as brisas da terra o somno embalam,
A que o vento do largo erriça o pélo!
Junto da espuma com que as praias bordas,
Pelo marulho acalentada, á sombra
Das palmeiras que arfando se debruçam
Na beirada das ondas — a minha alma
Abriu-se para a vida como se abre
A flor da murta para o sol do estio.

Quando eu nasci, raivava
O claro mez das garças forasteiras:
Abril, sorrindo em flor pelos outeiros,
Nadando em luz na oscillação das ondas,
Desenrolava a primavera de ouro;
E as leves garças, como folhas soltas
Num leve sopro de aura dispersadas,
Vinharam do azul do ceu turbilhonando
Pousar o vôo á tona das espumas...

Que pagina mais cheia, e commovida e vibrante, pergunto eu, já se escreveu algum dia em face do mar e da terra? E note-se que a embriaguez do entusiasmo, vasta como é, não empanna do mais tenue véo a deliciosa frescura do quadro. Oh! o mar de Vicente de Carvalho! Pode-se falar assim no mar de Vicente de Carvalho, porque do litoral de S. Paulo, que lhe é familiar, não ha, por assim dizer, uma nesga de praia que não esteja trasladada para sempre nos "Poemas e Canções". Quem quer que já viajou alguma vez á beiramar de nossa terra, necessariamente, se teve olhos de ver, ha de ter encontrado e ha de ter identificado aquella "pobre villa praiana", cuja "solitaria tristeza" repassa de tão penetrante doçura o poema d'"A voz do sino":

Tarde triste e silenciosa
De villa de beiramar:
Uma tarde cor de rosa
Que vae morrendo em luar...

Ao longe, a varzea scintilla
De uns restos de sol poente;
Mas, por sobre toda a villa
— Do morro a que fica rente —
Desce uma sombra tranquilla
E anoitece lentamente.

E a cada passo, na jornada, se irão deparando ao observador attento recantos e aspectos naturaes já vistos, de alguma forma, através da poesia do praiano illustre, tão perfeito é o seu conhecimento dos logares. Elle não é homem para a descripção geral, cerebrina, livresca, de que tanto abusam os poetas das descripções a todo transe. Lendo Vicente de Carvalho, o leitor é sem demora transportado para o ambiente que elle reproduziu. Percorrendo os trechos de natureza que lhe são favoritos, reciprocamente o leitor verifica a rigorosa verosimilhança da pintura literaria.

Assim, n'"A partida da monção", referindo-se ás canôas dos bandeirantes, diz Vicente:

Levadas no pendor macio da corrente,
Irão seguindo, irão seguindo sem rumor
E sem vontade, molle e resignadamente
Por um rumo servil, forçado e encantador.

Sem duvida possivel, a um poeta de gabinete não ocorreria, ainda que fosse dotado de genio, aquelle "pendor macio da corrente" por onde resvalam as "toscas nauis de borda rastejante", e que é um dos achados de que maiores cumes devia

ter o nosso poeta; porque, para observar o pendor macio da corrente, é preciso, não abrir um diccionario qualquer, mas ter viajado horas e horas, rio acima, sentado no fundo de uma canôa... E' sobre os joelhos, nessa postura, que se escrevem versos daquelle quilate.

E seja-me permittido ainda, no capitulo das descripções, repetir aquelles quatro simplissimos versos do "Fugindo ao captiveiro" que, na sua maravilhosa condensação, nos desenrolam deante dos olhos uma madrugada completa:

Aponta a madrugada:
Da turva noute esgarça o humido véo,
E espraia-se risonha, alvorocada,
Rosando os morros e dourando o céu.

Apenas com uma pinçelada, mas essa genial, eis que alvorece no grande poema, assim como, rapida nas suas frequentes apparições, surgia a rorejante Aurora homérica dos dedos côr de rosa.

Acerca de um poeta como este, tão singularmente dotado do sentimento da natureza, poder-se-ia porventura perguntar se elle tambem será capaz de ver, com a mesma segurança, o que se passa dentro das solidões da alma humana. Pois a resposta vae immediata. Nessa mesma "Partida da monção", interposta na tela objectiva, encontramos esta genuina paizagem moral, em que o poeta, de permeio com os aspectos que vão margeando a monção dos bandeirantes, assim se exprime, emprestando de certo, por um momento, a sua alma aos duros conquistadores:

Depois da matta escura, o campo undoso e verde,
Banhado em sol, fechado em céu ao longe; e assim
Tão vasto e nú, que o olhar se fatiga e se perde
Num esplendor sem sombra e num ermo sem fim.

Paire, grassa em redor, toda a melancolia
De uma paizagem morta, igual, deserta e immensa,
Pondo nos olhos e nas almas que enfastia
Um peso ainda maior que a dor, a indifferença.

Desanimado, absorto, ante essa indefinida
Solidão que se espraia além, além... o olhar
Trem a impressão que faz a tristeza da vida:
De ir seguindo, seguindo... e nunca mais voltar.

Sobre os dias irão cahindo as noites... Vastas
Noites de um céu que é todo azul de lado a lado,
Quando, ó triste luar das planícies, afasta
Ainda mais, ainda mais, o horizonte afastado...

Mas, para caracterizar com exactidão a poesia de Vicente de Carvalho, na sua suavidade e na sua grandeza, não é preciso mais que recorrer a "Fugindo ao captiveiro" e a "Rosa, rosa de amor...", poemas em que, além de incomparaveis painéis, ha surtos dignos da velha epopéa e extremos e supplicas palpítantes do eterno lyrismo.

"Fugindo ao captiveiro" nos conduz a uma noite de geada em plena matta e em plena Serra do Mar, onde

Uns tardos caminhantes
Sinistros, meio nús, esboçados na sombra,
Passam, como visões vagas de um pesadelo...

"São captivos fugindo ao captiveiro", vindos do planalto, com destino ao quilombo do Jabaquara, em Santos, pelos annos de 1887, ás vesperas da Abolição, conforme reza a nota illustrativa da primeira edição dos "Poemas e Canções". Depois de uma soberba descripção da serra e da matta virgem, eis-nos a acompanhar a marcha dos escravos, ao compasso da inspiração que faz vibrar o nosso poeta, que o arrebata no turbilhão da furia divina, mas que, circumstancia curiosa, permitte a acuidade psychologica daquelle sua effusão á margem da narrativa épica :

Vão calados, poupando o folego. De quando
Em quando — fio d'água humilde murmurando
As tristezas de um lago immenso — algum gemido,
Um grito de mulher, um choro de criança,
Conta uma nova dôr em corpo já dorido,
Um bruxoleio mais mortiço da esperança,
A rajada mais fria arripiando a floresta
E a pelle núa; o espinho entrando a carne; a aresta
De um seixo apunhalando o pé já todo em sangue:
Uma exacerbação nova da fome velha,
A tortura da marcha imposta ao corpo exangue,
O joelho exhausto que, contra a vontade, ajoelha...

Pela madrugada, e é nada menos que aquella madrugada completa em quatro versos, "a caravana tropeja e anciosa chega ao tope da Serra". E' a luz do dia que os illumina, já perto do Jabaquara! Salvos! E os escravos começam a descer a Serra, os miseraveis, liberdade agora ao alcance da mão, almas sacudidas de um insano contentamento. Descem rindo e a cantar, vão descendo a Serra, vão descendo, descendo, mas eis senão quando... Deixemos falar, bradar sózinho o poeta, nos lances culminantes :

De repente, como um agouro e uma ameaça,
Um alarido de vozes estranhas passa
Na rajada do vento...

Estacam.

Como um bando

De ariscos caitetús farejando a matilha,
Immoveis, alongando o pescoço, arquejando,
Presa a respiração, o olhar em fogo, em rilha
Os dentes, dilatada a narina, cheirando
A aragem, escutando o silencio, espreitando
A solidão; assim, num alarmo instinctivo,
Estaca e põe-se álera o bando fugitivo.

Nova rajada vem, novo alarido passa...

Como, topando o rastro inda fresco da caça,
Uiva a matilha enquanto inquire o chão agreste,
E de repente, em furia, alvorocada investe
E vae correndo e vae latindo de mistura;
Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura,
E morro abaixo vem ladrando-lhes no encalço.

Grita e avança em triumpho a soldadesca ufana.

.....

Agrupam-se, vencidos,
A tremer, escutando o tropel e os rugidos
Da escolta cada vez mais em furia e mais perto.

.....

Destaca-se do grupo um fugitivo. Lança
Em torno um longo olhar tranquillo, de esperança;
E diz aos companheiros:

“Fugi, correi, saltæ pelos despenhadeiros;
A varzea está lá embaixo, o Jabaquara é perto...
Deixai-me aqui sózinho.
Eu vou morrer, de certo...
Vou morrer combatendo e trancando o caminho.

A morte assim me agrada:
Eu tinha de voltar p'ra conservar-me vivo...
E é melhor acabar na ponta de uma espada
Do que viver captivo”.

E enquanto a caravana
Desanda pelo morro atropeladamente,
Elle, torvo, figura humilde e soberana,
Fica, e a pé firme espera o inimigo imminent.

Hercules negro! Corre, abraza-lhe nas veias
Sangue de algum heroico africano selvagem,
Acostumado á guerra, a devastar aldeias,
A cantar e a sorrir no meio da carnagem,
A desprezar a morte espalhando-a ás mãos cheias...

Não pôde a escravidão domar-lhe a indole forte,
E vergar-lhe a altivez, e ajoelhal-o deante
Do carrasco e da algema:
Sorri para o suppicio e a fito encara a morte
Sem que lhe o braço trema,
Sem que lhe ensombre o olhar o medo supplicante.

Erguendo o braço, elle ergue a fouce: a fouce volta,
E rola sobre a terra uma cabeça solta.
Sobre elle vem cruzar-se o gume das espadas...
“Ah, prendel-o, jamais!” respondem as fouçadas
Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.
De lado a lado o sangue espirra a jorros... Elle,
Agil, possante, ousado, heroico, formidando,
Faz frente: um contra dez, defende-se, e repelle.

E não se entrega, e não recúa, e não fraqueja.
Tudo nelle, alma e corpo ajustados, peleja:
O braço luta, o olhar ameaça e desafia,
A coragem resiste, a agilidade vence.

E, coriscando no ar, a fouce rodopia.

Afinal um soldado, ébrio de covardia,
Recúa; vae fugir... Recúa mais; detem-se:
Fóra da luta, sente o gosto da chacina;
E vagarosamente alcando a carabina,
Visa, desfecha.

O negro abrira um passo á frente,
Erguera a fouce, armava um golpe...

De repente
Estremece-lhe todo o corpo fulminado.

Cae-lhe das mãos a fouce, inerte, para um lado,
Pende-lhe, inerte, o braço. Impotente, indefeso,
Illumina-lhe ainda a face decomposta
Um derradeiro olhar de affronta e de desprezo.

Como enxame em furor de vespas assanhadas,
Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta,
E retalham-no á solta os gumes das espadas...

E retalhado, exausto, o lutador vencido
Todo flammeja em sangue e expira num rugido.

Cumpre notar a propriedade exemplar das circumstancias e do ambiente, e como o leitor é levado a acompanhar a acção não tanto pelo que vae ouvindo ao nosso poeta, mas pelo que, a bem dizer, presencia em sua companhia, no mesmo tropel e na mesma arrancada sublime. Para tanto, Vicente de Carvalho havia forçosamente de beber a goles prolongados naquelas fontes immortaes que se chamam Homero e Camões, e ha mesmo accentuados vectigios daquelle em “Fugindo ao ca-

ptiveiro", quando o autor se vale de comparações para reforço da narrativa: o bando de ariscos caitetús farejando a matilha, a tropega boiada que se arrasta pela areia adusta de uma estrada, o enxame em furor de vespas assanhadas, á semelhança das que, a espaços, vão intercaladas na "Iliada". De Camões elle possúe a humanidade, o bom senso, a solidez, a attenção constante á lição da experienzia da vida, a isenção, a tolerancia dos que conheceram a natureza humana. E mais a lingua, o vernaculo, o ouro velho, quero dizer, a prata de casa que o soberano poeta nos herdou e que o nosso conserva e accrescenta e aprimora, com o zelo de que faz prova qualquer de seus versos.

E finalmente "Rosa, rosa de amor...", esse poema unico, sem precedentes em nossa poesia, a toda e qualquer luz. Em que consiste a "Rosa, rosa de amor...?" Oh! a historiazinha galante de uns olhos verdes por uma certa manhã de sol e por tantas horas de amor, como podeis imaginar... De repente, porém, e tudo exigia que assim succedesse, de repente aquella "Primeira sombra", por onde a historiazinha se eleva ás alturas de um drama:

— Mal me quer... bem me quer...
— Será preciso
Que uma flor assegure o que digo e tu vês?
O meu olhar, pousando em teu sorriso
Mostra-te que és amada e adivinha que o crês.

— Mal me quer... bem me quer...
— E, commovida,
Tremes, como esperando uma sentença atroz...
Supões que espalhe a noute em nossa vida
A sombra de uma flor p'erpassando entre nós?

— Mal me quer... Mal me quer... Desde hontem quando
Faltaste, adivinhei tudo que a flor me diz.
Tenho-te junto a mim e fito-te chorando;
Beijas-mé ainda, e já não sou feliz.

Sinto que és meu, aperto-te em meus braços
E, no pavor de um sonho angustiado e sem fim,
Ouço como um rumor fugitivo de passos
Que te afastam de mim...

Dize que estou sonhando, que estou louca!
Jura que sou feliz, que os teus dias são meus,
E que o beijo que ainda orvalha a minha bocca
Não é tua alma que mé diz adeus.

A amorosa doçura do teu verso
Ecoou em minha alma; em teu verso aprendi
A soletrar o amor, o Amor — esse universo
Radioso, immenso, e resumido em ti.

A tua voz chamou-me; eu escutei-a
 E segui-a, ditosa, a sorrir e a sonhar...
 Fala-me ainda de amor! Não te cales, sereia
 Que me attrahiste para o azul do mar!

Minha alma, envolta em trapos de mendiga,
 Vae seguindo, no chão, do teu passo o rumor.
 Não me deixes! Serei a sombra que te siga,
 Sem indagar onde me leva o amor.

Não me abandones! Ama-me! A risonha
 Aurora inunda o céu todo afogado em luz...
 Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me! Sonha,
 Pousada a fronte nos meus seios nus!

Que alegre madrugada cor de rosa,
 Ser amada por ti, claro sol que tú és!
 Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, gosa
 Toda esta primavera estendida a teus pés.

Bem amado que, como um passaro num ramo,
 Vieste acaso pousar o vôo no meu seio,
 Não me deixes! Eu quero ouvir ainda o gorgorio
 Em que teu beijo é que dizia: "Eu te amo!"

Segue-se o "cahir das folhas", e a "desilludida" que insiste tristemente. Vem a "saudade" daquelle que, por se não perder, a perdeu. Vem a justificação cruel do mal necessário e vem, sobretudo, aquella orvalhada de lagrimas que se crystallisam na "Ultima confidencia" da heroína:

— E se acaso voltar? Que hei de dizer-lhe, quando
 Me perguntar por ti?
 — Dize-lhe que me viste uma tarde, chorando...
 Nessa tarde parti.
 — Si arrependido e ancioso elle indagar: "Para onde?
 Por onde a buscarei?"
 — Dize-lhe: "Para além... para longe..." Responde
 Como eu mesma: "Não sei".

Ai, é tão vasta a noite! A meia luz do occaso
 Desmaia... anouteceu...
 Onde vou? Nem eu sei... Irei seguindo ao acaso
 Até achar o céu.

Eu cheguei a suppôr que possivel me fosse
 Ser amada — e viver.
 E' tão facil a morte... Ai, seria tão doce
 Ser amada... e morrer!...

Ouve: conta-lhe tu que eu chorava, partindo,
 As lagrimas que vês...
 Só conheci do amor, que imaginei tão lindo,
 O mal que elle me fez.

Narra-lhe transe a transe a dôr que me consome...
Nem houve nunca igual!

Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome
No soluço final!

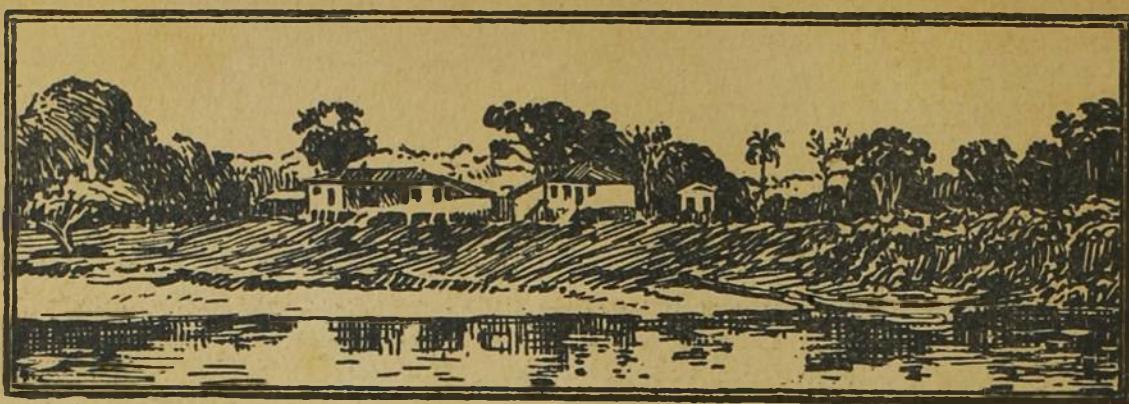
Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a bocca
Que o seu beijo não quiz:
Golfa-me em sangue, vês? E eu, murmurando-o, louca!
Sinto-me tão feliz!

Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quasi o odeio,
Occulta-lh'o! Senhor.
Eu morro!... Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o
Até morrer... de amor.

Poema unico, sem precedentes em nossa poesia, repito, "Rosa, rosa de amor..." certissimamente não terá jamais a "cor murchada", como a não tem o episodio daquella outra "misera e mesquinha" que, ha tres seculos e meio, com a sua frescura e o seu perpetuo amanhecer, vem desafiando as injurias do tempo.

O "Bardo" de Goethe, chamado pelo rei a cantar na sala do palacio, cerra os olhos e deixa irromper sua potente voz. Cavalleiros e damas penetram-se do encanto, e o rei, não menos encantado, ordena que lhe tragam uma cadeia de ouro para recompensar o velho bardo. Comtudo o bardo a rejeita: que ella seja dada a outrem, aos cavalleiros, por exemplo, cujo valor despedaça as lanças inimigas. O bardo canta como um passaro canta no seio da folhagem, e os suaves sons que lhe brotam dos labios, que melhor recompensa? Mas um favor elle vae pedir ao rei, este favor sómente: que lhe seja servido vinho, a elle bardo, na mais bella das taças — uma taça de ouro puro.

Não precisariamos, nós outros, pedir ao rei o excelso dom: a poesia de Vicente de Carvalho pôde ser para nós essa taça de vinho!

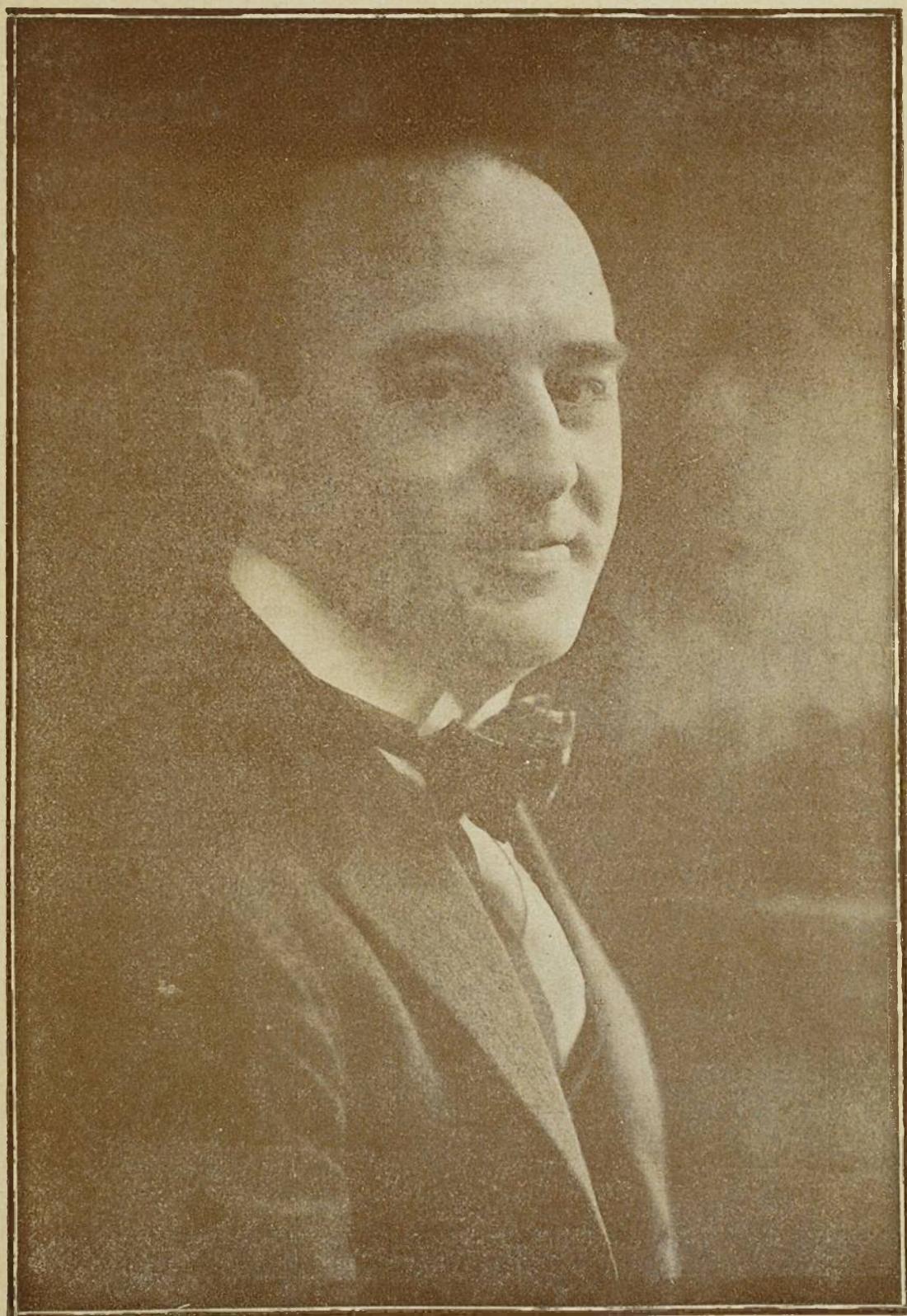


A ANGUSTIA DO SILENCIO

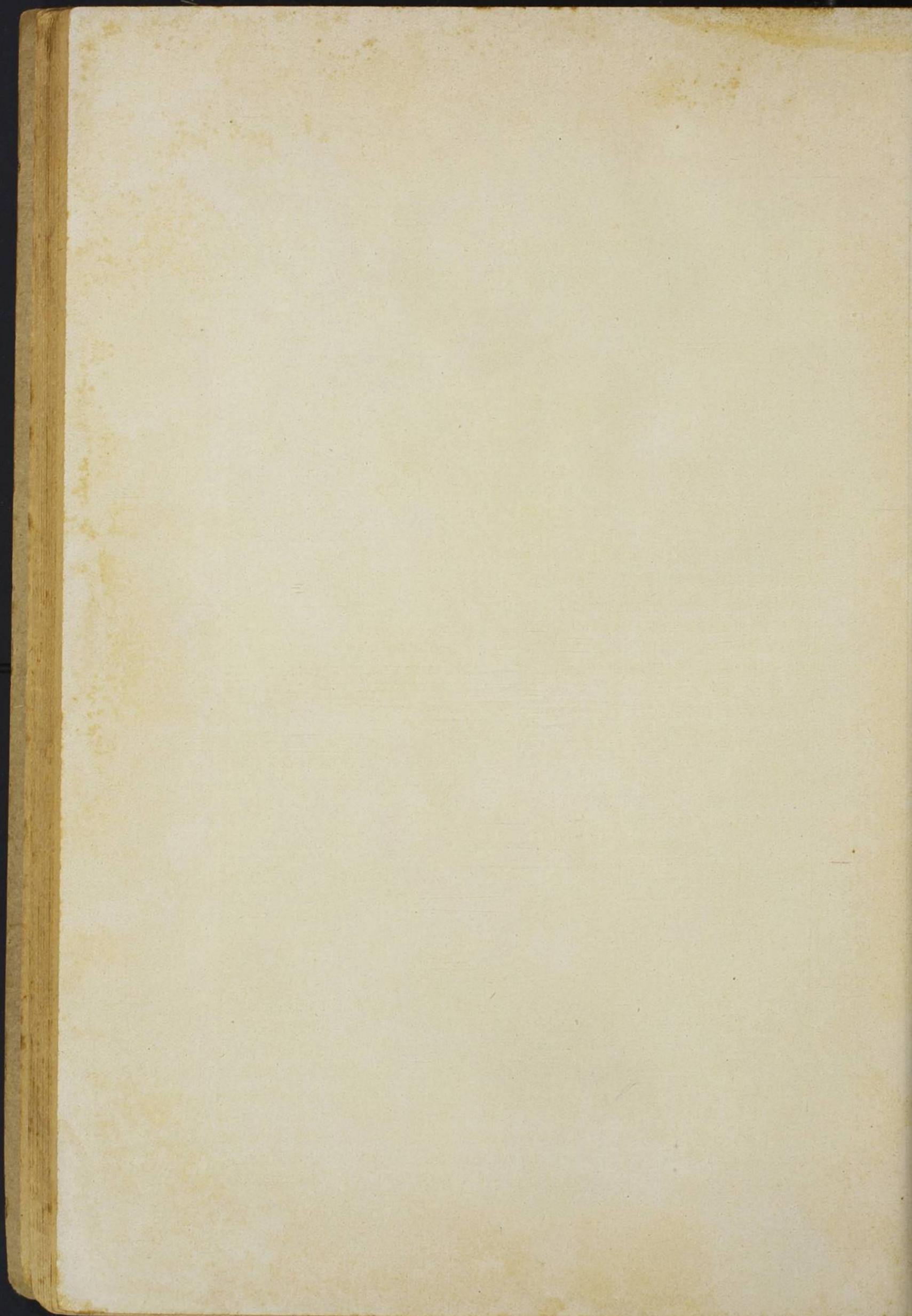
LINDOLPHO ESTEVES

Há cerca de quinze dias, depois de um trabalho quasi ininterrupto de oito horas na correcção da minha obra "Evolução da poesia lyrica no Brasil", these que pretendo publicar pelo Centenario e que me absorve todas as folgas da vida agitada, tomei ao acaso um livro de assumptos abstractos, si me não engano a "Psychologie Anglaise", de Ribot, tentando ler-lhe um capítulo qualquer. Sempre ouvi dizer, e creio até poder afirmal-o de experencia propria, que o espirito descansa com a variação do estudo.

Nessa tarde, ventava extraordinariamente, achava-me encerrado, de vidraças descidas, na sala de visitas que tambem me serve, conforme as necessidades, de gabinete de leitura e casa de jantar. Minha habitação é pequenissima; vivo absolutamente só; mas ficando a dez passos da estação da estrada de ferro, visinhando, de mais a mais, com a Alzira, meninota cantadeira, força é convir, não é refugio adequado para quem escreve theses de poesia lyrica e se preocupa com psychologias estrangeiras, maxime com a "Psychologie Anglaise", de Ribot... Todo o rumor citadino entra-me em turbilhões de poeira vermelha, desafinado pela garganta daquella infeliz "prima-dona", ao compasso "tan... tan..." do malho, "tan..." do ferreiro que mora de fronte, "tan... tan... tan...", monotona gotta de ferro cahindo na bigorna, como um pingo de agua, somnolento, por noites de chuva, numa bacia de folha de Flandres... Fiz um enorme esforço para concentrar toda a minha attenção na pagina aberta de Ribot e por isso, certamente, se deu o phénomeno estranho, a que eu, para não deixar sem protesto a classificação do Doutor Cerqueira, velho curandeiro da terra,



Cesáreo B. de Quirós



chamei, á falta de melhor denominação: "A Angustia do Silencio". Antes de tudo, uma observação aos leitores: tenho excellentes motivos para considerar-me perfeitamente equilibrado; não ha caso algum de nevrose em meus antepassados, oriundos de duas vergonteas sadias e rijas do Alemtejo; sou robusto; nunca estive enfermo. Conheço nevroses extravagantes, por exemplo, a surdez do Gilberto; mas esse, evidentemente, é um tarado. Confidenciou-me elle, sou o unico sabedor do caso, que de tempos a tempos, é atacado de uma surdez exquisita, que vem estudando ha muito e já conhece em quasi todas as suas modalidades. Nessas crises, disse-me, fica completamente surdo ás vibrações de algumas notas das oitavas do piano, mais frequentemente dos "mi" e dos "lá". Gilberto é excelente pianista; tem mesmo um premio qualquer do Conservatorio. Para mostrar-me os effeitos da sua bizarra anomalia auditiva, executou-me uma tarde, ao piano, diversos trechos de musica, entre elles a valsa de Brahms de que sou apaixonado, supprimindo-lhes os "mi" e os "lá". Mas, ignorante como sou em cousas de musica, não pude perceber-lhes nitidamente as mutilações.

Creio que muitos leitores estão, como eu, nas mesmas condições de incompetencia musical. Comprehende-se a cousa melhor por uma imagem visual. Tome-se uma phrase qualquer, seja o verso de Bilac:

"Quando uma virgem morre, uma estrella apparece"...

Supprimam-se as vogaes "a" e "e" e escreva-se:

"Qundo um. virg.m morr. um. .str.ll. .pp.r.c."

Supponha-se que os "a" e os "e" representam os "mi" e os "lá" do trecho musical e ter-se-ão, num simile grosseiro, as sensações musicaes do Gilberto nas suas crises de surdez. Este caso bem estudado faria a reputação de meia duzia de psychologos. A surdez musical—a "amusia" dos tratados, é ainda muito imperfeitamente conhecida. O que se deu commigo, porém, é cousa diferente. Foi talvez devido, já o disse, á concentração do pensamento na pagina do Ribot. Lembro-me claramente: as vidraças descidas trepidavam ao abalo dos automoveis, "tan... tan..." A Alzira desafinava o espasmodico estríbilho: "Mimóoosa"..." "tan"..." "Mimó..." E foi como se se apagasse a unica lampada dentro de um quarto fechado; não acho melhor comparação para aquelle silencio subito que se seguiu; era como que as trevas absolutas dos meus ouvidos...

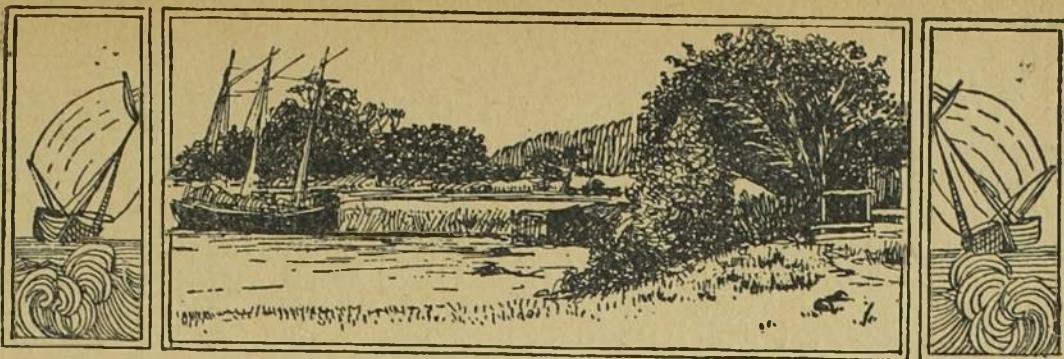
Tudo se calara. "E' exquisito!" exclamei, sem ouvir a minha propria voz.

Numa angustia puz-me de pé; a cadeira veio ao chão, silenciosamente, como uma nuvem cahindo sobre outra nuvem. Cheguei até a janella: o Vicente, de avental de couro e chapéu enterrado até os olhos, (sempre pensei que a cabeça delle não tem outra serventia senão a de cabide do chapeu...), martellava num "tan... tan..." que não se ouvia, com um malho de algodão uma foice rubra como um pedaço de sol poente... Automoveis phantasticos deslisavam sobre rolos de poeira... Tomei um diccionario; atirei-o de encontro a um vaso cheio de rosas frescas. Toda uma rima de livros despencou do aparrador e entre cacos de porcellana azul espalhou-se pelo assoalho, no silencio impressionante das catastrophes cinematographicas... Não sei; mas talvez porque na vida tudo se move, chora, palpita ou ri e porque o silencio e o repouso são attributos exclusivos da Morte, sempre senti, repetindo a experientia da campainha no vacuo, classica em Physica, o mesmo terror que invade os navegantes ao penetrarem nessas "Aguas mortas" paralysadoras das helices dos navios... Não me pude conter: com um grito que devera ser lancinante na minha assombrosa afflicção, arrojei contra a vidraça tudo o que achei ao alcance das mãos: tinteiro, livros, sinetes...

Meia hora mais tarde voltei a mim. Estava deitado na cama e o Doutor Cerqueira, murmurava-me ao ouvido: "Não foi nada, seu "poeta"!... Este "poeta" vem sempre dos labios do Cerqueira, acondicionado em risinhos de mofa, como balas de chocolate em papel prateado. Tenho-lhes especial ogreira: ás balas de chocolate e aos "poetas" do Cerqueira: "Foi um accesso passageiro, mais juizinho, meu caro!..."

Ha tres dias soube que em conversa, na pharmacia, unico cenaculo de intellectuaes da terra, o doutor classificou o meu caso de "loucura momentanea". Elle, porém, é um asno chapano, useiro e abuseiro da "foi qui guerit", de Charcot. Agora, lendo o "Psychisme Inferieur", explico muito mais agradavelmente para o meu amor proprio aquelle acontecimento, por uma dissociação momentanea dos centros O, Aa do polygono de Grasset. Com isto hei de entupir o Cerqueira. Espero sómente uma sessão solemne do cenaculo com vigario, juiz e director do Grupo, para maior brilho da minha victoria. Estou certo que o Doutor Cerqueira jamais ouvio fallar de Grasset, muito menos do seu polygono; si a unica cousa que elle estuda a serio na vida e experimenta "in vivo" é a "Arte de criar cachorros de raça!..."

(Das *Novellas Phantasmagoricas*.)



IMPORTANCIA DA RIQUEZA MINERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES

AS CONTRIBUIÇÕES GEOLOGICAS NO BRASIL

O MAPPA GEOLOGICO DE BRANNER

MIGUEL ARROJADO LISBÔA

II

FICA assim posta em relevo a importancia que tem hoje para as nações a posse e a exploração das riquezas mineraes usuaes e é nessa predisposição de espirito que devemos julgar do valor, da oportunidade, do interesse especial que representa, para nós brasileiros, a recente publicação do Professor John Casper Branner, Presidente emérito da Universidade de Stanford, na California: RESUMO DA GEOLOGIA DO BRASIL e que acompanha o respectivo mappa confeccionario pelo proprio autor (6).

Entre os scientistas estrangeiros que se têm ocupado das nossas cousas, a figura de Branner toma um grande destaque e, pela sua singeleza tocante, pelo desprendimento com que nos tem servido, pela dedicação e amor que vota á nossa terra, desde 1874, quando aqui pela primeira vez aportou, a sua personalidade bem merece a nossa afição (7).

David Jordam, rememorando os tempos de Cornell, conta-nos como era então conhecido no meio universitario o joven "Jack" Branner: "um grande jovial e caloroso entusiasta, dotado de uma rara intuição

(6) *John Casper Branner.* — Resumo da Geologia para acompanhar o mappa geológico. Edição brasileira, traduzida pelo autor, do *Bulletin of the Geological Society of America*. Vol. 30, pags. 189-338. Publicada em 30 de Junho de 1919.

(7) *David Starr Jordan.* — Carta particular de 12 de Setembro de 1919 relativamente ao autor do Mappa Geológico.

do lado humoristico das cousas, um dedicado e diligente estudante de sciencias". Esse "Jack" de 1870, membro, com Jordan, do grupo fraternal de estudantes — o *Delta Upsilon* — é, sem mudanças características, o mesmo Branner de 1921, apenas accrescido em annos e em serviços: tem intactos o mesmo espirito jovial, o são oportunismo, os mesmos entusiasmos pelas suas sciencias, a mesma intelligente generosidade; apenas do seu semblante envelhecido, mais transparece a sua bondade, em contraste flagrante com a sua forte e espaduada corpulencia.

Relata Mrs. Susane Branner, a digna consorte, que as rudes montanhas do seu paiz natal e a vida solta que desfructou nas plantações da herdade paterna, despertaram cedo em seu esposo o amor pela natureza. O solar do velho Branner erigia-se ao alto de uma elevada collina: da sua portada dominava-se, em seu pendor, o pittoresco valle do *Frenchbroad river*, enquanto das suas mansardas, bem divisava-se, rio acima, a successão enrugada dos comoros e meias-laranjas a se debaterem na paizagem, até se transmudarem no azul empastelado das montanhas distantes de *Great Smoky*.

Mas, com a guerra da secessão, foi esse scenario o campo preferido de muitas batalhas e a fazenda dos Branner arruinada; Jack não se conformou com a situação no sul e, finda a luta, para fugir a certa promiscuidade consequente, incompativel com tradições que ainda conservava, tres annos mais tarde, aos 18 annos de idade, em 1870, implantou-se em Cornell, então Universidade incipiente, para se dedicar ao estudo das sciencias naturaes.

Cornell passava então por uma phase de acceso interesse pelas cousas do Brasil, pela circumstancia de estar alli a reger a cadeira de geologia Charles Frederic Hartt, antigo assistente de Louis Agassiz, em Harwrd, e seu companheiro na jornada ao Brasil, de 1864 a 1865.

No anno em que Barnner entrou para a Universidade, publicava Hartt a sua *Geographia Physica do Brasil*; foi esse tambem o da sua terceira viagem scientifica á nossa terra, quando como assistente veio Orville A. Derby, cuja actividade entre nós havia de se tornar celebre.

Um grande interesse offerece-nos, pois, o desenrolar desse movimento scientifico que teve, na época, por centro aquella Universidade, e vale a pena, partindo de suas origens, abranger num relance o seu historico, seguir-lhe rapido a marcha, pôr em saliencia as varias correntes que gerou e as outras que se lhe foram aggregando, até se constituir entre nós a moderna sciencia geologica. Uma consideração interessante resultará, é certo, desse rapido esboço: o papel saliente que, no desenvolvimento das sciencias geographicas em nosso paiz, representou o optimismo contagioso de certos espiritos pelas cousas da nossa terra. Esses entusiasmos communicativos que, como élos de uma mesma cadêa iam prendendo sucessivamente, no correr do tempo, mestres a discípulos, que inspiravam a generosidade de amigos e a dedicação de colaboradores, constituiram um factor de grande importancia para a continuidade, nunca interrompida até nossos dias, desse prolongado esforço scientifico, verdadeiramente iniciado pelos viajantes naturalistas allemaes do começo do seculo XIX, e cuja synthese preciosa, sob o ponto de vista geologico, encerra o presente volume do Prof. John Casper Branner.

As explorações scientificas de Spix e Martius pelo interior do Brasil, de 1817 a 1820, foram muito celebradas, e constituiram seguramente um dos factos mais notaveis do desenvolvimento das sciencias naturaes do Brasil. Com a exploração contemporanea de Pohl, as de Spix e Martius assignalaram, sob o ponto de vista scientifico, o primeiro

desbravamento da vasta terra brasileira, e do seu alcance se pôde ajuizar pelo marcado interesse que tais expedições despertaram nos centros científicos por muitos decennios successivos.

Quando os sabios academicos da expedição bavara se recolheram a Munich, encontraram completas as suas coleções e recolhidas a um Museu especial — o *Museu Brasileiro* — pela magnanimitade de Maximiliano José. Sete annos depois de chegado á Baviera ainda trabalhava Spix na classificação dos peixes brasileiros, mas, em 1826 ocorreu a sua morte, e Martius entregou todo esse material a Louis Agassiz, um jovem estudante que, esquivo á vigilancia paterna, se esforçava por dedicar-se, em Munich, ao estudo das sciencias naturaes.

Com pouco estava terminado o trabalho — *Selecta genera et especies piscium...* e, do seu merito, deu Cuvier um valoroso testemunho abandonado, em 1832, nas mãos do Agassiz, então nos seus 25 annos, todas as notas e o material que collecionara para a redacção de um trabalho geral que aquelle "antecipara", disse. (8)

Mas, no convívio íntimo de Munich, foi que Martius inspirou ao discípulo o desejo ardente que veio a ter de visitar a nossa terra e de nella trabalhar pela ciência. "Eu aprecio especialmente nossas visitas a Martius porque elle nos entretem sobre a sua viagem ao Brasil de onde voltou ha alguns annos....", escrevia, de Munich, em 1827, a sua irmã Cecilia. (9)

De como Martius deveria incutir no espírito dos que o rodeavam a sua admiração pela nossa terra, diz-nos aquella descrição memorável que nos deixou do dia amazonico. São páginas traçadas com esmerada arte e segura ciência e dão-nos, de certo, a melhor lição, jamais escrita, concernente á nossa natureza equatorial; na literatura universal nada existe que as exceda como relato ao triumpho da natureza. Devemos a Capistrano de Abreu o mérito de tel-as desenterrado, em primoroso vernáculo, oitenta e nove annos depois de escritas em germanico, e para que não fiquem por outros tantos ainda perdidas nas folhas de um diário damos-a a seguir em transcrição integral. Também é lição para mostrar que em literatura a grande arte requer sabedoria. (10)

Pará, 16 de Agosto de 1819

"Quão feliz me sinto aqui, com que profundeza e intimidade penetra-me agora a intelligencia tanta cousa antes in-accessível! A santidade deste logar, onde todas as forças se reunem harmonicamente e unisonas entoam um hymno triumphal, amadurece os sentimentos e as idéas. Julgo comprehender melhor o que é ser naturalista. Mergulho quotidianamente na grandiosa e indizível tranquilidade da natureza, e se ainda não posso apanhal-a em sua pragmática divina, já o presentimento de sua magnificência impregna-me de um alvoroço delicioso, nunca experimentado antes.

"São tres horas da madrugada; levanto-me da rede, pois o somno foge de minha excitação; abro as janellas e miro

(8) *Louis Agassiz, his life and correspondence*, edited by Elizabeth Cary Agassiz, pag. 166.

(9) *Louis Agassiz, his life... etc.*, pag. 57.

(10) *Dr. John Bapt. von Spix und Carl Friedr. Phil. von Martius. — Reise in Brasilien.* III Th., pags. 889-893. A tradução de Capistrano foi publicada no "Jornal do Commercio", do Rio, em 16 de Agosto de 1908.

"a noite sombria, augusta. Solemnes fulgem os astros, e o
"rio brilha ao reflexo da lua que se vai pôr. Como tudo
"está mysterioso e tranquillo em roda de mim. Ando com a
"lanterna surda pela fresca varanda e considero meus ca-
"ros amigos as arvores e os arbusto que cercam a vivenda!
"Muitos dormem com as folhas conchegados, outros, os
"que dormiram de dia, expandem-se tranquillamente á noite
"mansa; poucas flores estão desabrochadas, só vós, odorí-
"feras sebes de Paullinias, acolheis com o mais fino aroma
"o peregrino e tu, excelsa, frondosa mangueira, cuja copa
"densa me resguarda do orvalho da noite. Como phantas-
"mas esvoaçam as borboletas nocturnas á volta da luz en-
"ganosa da minha lanterna. O orvalho embebe cada vez
"mais os campos frescos e o ar da noite pousa humido
"sobre os membros aquecidos. Uma cigarra que mora na
"casa, chama-me outra vez para fóra com seu estribillo
"discreto e dá companhia ao meio-sonhador feliz que
"aguarda o dia, conservando-o acordado ao zumbido dos
"mosquitos, aos golpes de um sapo-boi que semelham tim-
"bales, ou ao grito queixoso do caprimulgo.

"Pelas 5 horas vejo a manhã que surge em roda; um
"pardo fino e igual fundido com o vermelho matutino que
"alegra e inunda o ceo; apenas o zenith fica mais escuro.
"As formas do arvoredo approximam-se cada vez mais, o
"terrall levanta-se ao Oriente e move-se lento; brilham já
"luzes e reflexos de um vermelho roseo noz zimbórios do
"piqui, do castanheiro, da seringueira. Os ramos, as folhas
"movem-se; os sonhadores acordam e banham-se no ar
"fresco da manhã; voam cascudos, zunem mosquitos, gri-
"tam aves, papeando macacos voltam a trepar nas brenhas;
"as borboletas nocturnas, ariscas á luz, recolhem-se titu-
"beantes ao seu ninho florestal; nota-se agitação pelos ca-
"minhos; os roedores tornam aos esconderijos, e as martas
"astutas fogem de vagar das gallinhas que um gallo espe-
"ctaculoso convoca.

"O ar vai-se tornando cada vez mais claro; o dia neben-
"ta; a natureza reveste-se de pompa indescriptivel; a terra
"aguarda seu noivo e vêde! Lá vem elle, como raio ver-
"melho fulge a fimbria do sol; agora ergue-se o sol; em
"um momento domina inteiro o horizonte, emergindo de
"vagas de fogo e atira candentes raios sobre a terra. Cede
"odiluculo mago, grandes reflexos fogem, accosados de
"escuridão em escuridão; de subito o contemplador arrou-
"bado defronta a terra no luzimento fresco do orvalho,
"festiva, juvenilmente alegre, a mais formosa das noivas.
"Nem uma nuvemzinha no ceo que, immaculado, cobre a
"terra. E' tudo vida: plantas, animaes gozam, luctam.

"Pelas 7 horas começa a desapparecer o orvalho, o terrall
"cede um pouco, nota-se já o calor crescente. O sol ascende
"rapido e a prumo o ceo azul, claro e translucido, em que
"todos os vapores se dissolveram por igual, até que mais
"tarde, no horizonte occidental, formam-se flocozinhos
"brancos que apontam contra o astro e paulatinamente
"avultam pelo firmamento afora. Pelas 9 horas o campo
"fica secco de todo: a matta queda-se ao brilho de suas
"lauraceas, umas flores desabrocham, consumiu já outras o

"gozo rapido do amor. Mais uma hora e as nuvens acastellam-se lá em cima, afeiçoam-se em massas largas e espesas e transitam obscurecendo e ás vezes refrigerando o sol que avassalou a paisagem em toda a sua plenitude luminosa.

"Palpitam as plantas sob os raios solares chamuscantes e perdidas entregam-se á excitação potente. Cascudos de azas douradas e beija-flores chilream alegremente; variégadas borboletas e libellulas divertem-se na praia em animado jogo de cores; pullulam pelas veredas formigas que em correições extensas accarretam folhas para seus edificios. Tambem os animaes preguiçosos sentem a excitação solar; o jacaré levanta-se do tijuco da margem inferior e installa-se na areia quente; tartarugas e lagartos são attrahidos de seus recessos humidos; cobras de cores cambiantes umas, outras de cores mortas, serpeiam pelas quentes e luminosas picadas. As nuvens vão baixando, esgarçam-se em camadas; cada vez mais profundas, mais espessas, mais desbotadas envolvem o horizonte azul pardacento; para o zenith adaptam-se em massas claras, ampli-derramadas, copias de montanhas gigantescas no ar. De chofre cobre-se todo o ceo, apenas num ponto ou outro espia o azul profundo; esconde-se o sol, mas tanto mais quente reverbera o ar na paisagem.

"Passou meio-dia: torva, pesada, melancolica, pesa esta hora sobre a natureza, e cada vez mais alastrá a pressão e sobrevem o mormaço que a luz do dia gerou. A fome e a sede debandam os animaes; só os animaes tranquillos, preguiçosos, refugiados na sombra das mattas, nada suspeitam da crise da natureza.

"Mas não tardará: inelutavel, a passo accelerado, vai rebentar: já vai resfriando o ar, furiosos os ventos arremetem uns contra os outros, escarvam a matta e depois o mar, que se agita cada vez mais negro, e os rios que escuros parecem escorrer silenciosos, abafados e sem murmurio pela ventania.

"Ahi vem a tempestade! duas vezes, tres vezes um raio pallido traspassara as nuvens: o trovão ruge lento, tranquillo, tremulante: cahem gottas. As plantas respiram novamente do seu torpor; outro trovão, e não chuva, cordas d'agua despede agora o ceo combalido A matta arqueja; o cicio das folhas postas em movimento passa a sussurro, a rufo surdo que atrôa longe. Oscillam flores, despenham-se galhos quebrados, troncos apodrecidos: com violencia o furacão arrebata o ultimo encanto da virginidade das plantas prosternadas. E porque não? Não floresceram já e amaram? o ingá não enrugou seu estame exhausto? a banisteria não deixou já cahir as folhinhas douradas do calice fecundado. A espiga de Arun não entregou já ao temporal o capulho murcho prenhe de grãos?

"Tambem o mundo animal sente o sossobro dessa hora tremenda. Mudo, horrorizado, o aviario da matta adeja pelo solo; as especies sem conta de insectos procuram guarida debaixo das folhas nos troncos; dissuadido de guerra e morticinio o mamifero suspende a caçada; só os amphibios, de sangue frio, folgam com o diluvio que

"desaba, e em milhares de vozes atroam os côros das rãs "e pererecas, nas vargens humidas. Nos regatos murmura a "água turva atravez das picadas para o rio ou perde-se "nas gretas do solo. Cada vez vai baixando a temperatura "do ar, as nuvens esvaziam-se gradualmente, mas apenas "por curto espaço, e a temperatura está pesada. Rejuvenescido de explendor resurge o sol de extensas camadas "de nuvens que cada vez vão se apartando mais, mergulhando para o sul e para o norte e, como pela manhã, em molduram em figuras tenues e leves o campo azul do firmamento. Ceruleo já sorri o céo para a terra que em pouco esqueceu seu terror. Uma hora mais tarde já não ha mais vestigio de temporal: em novo frescor, enxutas "pelo raio quente do sol, aparecem as plantas, o animal "de novo move-se seguindo seu velho costume obedecendo "aos instintos hereditarios.

"Assim approxima a tarde, as novas nuvens apparecem "entre flocos brancos no horizonte, emprestando um aspecto roxo ou amarelo sujo á paisagem que liga harmonicamente os altos arvoredos do fundo, o céo e o mar. "Baixa o sol e cercado das cores mais variadas desce pela porta occidental do firmamento, deixando descanso e amor ás criaturas. Com a escuridão vespertina, novos anhelos se apoderam do animal e da planta, o cochicho e o gorgorio confidenciaes aviventam as sombras da matta; "uma aspiração renovada de amor respira nos effluvios voluptuosos que se desprendem das folhas novamente abertas; a natureza entrega-se á força poderosa da sexualidade. Remancham ainda clarões avulsos no crepusculo do sol poente á volta dos cabeços e já na frescura silenciosa marcha tranquilla, meiga e fantastica, vai caminhando a lua argentea sobre a matta escura e as figuras fundem-se em formas novas, mais suaves. Sobreven a morte, e a natureza mergulha no sonno e no sonho e o ether encurvando-se, immensuravel, sobre a terra, brilhando com testemunhas innumerias de magnificencia longinqua, instilla humildade e confiança no coração do homem, dons os mais divinos após um dia de contemplação e de gozo.

"Na mesma sequencia notada neste quadro igual apparem dia a dia, aqui no Pará, pelo menos durante grande parte do anno, os mesmos phenomenos naturaes. Com magnificencia regular, traz cada hora as mesmas tensões, as mesmas distensões das forças naturaes, e cada criatura apparece no momento prescripto sobre o grande palco, representa e perde-se em seguida na multiplicidade dos figurantes. Cada uma obedece ao instincto proprio de sua existencia, e comtudo não passa de servo das leis geraes: "cada uma parece só ter em vista a si propria, e comtudo está inteiramente subordinada á communidade; mas o homem, alhures acostumado a marcar a hora das epochas universaes só por sua consciencia, reconhece naquellas pulsações valentes os ponteiros que marcam as horas da natureza. E esta successão regular e de ante-mão determinada dos phenomenos deve se revelar com maior nitidez exactamente aqui sob o Equador.

"Por toda a parte nossa terra está subjugada e por assim dizer sujeita ao serviço do astro Supremo; mas só aqui, onde o sol a distancia sempre igual prescreve sempre as mesmas leis, os actos da vida terrestre impostos por elle aparecem quaes movimentos livres e a terra dirse-hia antes alliada, não serva do astro que manda no ceo. Como são diversas as cousas ao Norte e ao Sul, onde a terra, não por apego pacifco, mas sob captiveiro hostil tem de sujeitar-se ás condições mais diversas, e ás transições violentas e procellosas de uma para outras.

"O contraste violento das estações apaga-se nestas latitudes felizes, apenas perceptivel em diferenças fracas de extensão dos dias. A estação humida e a estação secca, o inverno e o verão mal se distinguem, pois quasi cada dia alterna a chuva e o sol, até certo ponto a primavera e o outono só se denunciam por periodos de vegetação. Esta, favorecida aqui por seus verdadeiros elementos vitaes, calor e humidade, insurge-se na plenitude da magestade, e a partir da borda d'agua cobre toda a terra com o exuberar forte da folhagem sempre verde.

"Muitas plantas, quiçá aquellas exactamente cuja existencia cabe nos limites mais estreitos das regiões equatoriales, com frequencia cobrem-se de flores mais de uma vez cada anno; muitas representam a epoca da primavera, outras ao mesmo tempo a do outono; entretanto na maioria desabrocham as flores nos mezes de Novembro a Março, e os fructos amadurecem de Julho a Setembro. Aquella pausa, porem, que durante o outono e o inverno septentrionaes desguarnecem a matta de sua folhagem, aqui nunca se observa, se alguma arvore perde o ornato das folhas que vão ficando velhas, nem por isso fica escalvada, pois novos rebentos substituem logo os que se perdem.

"A esta força vital, infinita, corresponde tambem a abundancia de fructos e só de nome se conhece a má colheita ou falta de colheita. Sob a inspiração de tal natureza, deve fortalecer-se o sentimento com vigor novo. "A harmonia grandiosa de todas as forças do universo que aqui defrontamos por toda a parte, parecendo por assim dizer symbolizar os destinos moraes do homem, enchia-nos de nova coragem para a vida, das esperanças mais agradaveis e daquelle alegria da alma que em lutas constantes discommodas contrariades tinhamos já quasi perdido".

Quando Agassiz, quasi quarenta annos depois, poude finalmente realizar o intento que lhe despertara Martius, escreveu:

"Para o Brasil eu fui arrastado por uma aspiração de toda minha vida..." "Desde esse tempo" — dos seus vinte annos em Munich — "o desejo de estudar essa fauna, nas proprias regiões a que pertence, tornou-se minha idéa fixa; um projecto adiado por falta de oportunidade, porem, nunca inteiramente esquecido" (11)

(11) Prof. and Mrs. Louis Agassiz. — A Journey in Brasil. Boston, 1869, pag. V.

Esse irreprimivel desejo transmittia Agassiz inconscientemente aos seus amigos, a provocar-lhes tambem o entusiasmo e até a generosidade; e daquelle e desta partilhamos largamente os beneficios, pois, nullo é o valor das collecções das nossas cousas recolhidas aos museus de outros paizes pelas expedições estrangeiras, em face dos provenitos extraordinarios que nos advieram do consequente trabalho scientifico para a revelação da nossa natureza.

Singela e tocante é a narração do sabio ao confessar sinceramente a sua surpresa quando chegou o momento de usufruir dos resultados do laço com que elle proprio, *inconscientemente*, com a sua palavra transbordante de entusiasmo, com todo o seu natural engenho, enleava á generosidade dos servidores da sciencia: "Em quanto eu chocava esses "pensamentos tive a felicidade de encontrar-me com Nathaniel Thayer, "em quem sempre encontrei um generoso amigo da sciencia. A idéa "de a elle recorrer para executar um programma dessa magnitude" — a expedição scientifica ao Brasil e principalmente á Amazonia — "não "me havia ocorrido; mas elle abordou o assumpto e, depois de mos- "trar o seu interesse pelo mesmo..." propoz-se, curto, custear a ex- "pedição. "Isso foi dito tão simplesmente e pareceu-me um tão grande "favor que a principio difficilmente acrediitei tel-o ouvido direito." (12)

A expedição de Agassiz, patrocinada pelo Imperador, pelo Governo Imperial do Brasil, conhecida por "Expedição Thayer", em homenagem á magnanimidade do seu doador, marca, como veremos, o inicio da segunda etapa no progresso da descoberta da nossa terra para a sciencia.

Da admiração de Agassiz pelo Brasil, antes de visital-o, fallam-nos fortemente as preleções que, sobre as cousas do nosso paiz proferiu durante a viagem do "Colorado", entre New-York e o Rio, dirigindo-se aos seus discípulos e collaboradores, com o fim de lhes preparar o espirito para melhor suprehenderem a nossa natureza; como manteve e visitando-a, atesta todo esse interessante diario que escreveu com Mrs. Agassiz. Não diminuiu esse seu sentimento quando, com surpresa, por volta da sua viagem, nos estudos subsequentes de laboratorio, foram sendo restringidas as especies e os generos que aos centenares julgara ter descoberto na rica fauna ichtyologica amazonica, mesmo assim ainda formidavelmente rica, nem tão pouco mais tarde depois de ter confessado outros erros que cometerra por generalizações descabidas.

Esse entusiasmo communicativo de Agassiz, até eu proprio, que não fui seu discípulo nem pessoalmente o conheci, tambem experimentei na leitura daquelle seu livro suggestivo.

Andava então pelos meus vinte annos de idade e vinha de completar as aulas de zoologia do Prof. Leonidas Botelho — mestre que tambem sabia leccionar — e iniciava-me na sciencia geologica. Não só me despertou a leitura do "Ajourney in Brazil" um maior interesse por tales estudos, como determinou a resolução que tomei de procurar uma immediata oportunidade para conhecer a Amazonia. Claro é que assim, a caça porfiada de uma occasião, não tardou a que se me deparasse o pretexto e, poucos meses depois de formado partia eu para a região do rio-mar, avido de um prolongado contacto com a sua natureza exuberante Os longos mezes passados na solidão da matta virgem equatorial, em uma quasi completa segregação do mundo civilisado,

(12) Ibid. — pag. VI.

cercado de indios e mocambeiros, ora na defensiva de seus ataques, ora confiado na protecção que me dispensavam, vivendo sob mercê dos seus fartos recursos, foram decisiva lição para a minha vida de profissional e um dos principaes fundamentos do meu entusiasmo pela minha terra. Isso devo, é certo, a inspiração desse livro, ainda hoje, para mim, dos mais seductores de quantos relatam jornadas pelo Brasil.

Quando Agassiz, em 1864, partiu de Haward para a expedição ao Amazonas, levava consigo Hartt, de 23 annos de idade, e cujo interesse scientifico pela nossa terra tornou-se d'ahi por diante a preoccupação de toda a sua vida.

Bem mais impressionante que a de Agassiz é, para nós, a personalidade de Charles Frederic Hartt e, do encanto de suas lições em Cornell, do amor que pela sua sciencia sabia inspirar aos seus discípulos, falam todos estes em um conceito unanime: "foi um professor tão raro e entusiastico quanto seductor". (13)

O quanto lhe ia n'alma a natureza da nossa terra, dizem-nos as emoções que, com maestria e parcimonia, expargiu em sua obra scientifica. Subjugado pelo grandioso scenario das montanhas do Rio, escreveu estas linhas que a um tempo exprimem a emoção do sabio e a admiração do artista ante um dos espectaculos que elle considerou dos mais maravilhosos da natureza:

"Todos os viajantes fallam da belleza romantica desta paragem e merece ella taes louvores, porque, apesar de revestida da quente verdura tropical, é realmente suissa no caracter de seus scenarios. Para o geologo que tenha uma alma qualquer, algum amor do bello, não existe scena alguma, com toda a sua fria analyse dos elementos topographicos e geologicos, capaz de dar-lhe, com mais força, a impressão de uma obra de "artista". Eu não conheço vista alguma que tanto me tenha emocionado — não só mente como observador scientifico mas como homem — quanto os arredores do Rio vistos do topo do Corcovado. Alli ha para todos nós um milhar de assumptos á observação e estudo e além disso nos accomette uma sensação parecida, porém infinitamente mais profunda e impressionante, a que experimentamos quando, em uma velha catedral, sentamo-nos para estudar a sublime creaçao dos antigos mestres.

"Quem puder se debruçar sobre o parapeito que corôa o Corcovado, a mais de 2.000 pés de altura, e contemplar em baixo o templo de palmeiras do Jardim Botanico e a silenciosa Lagôa de Freitas — um outro céo em cuja profundidade correm nuvens macias como lã — quem puder admirar os soberbos picos circumdantes, verdes, em uma primavera eterna, e tremulando aos reflexos prateados das Cecropias (embaubas) — quem puder mirar do alto as ilhas e o mar pontilhado de velas, e as laminas das ondas rastejando nas praias longas e encurvadas, e depois divisar a bahia com a cidade rematando largamente as suas curvas amplas, o mar de collinas mais longe, a magestosa Serra dos Orgãos elevando o seu grande dorso, a distancia, no admirável azul, muito acima do manto nivelado das nu-

(13) David S. Jordan. — Notas biographicas em carta particular.

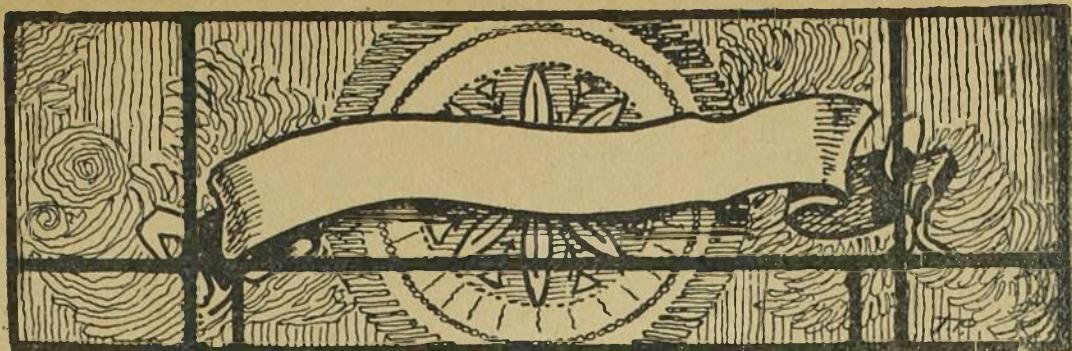
"vens, com os seus grandes minaretes fortemente destacados no ether purpureo — e puder intelligentemente considerar as leis geologicas, climaticas e todas as demais leis naturaes que determinaram os elementos de belleza e utilidade na scena, e não tiver toda a sua alma voltada para o artista cuja mãos modelou os continentes, esculpturou os seus delineamentos, derramou sobre elles os seus mantos de vegetação, povoando-os de formas "vivas", não foi além do alphabeto e da gramatica da sua sciencia, não tem idéa da litteratura da natureza..."

Em sua eloquencia o estylo é de Chateaubriand, mas, pela narração precisa, synthetica, das emoções fortes e successivas que a todos invade quando na contemplação do quadro narrado, além do artista, na armação desse texto resalta o homem de sciencia.

Orville Derby relatou-me um dia como os seus discipulos, pela arte do mestre — tanto pelas suas palavras, como pelas suas attitudes e pela sua accão — se faziam delle prisioneiros, e explicou-me como lhe fôra impossivel renunciar o proposito de proseguir aqui na obra interrompida de Hartt, embora isso o obrigasse a abandonar o seu paiz natal. Tambem foi cheio de convicção que um dia me relatou José Americo dos Santos o seu ultimo encontro com Carlos Frederico: esperava-o, em um dia do mez de Março de 1878, em um café, á rua 1.^o de Março, de volta do Ministerio da Agricultura, para onde havia ido o professor em sua ultima tentativa para o salvamento da exticta Comissão Geologica do Imperio e do seu rico material, collectado com tão grande sacrificio. Não fôra demasiada a demora, pois, com pouco, a alta figura do geologo se achegava á mesa de espera, mas, a sua physionomia não mais transbordava naquelle expressão de energia vivaz e de intelligente percepção que ainda hoje divisamos em alguns de seus retratos: os espessos e longos bigodes tombavam agora freneticamente retorcidos, o seu olhar se embaciara e, repentinamente alquebrado, cedendo-lhe as pernas, deixou-se cair a uma cadeira, repelliu com fastio a chicara que lhe embargava o repouso dos cotovellos e, pondo ambas as mãos á fronte quiz occultar a forte commoção, mas não o conseguiu: acabava de ser definitivamente desenganado quanto á possibilidade de reviver-se a exticta Comissão Geologica do Imperio do Brasil.

E, passado tres a quatro dias, victimado por violenta febre, aos 38 annos de idade, não mais fazia parte de entre os vivos, Charles Frederic Hartt, Professor em Cornell, o verdadeiro fundador da moderna geologia brasileira, tanto pela obra que elle proprio elaborara quanto pela que, aproveitando-lhe as lições, os seus discipulos concluiram.

Com Orville A. Derby e John C. Branner é que esse movimento iniciado em Cornell, entre 1869 e 1874, sob a influencia de C. F. Hartt, repercutiu até nossos dias, por cincoenta annos de um continuado trabalho. A importancia desse esforço se tornará patente com a succinta narrativa do desenvolvimento da sciencia geologica entre nós.



P O E S I A S

RONDÓ DA GLORIA

*A Gloria é o bem que me fascina
Do alto da torre crystallina
Que eu escalar 'debalde tento,
Para agitar, aberta ao vento,
Minha bandeira purpurina!*

*A' estrophe, limpida e argentina,
Da rima prendo a aza opalina,
Para subir, num pensamento,
A' Gloria!*

*Cellini a cinzelar me ensina,
Sanzio — a traçar, na tela fina,
Um vôo de anjo em céo nevoento.
Côres combino, sons invento...
E é um vago fumo, uma neblina
A Gloria!*

MAR INTERIOR

*Meu coração te espera ha quasi um anno! E um anno
 Para quem ama é a eternidade!
 E á tona deste amor, que é um agitado oceano,
 Palpita a vela da saudade!*

*No fundo deste mar habita uma Esperança,
 Canta uma lyrica sereia
 De voz de philtro, olhar celeste e fluida trança,
 Que os sonhos prende em brumea teia...*

*Este mar, minha linda, encerra maravilhas,
 Assombros, cousas fabulosas:
 — Procellas de perfume, ondas de nectar, ilhas
 D'ouro, archipelagos de rosas;*

*Claras constellações de acceza pedraria,
 Conchas de nacar, buzios cardeos,
 Grutas de malachite, enseadas de ambrosia,
 Syrtes de onyx, parceis de sardios...*

*Tudo encerra este mar, que espuma e se encapella
 E vagalhões de prantos rola,
 Mas que, sereno e azul, de perolas se estrella
 Si um teu sorriso me consola!*

RONDÓ DO AMOR

*Loiro Lyrio celeste, que amo tanto,
 Vê: não tenho repouso um só momento!
 No silencio da noite arde o meu pranto
 Como as estrellas pelo firmamento!*

*Ouve a aragem nocturna o meu lamento
 Que rebôa através deste recanto...*

*E não vens abrandar o meu tormento,
Loiro Lyrio celeste, que amo tanto!*

*Para adorar-te a imagem de almo encanto,
Por alta noite, exposto ao frio e ao vento,
Me ajoelho ao pé de um lyrio, como um santo...
Vê: não tenho repouso um só momento!*

*Dou a este amor combate mais violento
Do que os de Salamina e de Lepanto:
Em vão! o amor me vence, e, em fios, lento,
No silencio da noite arde o meu pranto!*

*Do ethereo riso que me poz quebranto
Não cicatriza nunca o ferimento.
As rimas lacrimejam no meu canto
Como as estrellas pelo firmamento!*

*E não ha de findar o soffrimento
Que o olhar me cobre de uma nevoa, enquanto
Não me envolveres, como em pallio bento,
Do teu cabello no macio manto,
Loiro lyrio celeste!*

GUSTAVO TEIXEIRA.

SULAMITA

*Sorgi, diletta, mia!
Sorgi dal talamo! vieni, o gentil!
CAVALOTTI.*

*Por que não vens? Meu leito está, de ha muito, á espera
Da caricia aromal do teu corpo divino.
Clamo em vão, por teu nome, e, em vão, se dilacera
Meu peito, ao doido ansiar desse triste destino!*

*Sonho que em luz melhor, ó rutila chimera,
Fulge teu sonho, estranho, e excelso, e peregrino!...
E á dôr de te saber perdida, á dôr me inclino
E desfalleço — Outono em plena Primavera!*

*Por que não vens? Por que és trancada ao meu reclamo!?
— Que me vale viver esta vida que eu vivo,
Se não chego a alcançar o Bem que alto proclamo!*

*Ai! o pezar do amor evanescente e esquivo!
E o amor mentiu-me! E amei, ardendo em febre, e ainda amo
Bem dizendo o grilhão que me tornou captivo!*

O SONHO DE SALOME'

I want the head of Yokanaan.
O. WILDE.

*...E Herodes silenciou... Calma por tudo! Apenas
Salomé pede os véos para a dança immortal:
— Venha a ancilla despir-me as sandalias pequenas,
Traga-me o estojo azul do meu perfume ideal.*

*Que importa o solo esteja a sangue tinto? Scenas
Assim devem fulgir num recinto amormal...
O Petrarcha jurou... e é Rei, disse! — E phalenas
Brancas, seus niveos pés, voaram num Sonho Real!*

*Findo o gyro, enunciou alegre o seu desejo:
— Quero num grande prato argenteo... Herodes susta
A phrase dessa bocca esplendida e pagan.*

*Que queres tu, num prato argenteo, ó filha augusta
Da Judeia?!... E, radiante, entre um sorriso e um beijo:
Quero a cabeça de Yokanaan.*

EXPOSIÇÃO QUIRÓS



O rei dos palhaços

EXPOSIÇÃO QUIRÓS



Cesáreo Quirós — "Maja mallorquina" (Premiado no *Salon*)

PAIZAGEM PAGAN

*Perto, o rio a correr, de aguas claras e mansas...
Em tempo de chuva, o sol nascente
e lindo!*

**Brinde aos Assignantes da
“Revista do Brasil”**

Os assignantes desta Revista que quizerem obter uma esplendida ampliação de retrato photographico, verdadeiro trabalho de arte, poderão recorrer ao coupon annexo, enviando-nos com a respectiva importancia. Essas ampliações, feitas por excellentes artistas da capital sob a direcção do Prof. Beccari, podem ser de cinco categorias, a saber:

N.o 1 — Retocadas a crayon,	preço 15\$000
N.o 2 — " a sepia,	" 20\$000
N.o 3 — " a aquarella,	" 25\$000
N.o 4 — " a pastel,	" 30\$000
N.o 4 — " a oleo,	" 35\$000

O preço corrente desses trabalhos no formato que offereceremos, (40x50) é quatro, cinco e seis vezes mais caro do que os offerecidos, como se poderá verificar mediante consulta a qualquer casa photographica.

Boletim a destacar :

REVISTA DO BRASIL

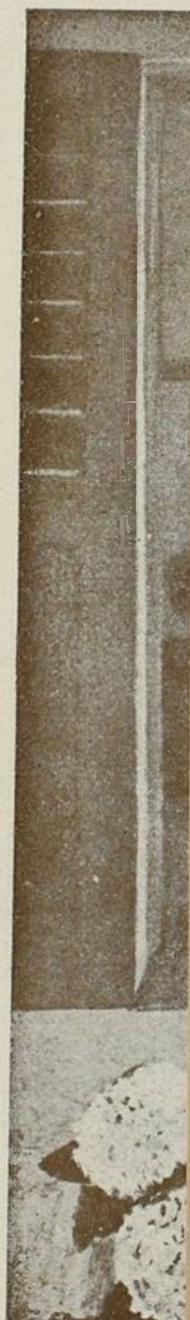
Caixa 2 B — S. Paulo

Mando-lhe uma photographia para ser ampliada na forma da offerta supra, com retoque a..... (indicar o genero escolhido). Remetto-vos para isso a quantia de.....\$.....

Nome.....

Endereço.....

EXPOSIÇÃO QUIRÓS



NOTA — Para as ampliações coloridas, indique-se:

Cor da cutis

 » dos olhos

 » » cabellos

 » da roupa

Cesáreo Quirós — "Maja mallorquina" (Premiado no *Salon*)

PAIZAGEM PAGAN

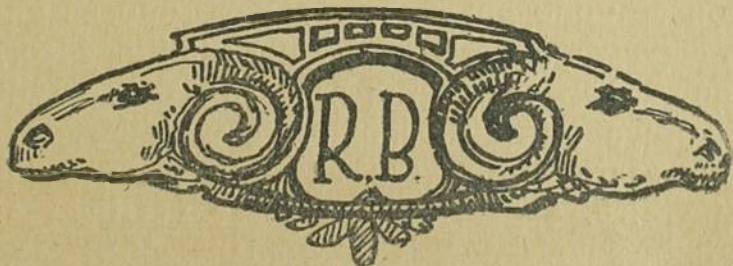
*Perto, o rio a correr, de aguas claras e mansas...
Em torno, o bosque, em flôr! No alto, o céo, claro e lindo!
Passa cantando o vento, em surdina, nas franças
Das arvores... O sol, no azul, surge fulgindo.*

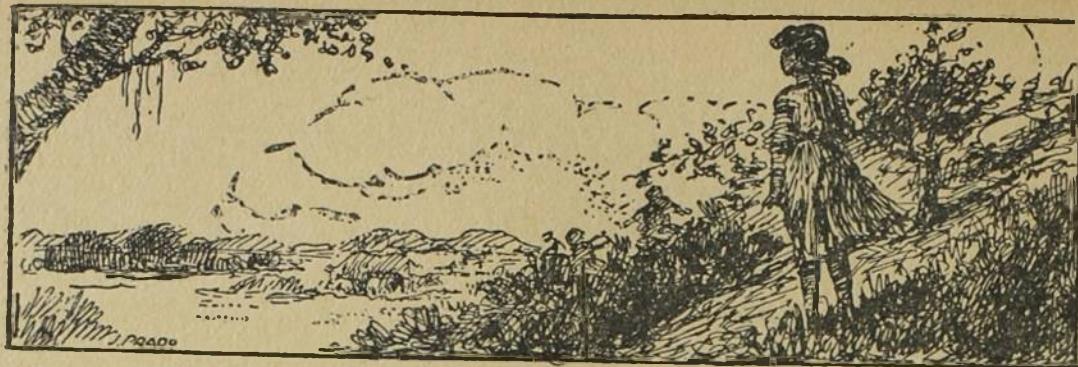
*Manhã. Apraz a Lucia ir ao banho. (Das tranças
Do seu cabello — a briza esparze um cheiro infindo —)
Toma o caminho, e vae, como vão as creanças,
Cigarras do verão da mocidade, rindo.*

*Chega á lympha, por fim. Despe o roupão... Medrosa
Espia... Em volta, vê, sómente arvores, flores
E o baptismo pagão, da agua pagan, sómente.*

*Depois, torna ao caminho. A volta. E a agua saudosa
Do seu corpo aromal, provocante de amores.
Estanque, e triste, e só, geme perpetuamente!*

ARAUJO FILHO.





O BIGODE DO GENTILHOMEN

THEODORO MAGALHÃES

Ignácio Marcondes, cavalleiro de d. Pedro, nessa manhã de maio de 1831, bem cedo ainda, puzera a sua navalha de cabo de marfim sobre o peitoril da janella da sua fazenda, em Pindamonhangaba, pendurara numa columnata da varanda um espelho quadrilongo e começara numa antiga saboneteira de prata lavrada a dissolver o sabão de alfazema que usava para se barbear. Ouvio um zurro de cavalgadura e voltou o olhar para fóra; num relance, reconheceu que a sua besta baia, impaciente, espojava-se na relva em reviravoltas exquisitas. Começou a observar a alimaria; áquelle animal tinha estimação. Nelle montado, costumava fazer jornadas longas, pela estrada fora, em dias de sol cálido ou em noites escuras, só, sem pagem, atravessando riachos, subindo encostas, embrenhando-se na mata espessa e conseguindo em carreiras vertiginosas ganhar o caminho que o conduzia á Corte, onde, fiel subdito, accorria a tomar parte no sequito d'el-rei durante as festas de gala do paço imperial. E poz-se a mirar de longe a cavalgadura, até que chamou por um escravo que tocava uma vara de porcos que invadira o terreiro, e ordenou-lhe fosse verificar si o animal se agitava machucado alguma mordidella do "Tigre", o cão feroz que acompanhava o gado ao pasto ou vigiava o curral em noitadas de invernia.

Ignácio Marcondes deixou a attenção sobre a campina e foi-se deixando abstrahir; o cerebro ficou num pasmo, a vista pareceu crystalizar-se, e todo elle se mergulhou num vago absoluto.

O sol claro empoeirava-se em nuvens de oiro sobre o arvoredo espesso; as cabras e os carneiros em meio de um outeiro abo-

cavam a relva verde que tapizava a collina; os carreiros passavam distante, levando as carroças que deviam transportar as colheitas que os afadigados, cantando tristes trovas, acumulavam, na roça, em largos taboleiros. A'quella hora o trabalho ia intenso; no terreiro, na laboura, sob o tecto da senzala, e até á margem do corrego que colleava naquelles arredores, cinco negros semi-nus paralysavam as aguas construindo uma repreza.

Ignacio Marcondes ficara alheado; na mesma postura, o pincel entre os dedos, a fronte erguida, tinha a imaginação parada e o olhar preso, indiferente ao que o cercava.

Subito, rangeu a porteira e galopando á redea solta, entrou na fazenda Manoel Porfirio, seu amigo, homem de costumes ríjos, portuguez adoptivo e que andara em São Paulo a aliciar adeptos á independencia, quando Avilez tentou se oppor á ficada de d. Pedro.

Ignacio Marcondes á chegada de seu antigo camarada despertou e inquiriu-lhe surpreso:

— Tão cedo por esta casa? Vamos ao café?

— Pouco me demoro. E saltando da sua mula amarrou a rédea num galho de arvore, apertou a correia donde balouçava a caçamba de prata, enfiou no pulso a corrente do rebenque, sacudio-se, suspendeu ao alto do cocuruto o chapéo manilha, e batendo no chão as esporas doiradas, approximou-se da janella onde já Ignácio Marcondes se debruçara e disse-lhe:

— Meu sobrinho José Fernando veio hontem da Côte. Grandes novidades!

— Que há? Prepara-se alguma recepção para se festejar o anniversario da coroação do rei? Em dezembro não posso ir á cidade! Tenho trabalho até o fim do anno.

— Qual! meu amigo. Cousa muito importante. D. Pedro deixou o Brasil.

— D. Pedro deixou o Brasil, repetio attonito Ignácio Marcondes. Não é possivel.

— No dia 6 de abril houve uma revolta da tropa. O imperador, na manhã seguinte, embarcou numa não ingleza, abdicou o throno no filho e nomeou tutor do menino a José Bonifacio.

— E quem governa esta terra?

— Uma regencia provisoria, composta de Nicolau Vergueiro, do Lima e Silva e do Marquez de Caravellas.

— Do Lima? Você está enganado. Esse homem deve muito ao imperador. Não iria trahil-o.

— Pois, meu amigo, foi um dos cabeças do motim.

— Mas isso que você conta é certo, amigo Manuel?

— Certissimo, caro Marcondes. Meu sobrinho trouxe-me até um periodico com o decreto de d. Pedro.

— Parece incrivel! — murmurou contristado Ignacio Marcondes. — E ninguem defendeu o imperador! — Miseraveis!

E quedou-se a scismar, a phisionomia magoada, os olhos empanados, o coração a comprimi-lo numa melancolia vaga e dolorida.

Naquelle momento, o seu pensamento caldeante vio uma sucessão de calamidades sem fim para o Brasil e a sua alma de fidalgo amigo, comburentava-se numa saudade immensa pelo seu rei e senhor.

De repente, Ignacio Marcondes deu uma punhada no ar e, escandecido o semblante sombrio, os beiços brancos de raiva, ensabou nervoso o rosto inteiro; abrio a navalha, deu com ella duas voltas no assentador de pita e começou a passal-a, febrilmente na face acalorada. O aço rangia entre os fios de barba e a cara razoirava-se em perfeito escanhoar. E quando parecia concluido o barbear, voltou-se para Manuel Porfirio que o não comprehendia naquelle frenesi e o olhava admirado, e murmurou.

— Agora, nunca mais. — E num apice deitou abaixo o bigode quasi numa furia, dando um lanho que enrubesceu com um laivo de sangue a branca espuma do sabonete.

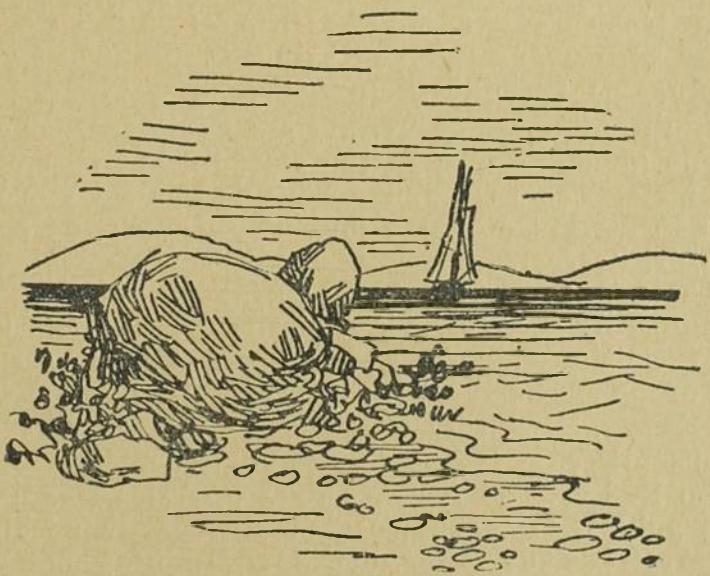
Manuel Porfirio sorrio; percebera o gesto do amigo. Ignacio Marcondes raspava toda a cara sempre que vinha da sua fazenda á Corte e vestia sua farda de gentil-homem para acompanhar d. Pedro nas grandes solemnidades do paço. Assim era hábito entre a fidalgua do rei que procurava uniformizar as phisionomias, trazendo nas grandes festas, os rostos sem um fio de cabello.

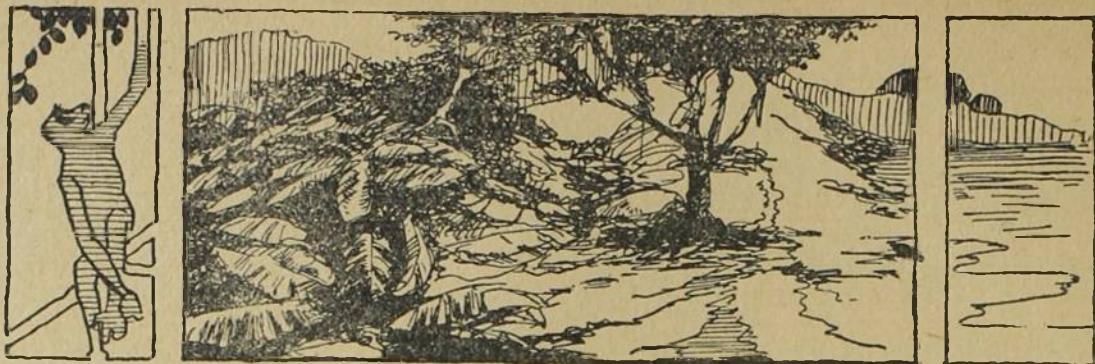
Daquella hora em diante, Ignacio Marcondes, como um protesto á expatriação do seu amo, apresentar-se-ia por toda a parte com o mesmo aspecto por que o imperador o conhecia, e, nos salões da Quinta, toda a gente o via na comitiva real. Não traria mais o bigode; a sua figura daria a lembrança dos saraus do seu soberano e, portanto, quem o observasse, recordar-se-ia forçosamente de d. Pedro, o seu monarcha, o seu querido senhor, a quem não desamparara nas margens do Ypiranga.

Poderia parecer extravagante a sua ideia; elle, porém, a pensou naquelle instante de angustia em que soube da deposição forçada do principe, executou-a e não mais a revogaria.

Demais, que importava aquelle meio original de demonstração de fidelidade ao imperador? Elle, renunciando ao uso de seu bigode, fazia gala do seu affecto, da sua solidariedade, do seu apreço ao proclamador da independencia do Brasil.

E desde aquelle dia, Ignacio Marcondes, todas as manhãs, no mesmo sitio, já o sol levantando, depois de contemplar a arvore onde revia a figura de Manuel Porfirio a contar-lhe a partida de Pedro I, religiosamente, immerso numa penumbra de saudade, raspava todo o rosto, evocando reminiscencias dos bailes de S. Christovão aonde nunca mais voltaria.





O CONTAGIO DA VARIOLA

RODOLPHO THEOPHILO

O sr. dr. Antonino Ferrari em uma conferencia, que fez, na Sociedade de Medicina e Cirurgia affirmou: — “que a variola epidemica não se propaga por contagio directo, que são as pulgas os vectores naturaes da variola”.

Quem assistiu á epidemia de variola em Fortaleza, em 1878, a maior que já houve no mundo, a qual matou em dois, mezes, em uma população de pouco mais de cem mil almas, mais de trinta e cinco mil pessoas, sendo em um só dia mil e quatro individuos, não pode concordar com a asserção do dr. Ferrari.

Os factos por mim observados nesta grande epidemia e depois, não faz muitos annos, no Morro do Moinho, em Fortaleza, convenceram-me de que a variola propaga-se por contagio directo. Os vectores não são sómente as pulgas; podem ser tambem as moscas, os mosquitos, o vento.

E' melhor discutir com factos do que com theorias.

A variola em 1878 veio do Aracaty para Fortaleza, com os retirantes e não com as pulgas. Os primeiros casos deram-se no abarracamento retirantes na estrada de Pacatuba. Os famintos não eram vacinados. A cifra das immunes pela vaccina talvez não chegasse a 5%. E' preciso notar que nos abarracamentos não havia pulgas.

Os poucos que haviam trazido a variola incubada bastaram para propagal-a de um modo assombroso.

Foi uma pequena faísca que determinou um incendio pavoroso.

Trinta dias depois dos primeiros casos da peste, havia variola por toda a cidade: talvez cincuenta mil doentes.

As casas em que não havia pulgas não foram respeitadas pela peste.

A variola entrou no palacio do governo, vivenda confortavel, em que os pavimentos eram de madeira ou de mosaico, de um asseio rigoroso, absolutamente sem pulgas, e atacou a mulher do Presidente da Província. Esta senhora, temendo o contagio, vivia de portas fechadas, num completo isolamento, em companhia do marido e de tres creadas. Se fosse a pulga o unico vector da variola, como affirma o dr. Ferrari, ella estaria livre do terrivel morbus; porém, como não era, foi acometida do mal, e falecia dentro de tres dias de variola hemorrágica.

Quando estive a passeio na capital da Bahia, conversando com um

antigo collega, hoje professor da Faculdade de Medicina e notavel cirurgião, sobre o contagio da variola, disse-me elle que a senhora delle havia tido variola. Estranhando o caso, disse-se que a mulher fôra vaccinada havia muito tempo, que moravam em um bairro de gente educada, embora em uma cidade em que a variola era endemica. Mas sem receio, a mulher não se revaccinava. Por fatalidade veio um hospede para uma casa distante da sua uma centena de metros, a barlavento, e ahi adoeceu de variola, que já trazia incubada, e ahi ficou até restabelecer-se. Depois de curado, a familia que o hospedava expoz ao sol, no quintal da casa, o colchão em que elle havia curtido toda a molestia.

Dias depois, a senhora do meu amigo adoeceu de variola confluente; esteve entre a vida e a morte, restabelecendo-se depois de muito soffrer.

Para ainda provar que a pulga não é o unico vector da variola, relembo o seguinte facto:

Havia annos que não era registado caso de variola em Fortaleza, quando foi atacada de variola uma creança filha do meu collega e amigo pharmaceutico Rodrigues de Andrade, residente naquelle tempo á rua do Senador Pompêo.

O caso era extraordinario e alarmou toda a rua e tambem a cidade. Feitas as primeiras indagações afim de descobrir-se a procedencia da variola, soube-se que um doente vindo do Pará, com bexigas, hospedara-se em uma casa naquelle rua, no quarteirão fronteiro á residencia do pharmaceutico Andrade.

Quando em Fortaleza houve uma pequena epidemia de variola no Morro do Moinho, causada pelo governo Accioly, que mandou para aquelle arraial um varioloso que desembarcára do vapor "Jaboatão", de mais de trezentas pessoas não vaccinadas, aprendi muita cousa e fiquei convencido de que o vento é o vehiculo que mais propaga a variola.

O casebre que allugaram para tratar do varioloso começava uma rua de dezenas de palhoças. Em materia de saude publica a cousa era tão monstruosa que fiz photographar o pseudo lazareto e inseri aquelle documento do desgoverno daquelle epocha em meu livro segundo — "Variola e Vaccinação".

Na vizinhança do pardieiro em que se achava o bexigoso, moravam uma mulher viúva e quatro filhos, que não eram vaccinados.

O doente vivia fechado noite e dia; por isso, o seu desalmado enfermeiro sahia pela manhã para a officina de encadernador e voltava ao pôr do sol. O desgraçado que fizesse pela vida, comesse bolachas e tomasse o leite, que lhe deixava crú. Estava assim interdicto.

Dias depois que as pustulas entraram no periodo da seca, indo fazer minha visita quotidiana ao Morro do Moinho, encontrei a filha mais velha da viúva com febre alta e todos os symptomas da variola.

Disse-lhe: "Deuz quiz que tivesse bexigas". Falei-lhe assim porque ella me havia dito, quando roguei para que se vaccinasse que só tinha bexigas quem Deuz queria.

Qual foi o vector da variola no caso presente? Só podia ser o vento, que levou as tenues escaras das pustulas variolicas, que foram respi-radas pela enferma.

Dias depois a viúva foi tambem atacada de variola, pela segunda vez. A pobre mulher ficou acovardada. Ella era o ganha-pão da familia, como lavadeira.

A gente do arraial amedrontou-se quando soube que a variola che-gára á casa da viúva, atacando esta e uma filha.

Aproveitei a occasião para mostrar-lhe o perigo a que se expunha, recusando a vaccina, o unico meio que tinha de livrar-se da peste.

Depois de reluctarem um pouco, accordaram que se vaccinariam, porém, dando eu algum dinheiro para o resguardo da molestia. Convençel-os de que não precisava alimentação especial, que a comida seria a mesma de todos os dias era trabalho perdido. O caso não admittindo delongas e a cidade na eminentia de ser invadida pela peste, acceitei a proposta e comecei a vaccinar, pagando mil reis por cabeça.

Na casa da viúva havia tres crinças para vaccinar, um de 8, outra de 9 e outra de 10 annos. Vaccineei-as contra a opinião de alguns médicos, que são contra a vaccinação quando existe variola no meio em que vive a pessoa não immune.

Em vez de duas vaccinas em um só braço, como costumo fazer, puz tres vaccinas em cada braço.

Observava diariamente a evolução da vaccina, que foi normal, começando a seccar no decimo dia.

Exultava com o resultado, quando, visitando no undecimo dia as vaccinadas encontrei-as todas tres com febre de 38 graos; estavam com variola.

Qual não foi a minha admiração, quando, dois dias depois, vi que a febre havia desapparecido, que se tratava de variola de forma frustá. As meninas passaram a molestia de pé, pois as pustulas, nas que tiveram em maior quantidade, não passaram de umas vinte. Seccaram sem deixar signal.

Ainda há pouco tempo vi essas criaturas, já mulheres, casadas, sem a mais leve marca de bexigas.

Esse facto convenceu-me que se deve praticar a vaccinação, muito embora a variola esteja incubada.

Em uma das visitas ás variolosas, encontrei uma mulher visitando os enfermos. Exprobei-lhe a temeridade, pedindo que não mais ali voltasse, pois, podia contrahir a molestia. Respondeu-me ser vaccinada. Disse que podia levar a bexiga para os outros. Foi nessa occasião que inventei a história da propagação da variola.

Riu-se, deu um "muxoxo" e quando saiu disse-me com desdém: — "veja se levo alguma cousa".

Esta mulher era casada, sem filhos, vaccinada como também o marido, e em casa morava uma sua tia, velha, não vaccinada, que absolutamente não sahia de casa. A sua palhoça ficava na rua de S. Cosmo, cerca de dois kilometros do Morro do Moinho.

No dia em que se restabeleceu o ultimo varioloso propus á dona da choça fazer a desinfecção pelo fogo e depois, mandar construir uma casinha para ella. Accedeu. No dia aprasado para o incendio, chegando lá, soube que a mulher a quem pedi para não continuar as suas visitas aos variolosos, continuou-as nas horas em que sabia que por lá eu não aparecia, e que viera pedir para avisar-me que fosse á casa della ver a tia, que pensava estar com variola.

Fui e encontrei-a variolosa. Fiz transportal-a para a palhoça que servia de lazareto, onde acabou-se em poucos dias de variola confluente, largando os pedaços e contagiada a distancia por doentes de variola discreta.

O contagio havia sido directo. O veículo, a mulher que levou nas roupas o germen da variola.

Entendo que "contagio directo" é aquelle que se faz por agentes que transportam mecanicamente o microbio, com o vento. O contrario observa-se no "contagio indirecto". Neste caso o microbio é

introduzido em um ser vivo e este por sua vez vai inocular-o no homem como se observa na febre amarela, no paludismo, na peste bubonica ect.

Um doente de febre amarela transportado para um lugar em que não haja "stegomya faciata", pode estar em contacto, dormir no mesmo leito, com individuos em condições de receptividade e estes não terão a molestia. O mesmo se observará com o paludismo onde não houver "anopheliz". O mesmo ainda com a peste bubonica no lugar em que não existam pulgas. Penso que esses exemplos são suficientes para ficar bem provada a questão do contagio directo e indirecto.

A vacina generalizada, de que fallam alguns autores, nunca tive occasião de observar em quarenta mil vaccinações que eu proprio tenho feito.

Casos de variolisação vi innumeros em individuos vaccinados com o virus de variola discreta.

Casos de vacina retardada tenho conhecimento de dois, um observado em Macejana e outro em Limoeiro. Do deste lugar tive comunicação pelo nosso confrade commissario vaccinador José Osternes Maia, que me informou ter vaccinado uma cerança e só depois de seis meses sahiram as vaccinas, que foram bôas.

Já tive occasião de ver um caso de vacina retardada em um vitello. Sendo de 5 dias todo o periodo da evolução, no caso observado foi de 15 dias.

O Dr. Ferrari não apresenta observações, factos que comprovem as suas affirmações.

Diz, por exemplo: — "A vaccinação não se tem mostrado entre nós sufficiente a sufocar expansões epidemicas, que resurgem periodicas, evolvem, declinam e desapparecem espontaneamente para de novo resurgirem em novo periodo e na mesma quadra do anno obedecendo a lei fatal de sua evolução epidemiologica".

Isso dito assim sem factos que confirmem as affirmações não merece fé.

Os factos por mim observados e citados provam que as asserções do Sr. Dr. Ferrari são inverídicas.

Só existe um meio de suffocar uma epidemia de variola: é a vaccinação e revaccinação. O caso do Morro do Moinho e recentemente o do Iguatú' são provas cabais.

Na secca de 1915 todos esperavam que a variola acompanhasse o phénomeno climatico, como de costume. Secca sem variola foi cousa que nunca se tinha visto.

Eu proprio vivia apprehensivo, embora Fortaleza seja a cidade mais bem vaccinada do Brasil. E' preciso relembrar sempre para que o exemplo encontre imitadores nos outros Estados, que todo esse serviço de vaccinação tem sido feito pela iniciativa particular sem onus de especie alguma para a população do Estado e os governos.

Havia em Iguatú, então ponto terminal da Estrada de Ferro a Baturité uma população adventicia de algumas mil pessoas, retirantes e operarios do prolongamento da via-ferrea.

Eu previa que a variola apparecesse ahi, vinda do Joazeiro, onde é endemica, na corrente de famintos que de lá descia em demanda de Iguatú.

Realisaram-se as minhas previsões. Um telegramma do Director do serviço do prolongamento da Baturité avisava-me ter ali aparecido a variola sendo notificados oito casos.

Respondi que isolasse os doentes e que aguardasse vaccina pelo primeiro trem.

No dia seguinte seguia o medico da Estrada Dr. Manoel Teóphilo Gaspar de Oliveira, que se achava a passeio em Fortaleza, levando grande quantidade de vaccina animal recentemente preparada.

Logo que o medico ali chegou, começou o serviço de vaccinação e revaccinação com toda a actividade.

Eu enviajava todas as semanas uma provisão de vaccina.

A pequena epidemia extinguiu-se no nascedouro, tendo sido atacadas umas cincuenta pessoas.

Não ha epidemia de variola que resista mais de trinta dias a um serviço de vaccinação e revaccinação constantes, sem delongas nem esmorecimentos.

Com o recurso da vaccina animal pode-se vaccinar milhares de pessoas por dia.

Em trinta dias em uma grande população todos ficarão imunes pela variola ou pela vaccina.

Nesse periodo os que não estavam immunizados tiveram a peste; as outras desviaram-se della pela vaccina.

Diz o Dr. Ferrari: — "as epidemias de variola periodicas, evoluem, declinam e desapparecem espontaneamente para de novo resurgirem em novo periodo e na mesma quadra do anno, obedecendo a lei fatal de sua evolução epidemiologica".

A variola epidemica, de acordo com as ideas do Dr. Ferrari, pode ser comparada ao fluxo e refluxo do mar, em periodos certos, obedecendo ás leis fataes da attracção.

Os factos aqui observados, onde a variola foi uma endemia durante mais de trinta annos, são contrarios ao que acima escreveu o Dr. Ferrari.

A variola não tem periodos certos para aparecer, não ha lei fatal que reja a sua evolução.

A variola só se desenvolve em um meio em que vivem pessoas não vaccinadas, importada de outro meio onde ella grassa. Segue sua marcha normal, isto é, vai atacando os que não estão imunes pela vaccina, os que no momento não estão em condições de receptividade, até o ultimo; então desapparece.

Uma epidemia de variola extinguir-se espontaneamente, para depois resurgir na mesma quadra do anno é um facto que não foi devidamente observado.

O que se observa e foi o que se viu em Fortaleza no tempo em que aqui havia variola é o seguinte: a variola era endemica na cidade, diminuia no periodo das chuvas para recrudescer no verão devido aos fortes ventos que sopravam durante essa estação, ventos que espalhavam profusamente o germe da variola.

Dizer que a variola desapparece espontaneamente de um lugar, para depois voltar em um periodo certo e fatal é um erro de observação.

A prova de que essas asserções são falsas está no caso de Fortaleza onde a variola foi endemica longos annos, foi exterminada pela vaccina ha mais de dez annos e nunca mais voltou e nem voltará, só se assim quizerem os poderes publicos, importando-a de outros lugares.

Diz o dr. Ferrari: — "1.º Nunca a variolisação, em série, nem a vaccinação deram origem á epidemia da variola. — 2.º A variola só aparece em epoca epidemica propria, e desapparece espontaneamente resurgindo de novo ao voltar a epoca natural da expansão epidemica. — 3.º Na transmissão directa do puz varioloso, o virus varioloso já attenuado sómente produz a pustula local".

A variolisação e a vaccinação, como se sabe, são muito diferentes. Esta é "cow-pox" cultivado no gado bovino, como pode ser também no caprino, e depois inoculada no homem — a chmada vaccina animal — para preserval-o da variola; aquella é o puz de variola discreta inoculado no homem á guisa de vaccina para immunisal-o contra a variola.

O virus variolico pode-se attenuar por uma série de inoculações em vitelos. Assim não se praticava; era directamente tirado do doente e inoculado no individuo sâo.

A vaccinação absolutamente não produz variola; outro tanto não acontece com a "variolisação".

No tempo em que a variola grassava nos suburbios de Fortaleza, na area suburbana, ou melhor, nas areias, eu fazia alli, de preferencia ao centro da cidade, a vaccinação e revaccinação domiciliaria. Iniciei o serviço no "Alto Alegre", bairro do Matadouro.

As gentes daquelle arraial, quando me viram e souberam o que eu andava fazendo, fugiram para o matto, assombradas como se tivessem visto a propria peste.

Mais doeü-me a ignorancia delles do que a sua repulsa.

Voltei no dia seguinte e conversando com uma velha, minha conhecida, disse-me esta que o povo tinha razão de não querer por sua livre vontade metter a peste no corpo.

Para que lhe dizer que a vaccina não fazia a peste se ella não me acreditaria?

Para confirmar o que me havia dito, contou-me que o sr. Antão José de Souza, industrial no Matadouro, homem muito bom e amigo do povo, havia vaccinado os moradores daquelle arraial e que a vaccina havia empestado.

Em uns sahiu bexiga branca (discreta) por todo o corpo, em outros pelle de lixa (confuente), e alguns tinham morrido.

Que os que não haviam sido vaccinados foram empestados pelos vaccinados, tendo uns bexiga branca e outros pelle de lixa.

Tratava-se de um caso de variolisação, dando origem a uma epidemia — caso muito commum, pois a variolisação foi tambem até poucos annos a vaccina contra a variola.

Ha poucos annos, em Acarahú, um curandeiro vaccinado com bexiga discreta, provocou uma epidemia que matou muita gente.

Por este e outros factos é que o povo em sua ignorancia, não podendo distinguir vaccinação de variolisação, repugna qualquer immunisação.

Que successivas inoculações em vitelos possam attenuar o virus variolico, comprehende-se; porém, nunca tornal-o inocua como o "cow-pox", a vaccina animal.

Depende sómente do organismo a forma da variola. Isso prova a variolisação — o mesmo virus variolico em uns produz variola discreta em outros confluentes, em outros hemorrágica. Desta ultima, muito commum em 1878, não me consta ter escapado um só doente. Póde-se ficar bom de peste bubonica sem medicina, até mesmo de tetano traumático, mas de variola hemorrágica com toda a medicina não se escapa.

O unico facto que o dr. Ferrari cita para provar que são as pulgas o vector natural da variola é o seguinte:

"Em Santiago, capital do Chile, visitámos com o prezado collega sr. general Ismael da Rocha, uma prisão onde estavam recolhidos mais de 700 sentenciados; o maior numero proveniente da campanha chilena, pessoas não vaccinadas, que pela primeira vez recebiam a

inoculação vaccinica ao entrarem para o estabelecimento. Na data da nossa visita estava este sitiado pela explosão epidemica da variola, que dizimava atrozmente o bairro circumdante, todo habitado de gente pobre. Disse-nos o director da Casa de Correcção de Santiago, que nenhum caso de variola occorrera nessa prisão, apesar de numerosos presos vindos do interior não estarem vaccinados. Nessa grande penitenciaria o solo era todo cimentado, rigorosamente perfeito e limpo, parecia um espelho lusente pelo brumamento diario".

O facto citado acima e mais cem como elle, não provam ser a pulga o vector unico da variola.

Na penitenciaria, em que ao entrarem eram vaccinados os sentenciados que vinham de fóra, como podia grassar a variola. Se a penitenciaria achava-se por ventura a barlavento da parte do bairro onde havia variola, sem communicação com este, como a variola a invadiria e quem atacaria?!

A propósito do contagio do sarampo que é o mesmo da variola e se faz desde o periodo da inoculação até o da descamação, observei o seguinte facto:

Eu estava no campo, havia em casa tres crianças que não tinham tido sarampo.

A nossa casa era isolada. Em uma area de alguns kilometros estava disseminada uma centena de casébres. Appareceu uma epidemia de sarampo na parte do arraial a sotavento da nossa vivenda. Interceptei toda a relação com o local em que se achavam os doentes. Não havia communicação com aquella gente á excepção de um rapaz que de quando em quando vinha visitar a irmã, uma criada nossa, que o recebia fora e distante de casa.

Antes de acabar-se a epidemia a criada cahiu com sarampo e em uma casa em que não havia pulgas, nem cães, nem gatos.

O contagio fôra directo, e o vector o irmão da rapariga.

Conclue o dr. Antonio Ferrari a sua conferencia com esta phrase, com foros de axioma:

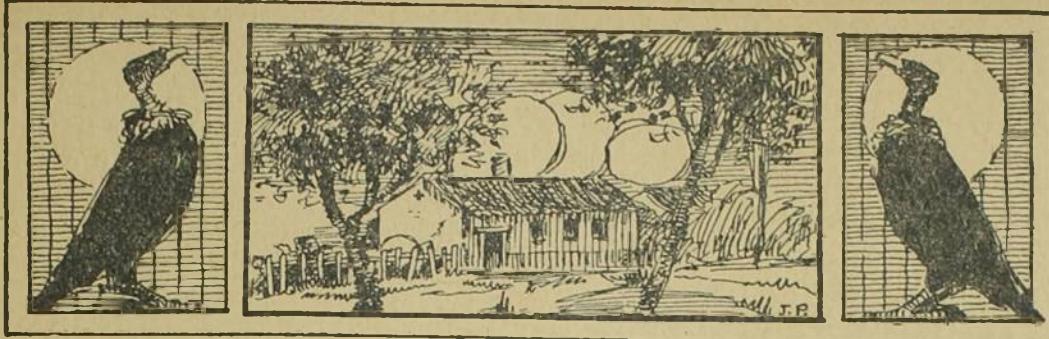
— "Casa onde não ha pulgas, não se propaga a variola.
Penso ter provado com factos a falsidade desta asserção.

O dr. Ferrari pode fazer uma observação que o convencerá do erro em que cahiu affirmando uma inverdade.

Leve um varioloso, seja em que periodo for da molestia, prefiro no ultimo, e o deixe em uma casa em que não haja pulgas, nem gatos, nem cães, em companhia de pessoas não vaccinadas e verá que estas serão todas acommettidas de variola.

A variola é uma molestia que se cura por si mesmo quando é discreta. Basta quarto, leite e se quizerem alguma tisana quente e diaforetico. Quando é confluente e vem forte encontrando um terreno proprio, não ha medicina que sirva, o prognostico é fatal No periodo da supuração o doente se esvae em pus e se acaba por inanição.

A forma hemorrágica mata a todos que ataca.



A REVOLTA DOS LAMPIÕES

BARBOSA LIMA SOBRINHO

Não sei se foi um sonho aquillo que eu vi. Decorreu já tanto tempo que não posso bem determinar como cheguei a acompanhar a revolta dos lampiões. Depois, na infancia, a realidade e a fantasia se embalham, a tal ponto que, passados alguns annos, não sabemos se a lembrança que fica vem do paiz do sonho ou é da vida real. Com essa ressalva, que faço para evitar que me considerem mentiroso, passo a narrar a revolta violenta dos lampiões, revolta exacerbada e selvagem, levante extraordinario, comparavel ás maiores perturbações que têm agitado a humanidade.

I

Uma noite, na extensa rua onde moro, notei algo de especial, na altitude dos lampiões. Olhando-os com attenção, vi que as suas scintilações concordavam, como se obedecessem a um código de signaes. Sem nenhum exagero, distingui perfeitamente um lampião sacudindo, num assentimento, a sua haste delgada; e outro houve que fez uma pequena curvatura, muito alegre, assim como quem convida para alguma cousa prohibida. Desconfiado, puz-me de alcatéa. Mal sabia eu que me depontava a uma verdadeira conspiração. Mas não precipitemos a narrativa.

Como não perdesse de vista os lampiões, acompanhei o desenvolvimento da terrivel conjuração e reparei na missão importante dos acendedores, a que o povo chama "prophetas". Quando chegava a tardinha, os lampiões começavam a animar-se e pequenos estalos dos vidros nos caixilhos valiam uma alerta para o povo de lampiões. Depois, a cousa augmentava e os acendedores ficavam grudados minutos e minutos na manga de vidro que protegia a camisa incandescente. Logo no começo, não soube como explicar a demora dos "prophetas"; mais tarde, com o desdobrar dos acontecimentos, comprehendi — eram os acendedores a imprensa do paiz dos lampeões. Transmittiam as novidades e serviam para disseminar as ideas perturbadoras. Todo boato ouvido de um lampião, o acendedor ia imediatamente contar aos outros, sem as restricções de boato e com a confiança de quem revela um facto notorio. De modo que a revolta dos lampiões veio a fazer-se

somente por causa dos "prophetas", que disseminaram os motivos da rivalidade, crearam outros motivos, envenenaram os que já existiam, de tal forma que, no fim, cada lampião se achava possuído de um ódio imenso e inflexível.

Noto, incidentemente, que o homem que levava o acendedor não percebia causa alguma do que se passava junto d'elle. Uma vez, eu o alertei:

— Os lampiões conspiram, meu amigo.

Ele apenas riu. E' justo, pois, que eu deixe desde logo indicado esse homem como um dos maiores culpados pela tragédia horrorosa, resultante da revolta dos lampiões.

II

Uma noite, como tivesse tido insônia e sentisse a atmosphera um tanto abafadiça, abri a minha janella e sentei-me um pouco recuado, em um ponto em que não era visto dos lampiões de minha rua. Foi então que pude ter certeza absoluta do que vinha desconfiando. Alta madrugada, quando ninguém mais transitava pela cidade, vi o espetáculo mais imprevisto, mais fantástico, mais assombroso a que já assisti e posso ainda jurar que é impossível que eu veja, nos meus dias futuros, causa tão espantosa. Sabem o que eu vi? Simplesmente isso — a assembléa dos lampiões.

Sentado á janella, o meu olhar divagava distraidamente no trecho de rua que me ficava de frente. De repente, vejo chegar um lampião. Um lampião? Sim, um lampião.

A princípio desconfiei. Julguei que estivesse sonhando e me dei um beliscão, que me provou o contrário; suspeitei de que houvesse bebido, mas logo me recordei que havia seis dias não tinha dinheiro para beber; pensei ainda na probabilidade de um delírio febril, mas o meu pulso normal, forte, rythmado, me furtou essa última hypothese tranquilizadora. Então, como um lógico bastante coerente, admitti que o lampião havia chegado espontaneamente áquelle local e comecei a observá-lo e vi que elle se agitava violentamente e os vidros batiam nos caixilhos, provocando um ruído considerável. Aquillo devia ser um sinal, porque, dentro em pouco, ouvia um barulho duplo. "Tuque, tuque, tuque", faziam os lampiões, nos pulinhos que davam para caminhar, "tri-li-lim, tri-li-lim", faziam os vidros dos lampiões, batendo nos caixilhos. E, rapidamente, todos os lampiões de minha rua estavam reunidos num beco escuro, que ficava defronte de minha casa. Foi assim que pude assistir á assembléa decisiva da revolta dos lampiões.

Quem primeiro falou, foi um lampião muito velho, muito sujo, muito arrebentado. Lembro-me ainda de algumas de suas phrases ardentes:

— Meus amigos, estamos reunidos para salvar a dignidade dos lampiões. Temos um inimigo rancoroso, temível, que não perde occasião de nos molestar. Precisamos reunir-nos para o derrubar, mostrando-lhe o que somos e o que valemos. O nosso adversário é o lampião do princípio da rua, o qual, com a sua luz insolente, procura ridicularizar e ameçanhar o nosso esforço illuminante. Ainda hontem o accendedor me contou uma terrível informação e bem sabeis que o acendedor não mente. Quando elle foi levar, no seu afan habitual, a chamma alerta ao lampião do princípio da rua, ouviu que este murmurava e, prestando atenção, entendeu que elle mofava de todos os seus irmãos desta rua.

A assembléa interrompeu o orador. Houve bravos e houve protestos timidos. O mais velho e o mais sujo dos lampiões dominou o tumulto e a sua voz vibrante continuou a accusação:

— Meus amigos, eu não invento e o acendedor nos merece toda a confiança. (Bravo! Muito bem!) A demonstração que a assembléa acaba de fazer, me conforta e estimula. Mas, meus amigos, deveis preparar o espirito para ouvir insinuações cortantes e aleivosias que doem e criam a feroz indignação. Eu não me devia incluir entre os perseguidos. Humilde entre os mais humildes membros desta assembléa, (Não apoiado!), meu dever era tratar de vós, sómente. Quero, em todo o caso, repetir o que disse de mim o lampião do principio da rua, para ir preparando o vosso espirito com a revelação da especie de calumnias que vou relatar, calumnias infamantes, que o lampião do principio da rua forjou malvadamente no seu espirito pequenino. Para elle, eu sou um lampião sujo e sem luz porque me excedi em orgias condemnaveis e malbaratei num uso máo as minhas forças naturaes. Vêde — sou, apenas, um viciado, um crapula, um devasso, eu que me cancei num trabalho honesto e porfiado, illuminando sem faltas o meu canto de rua! De ti, ó lampião meu vizinho, diz o calumniador que és um preguiçoso e que vives sempre sujo, sempre meio apagado e porque tens preguiça de effectivar as praticas trabalhosas do asseio. De ti, lampião illustre que serves de encosto ao policia de plantão, diz o nosso infamante que vives apagado na poupança avarenta, accumulando imbecilmente reservas que os outros te furtam. O meu espirito hesita ao repetir essas nefandas calumnias, tanto me horrorizo com ellas. Mas o peor, o mais grave ainda não foi dito e é de ti que se trata, lampião de vidro partido, tu que és o mais valente entre o povo de lampiões. De ti, brada o calumniador que partiste os vidros lutando ingloriamente contra o acendedor, recusando contribuir para o nobre trabalho da illuminação! Eis ahi o que diz da raça dos lampiões um nosso companheiro, que devia ter no espirito a ponderação de que somos irmãos e que, nesse caracter, nos devemos fraternalmente auxilio e socorro. Agora, que vos relatei o que sabia, cumple a vós decidir.

Calou-se. Na assembléa, um murmurio surdo e irritado revelava o tumulto das paixões despeitadas. Foi o lampião de vidros partidos quem falou:

— Agora, que ouvimos informações de cousas que não julgavamos pudesse existir, sabemos que é um inimigo perigoso o lampião do principio da rua. Não devemos apenas evitar a sua companhia insidiosa. Precisamos dar-lhe uma lição exemplar, para impedir que a sua traição se repita para com o povo dos lampiões, comquanto eu não acredite que seja possivel haver, entre nós, um elemento tão vil. Proponho que, amanhã, por essas mesmas horas, nos reunamos aqui e partamos a dar o ensinamento necessario a um companheiro desleal.

A assembléa concordou plenamente, applaudindo com entusiasmo os alvitres propostos. Depois, dissolveu-se a reunião e vi passar, de fronte de minhas janellas, os lampiões conspiradores. “Tuque, tuque, tuque”, faziam os lampiões, pulando no calçamento; “tri-li-lim, tri-li-lim”, faziam os vidros dos lampiões, batendo nos caixilhos...

III

Na noite seguinte, o acendedor não se demorou junto da manga de vidro que protegia a camisa incandescente. O seu recado foi breve e os lampiões, na imminencia da revolta, mantinharam uma attitude discreta, resultante da grande commoção que os tomava.

Eu, de mim, estava immensamente interessado em assistir ao desenrolar dos acontecimentos e passei toda a noite sentado á janela. Minha familia estranhava a minha insistencia e algumas mocinhas da vizinhança teriam ficado tambem á janela se eu, em vez de menino, fosse já rapaz. Entretanto, os relogios foram andando e nada de começar a revolta. Até meia-noite, não percebi, nos lampiões, cousa alguma anormal e, digo mesmo que não lhes vi nem traços de vida. Estavam todos quietos, silenciosos. Depois de meia noite, comecei a perceber evidentes signaes de impaciencia por parte dos lampiões. A revolta seria mesmo naquella noite e o motivo que a estava retardando era um baile que se fazia numa das casas proximas. Lá por duas ou três horas foi que o movimento cessou inteiramente. Eu me aguentava na janela por uma questão de curiosidade immensa, porque, em verdade, o ar da madrugada estava excessivamente frio. E vi o inicio da assemblea, o lampião convocador agitando os seus vidros no aviso de costume e os outros que chegavam, batendo no calçamento, num ruido forte — "tuque, tuque, tuque..."

Quando todos se reuniram, o lampião mais velho e mais sujo falou:

— Meus amigos, tudo ficou resolvido na assembléa de hontem. Precisamos ouvir o lampião do principio da rua, para lhe dar o correctivo necessario. Proponho que sejam destacados quatro lampiões para trazerem a essa reunião o companheiro desleal e calumniador.

Sahiram quatro lampiões. Os outros ficaram a combinar e os seus intentos eram terríveis. Ouvi um delles dizer:

— Não sei como me poderei conter deante do infamante. Sinto, desde já, um desejo violento, um odio immenso, que talvez não possa dominar, em face do companheiro justamente detestado.

E outro lampião, mais decidido, respondeu:

— Eu não me procuro conter. Quando chegar o desleal, hei de convide-lo para uma luta singular e vocês me farão o favor de permittir que eu sosinho dê uma lição exemplar áquelle vil calumniador.

Todos os mais se pronunciavam desse mesmo modo. Calculei que, mal aparecesse o lampião do principio da rua, seria inevitavelmente destruido, tantos e tão ferozes eram os odios que o esperavam. E, todavia, quando o lampião do principio da rua chegou, escoltado por quatro outros que se mantinham á distancia, humilde era a expressão de todos. Nesse momento, desconfiei de que a revolta fosse uma pilharia, ou uma comédia.

Olhei o lampião do principio da rua. Que bello era elle, effectivamente! Alto, nobre, fôra moldado segundo proporções harmoniosas; adornos bem escolhidos davam-lhe um aspecto de abastança intelligentemente aproveitada; e os seus vidros eram de um tamanho irreprehensivel, muito limpos e dotados duma transparencia maravilhosa. A sua luz, então, que cousa admiravel! Era um fóco regular, de uma incomparavel intensidade luminosa. Elle só brilhava mais que todos os lampiões que ali se reuniam.

Logo ao chegar, o lampião do principio da rua cumprimentou alegremente a assembléa.

— Meus amigos, pedistes para que eu viesse gosar, um momento, da honra de vossa companhia e aqui estou para ouvir, deliciado, as vossas palavras fraternalaes.

Todos sorriram, curvando-se ligeiramente, num cumprimento cheio de gratidão. Foi o lampião mais velho e mais sujo quem falou, usando expressões prudentes:

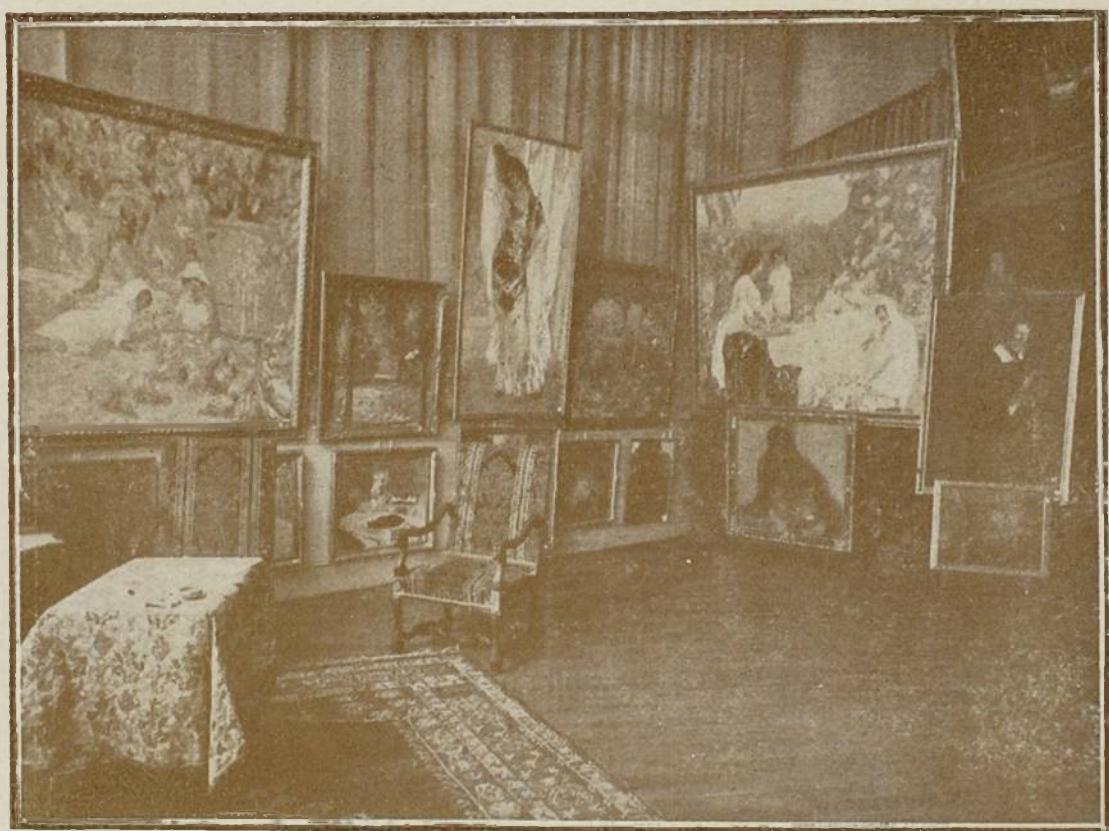
— Irmão, tu que és o mais querido entre todos e aquelle que mais nos conquistou a admiração, precisas ouvir o que anda espalhando o acen-

EXPOSIÇÃO QUIRÓS



O antiquario

CESÁREO QUIRÓS



Canto de atelier

dedor. Diz elle que tu queres abandonar o povo dos lampiões, em procura de um destino mais alto e mais nobre. E cis que fomos convocados para te implorar que não nos prives do prazer e da honra de tua companhia.

O lampião do principio da rua sorrio ligeiramente:

— Amigos, espanta-me a vossa facil credulidade. Tenho notado que o acendedor ama a intriga sinuosa e tece os enredos nefastos. Todas as noites, elle me conta, a respeito de vós, cousas espantosas, que eu não repito para não ferir os vosso justos melindres. Juro mesmo que nunca dei credito ás suas palavras venenosas. Vós, porém, aceitaes as mentiras, que elle forja no seu espirito intrigante! Isso me espanta, em verdade. Sabei que eu não tenciono abandonar os lampiões desta rua. Sou vosso amigo e a vossa companhia me é mais estimavel que as glorias que me querem dar. Por isso me entristeci, sabendo que os edis despoticos me vão arrancar do meu retiro tranquillo, levando-me para um ponto agitado, numa das avenidas da cidade. Soffro, por isso, um pezar immenso e legitimo e essa é que é a verdade.

A assembléa applaudio, e o mais velho e mais sujo dos lampiões falando em nome de todos, teceu os elogios calorosos;

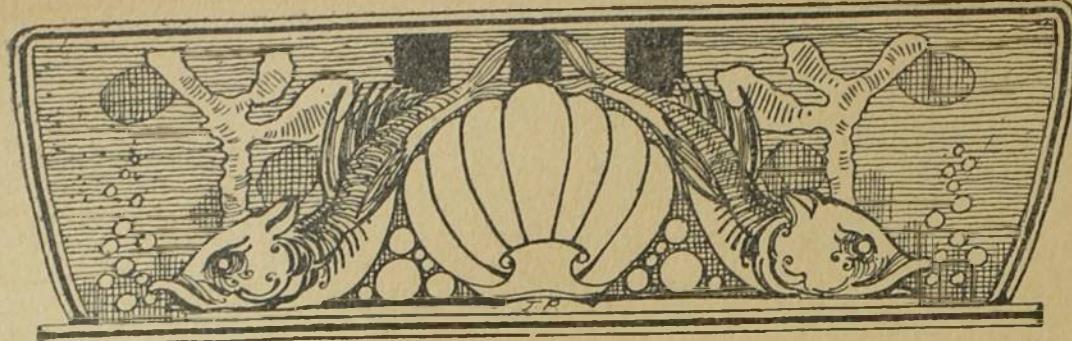
— Nós te agradecemos, companheiro, o carinho duma louvavel fraternidade. Mas, na sinceridade de nosso enthusiasmo por ti, não te occultamos uma outra revelação do acendedor. Contou-nos elle que tu brilhavas mais para nos offuscar e nos offendre com a tua victoria luminosa!

O lampião do principio da rua irritou-se nobremente:

— Sempre o maldito acendedor, o intrigante perigoso! Porque o haveis de acreditar, quando sabeis que elle não se cansa de tramar os enredos insidiosos? Sabeis porque eu brilho mais do que vocês? E' porque o Destino me encarregou dessa missão penosa que eu cumpro sem muito enthusiasmo e sem muito orgulho e somente porque é meu dever. Algumas vezes, eu me esforço para que a minha chama atravesse as trevas e vá tão longe quanto possivel — é quando, no silencio nocturno, o viandante somnolento procura, entre as poças d'agua, o caminho seguro. E á entrada da noite, quando as operarias voltam das officinas, eu lhes dou tranquillidade e confiança com a luz farta. Porque me accusaes? Eu cedo ao Destino, eu obedeço e, se brilho mais, não é para vos offendre, mas para cumplir um dever de utilidade imposto pelo amor do proximo.

Os lampiões, vencidos pela eloquencia do companheiro, permaneciam silenciosos. Pela segunda vez, eu considerei morto o conluio. Aconteceu, porém, que o lampião de vidro quebrado, fazendo um movimento imprevisto, empurrou traicoeiramente o lampião do principio da rua, derrubando-o. E os vidros tilintaram fortemente, partindo-se e os outros lampiões cahiram sobre o que fôra atirado ao chão, amassando-lhe o metal, destruindo-lhe os adornos, inutilisando-o, enfim. E todos, á porfia, no seu afan destruidor, gritavam surdamente, com uma voz soturna que ecoou lugubremnte na rua deserta:

— Tu brilhavas mais! tu brilhavas mais!



A CAMINHO DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES

HELIO LOBO

(Membro fundador da Sociedade Brasileira de
Direito Internacional, Secretario Geral da Dele-
gação do Brasil á Conferencia da Paz).

II (1)

DURANTE A GUERRA

Os Estados Unidos da America.

Para realização de um pacto de sociedade das nações foi, sem dúvida, primeiro factor o elemento norte-americano. Pôde-se talvez dizer que, sem elle, as energias esparsas se teriam conservado dispersas. Com o prestígio mundial que lhe deram os derradeiros tempos da grande tragedia, Wilson vai, melhor do que qualquer outro, convocar as forças universaes em torno do ideal *communum*.

The League to Enforce Peace.

A 17 de Junho de 1915, no Independence Hall de Philadelphia, — o mesmo sitio onde tinha sido assignada a Declaração de Independencia e redigida a Constituição dos Estados Unidos, — funda-se, com a adhesão do antigo Presidente Taft e o apoio do melhor elemento intellectual, a *League to Enforce Peace*. Fôra o local adrede escolhido, e o fim da liga não era outro senão obrigar á paz por meio de uma commissão de inquerito em vez do recurso das armas.

(1) Vêr a Revista de Junho de 1921.

Activa propaganda se iniciou logo no paiz, preparado de antemão para os ideias da nova sociedade (2). Duas autoridades de tomo sahiram-lhe, entretanto, logo no encalço, sustentando uma que tal equivalia a lançar o paiz nas complicações da política européia, e estatuindo outra que a execução do programma da *League* enfraqueceria o pregaro militar da Republica. Eram James Bryan, antigo Secretario de Estado, e Theodoro Roosevelt, antigo presidente (3).

Deu-lhe, porém, todo seu assentimento o presidente da União, Woodrow Wilson. A 1 de fevereiro de 1916, em Des Moines, elle tinha pedido, invocando a Deus, que, na falta de outro resultado, produzisse a guerra mundial ao menos o beneficio "de créer une tribune international et d'instituer quelque méthode pour garantir la paix par la coopération des grandes nations du monde". Discursando por occasião da primeira assembléa annual da *League to Enforce Peace*, em Washington, a 27 de maio seguinte, Wilson é mais cathegorico. Elle insiste que a paz é o interesse primordial da humanidade e que para obter-a e garantir-a cumpre crear "uma associação universal de nações".... "Toutes les nations de l'univers, exclama então, doivent instituer une sorte de ligue pour obtenir que le droit prévale contre toute sorte d'agression égoïste, pour éviter qu'une alliance se dresse contre une autre alliance, une entente contre une autre entente, car il faut un accord universel en vue d'un object cher à tous et cet objet se définit essentiellement le respect absolu des droits des peuples et de l'humanité. Les nations de l'univers sont toutes devenues voisines les unes des autres. C'est leur intérêt même de s'entendre entre elles. Pour s'entendre entre elles, il est indispensable qu'elles acceptent de travailler de concert à une oeuvre commune et qu'à cette collaboration président l'équité et l'impartiale justice". (4)

O apostolado do Presidente Wilson.

Começa, então, sobre as bases de tais principios, o apostolado do Presidente a favor da criação de uma Sociedade das Nações. Suas declarações vão tornar-se mais frequentes e mais precisas á proporção que os horrores da guerra irão revoltando a consciencia humana.

Assim, designado pela segunda vez á presidencia da nação, Wilson mostra logo, no seu discurso de Long Branch (2 de setembro de 1916) que no appello á opinião está, a seu ver, um dos melhores corretivos contra a guerra. "Les nations du monde doivent s'unir pour se garantir mutuellement que tout ce qui serait susceptible de troubler la vie du monde sera soumis au tribunal de l'opinion mondiale avant de recevoir un commencement d'exécution". Na nota dirigida quasi tres mezes depois aos beligerantes para indagar delles quais são seus fins de guerra, Wilson declara que "partout on est prêt à étudier la question d'une Ligue des Nations qui assurerait la paix et la justice dans le monde entier" (18 de

(2) Theodore Marburgh, *League of Nations, A chapter in the history of the movement*. New York, Macmillan, 1917. — O auctor, tambem membro fundador da *League*, expõe alguns antecedentes americanos, entre os quaes a "American Society for Judicial Settlement of International Disputes", fundada em 1910. Lembra tambem que em 1912 advogou a criação de uma liga de todas as potencias, com orgãos adequados, para conservação da paz: "joint action of all the enlightened Powers of the world, big and little, to secure equal rights and political liberty..." (pag. 29); assim como recorda a declaração de Roosevelt, em 1910, de que "the great powers should form a League of Peace not only to keep the peace among themselves but to prevent, by force, if necessary, its being broken by others" (pag. 39).

(3) O primeiro na Conferencia de 1916 do Lago Mohonk e o segundo no *Metropolitan Magazine* de fevereiro de 1917. Ver *La Paix de Pouples* cit. 1, n. 2, pag. 289.

dezembro de 1916) (5). No seu discurso ao Senado, de 22 de janeiro de 1917, entre as condições essenciais de uma paz permanente, enumera o hospede da Casa Branca a instituição de uma força collectiva capaz de evitar a repetição de uma segunda catastrophe mundial. "Il doit y avoir, conclue elle, non pas simple équilibre de puissances, mais institution d'une association de puissances, et non pas des rivalités organisées, mais une paix commune organisée". (6)

Mais tarde, inaugurando sua segunda presidencia (5 de março de 1917), desenvolve Wilson os principios de uma humanidade livre. Está seu grande paiz á beira da guerra, e elle os expõe assim:

"Toutes les nations ont un intérêt égal à la paix du monde et à la stabilité politique des peuples libres; elles ont une même part de responsabilité au maintient de cette paix et de cette stabilité. Le principe essentiel de la paix est une réelle égalité de toutes les nations dans toutes les questions de droits et de priviléges. La paix ne peut reposer avec sécurité et justice sur un équilibre de forces armées. Les Gouvernements doivent puiser leur pouvoir légitime dans le consentement des gouvernés; la commune pensée, la volonté, la force collective de la famille des nations ne sauraient soutenir d'autre pouvoir. Les mers doivent être également libres et sûres pour tous les peuples, suivant des règles établies par un accord et un consentement unanimes; et, autant que possible, tous doivent y avoir accès dans les mêmes conditions. Les armements nationaux doivent être limités aux nécessités d'ordre national et de sécurité domestique. L'association d'intérêts et de forces de laquelle dépendre désormais la paix, impose à chaque nation le devoir de s'assurer que toute ingérence de ses propres citoyens dans un autre Etat, ayant pour but d'y encourager ou aider une révolution, sera rigoureusement et efficacement combattue et abolie." (7)

A 2 de abril de 1917, proclamando o estado de guerra com a Alemanha, a mensagem presidencial allude á necessidade da criação de uma associação de nações democraticas para conservação da paz. "Il s'agit de fonder une ligue d'honneur, une association d'opinion", na linguagem federal. Essa ideia é, ainda, a pedra de toque da seguinte manifestação da Casa Branca, a 8 de janeiro de 1918, também chamado discurso dos 14 pontos. Fala Wilson ao Congresso sobre as condições de paz que seu Governo aceitaria, — relativas á abolição de *ententes* particulares e da diplomacia secreta; á liberdade dos mares; á suppressão das barreiras economicas e necessidade de igualdade de tratamento commercial; á redução dos armamentos; á disposição do regimen colonial; á solução do problema russo; á restauração da Belgica; á evacuação da França; á rectificação da fronteira da Italia; á autonomia da Austria-Hungria; á reconstituição da Roumania, Servia e Montenegro; á garantia de independencia das regiões turcas do Imperio Ottomano; á criação da Polonia, e, finalmente, á instituição de uma Sociedade de Nações, neste teor (§ 14.º): "Il faut qu'une association générale soit formée entre les nations, en vertu de conventions formelles, aux fins de procurer à tous les Etats, grands et petits également, des garanties mutuelles d'indépendance politique et d'intégrité territoriale".

E' sabido que esses chamados 14 pontos se completaram em Mont Vernon, diante do tumulo de Washington, a 14 de Julho de 1918, com outros

(4) Président Wilson, *Messages, Discours, documents diplomatiques relatifs à la guerre mondiale*, 18 août 1914 — 8 janvier 1918. Traduction conforme aux textes officiels par Desiré Roustan, Paris, Bossard, 1919, pags. 67 e 81.

(5) Président Wilson, *Messages, Discours, etc.* cit., I, pags. 89 e 96.

(6) Président Wilson, *Messages, Discours, etc.*, cit., I, pag. 105.

(7) Président Wilson, *Messages, Discours etc.*, cit., I, pag. 133.

4: a destruição de todo poder absoluto capaz de perturbar a paz mundial; a solução das questões territoriais, económicas ou políticas sujeitas ao desejo dos povos imediatamente interessados; o consentimento de todas as nações para se guiarem pelos princípios da honra e respeito à lei commun; e, finalmente, o appello á opinião como um dos diques mais efficazes á declaração da guerra, entre as nações: "L'établissement d'une organisation de paix telle qu'on ait la certitude que le pouvoir combiné des nations libres mettra obstacle à tout empêtement sur le droit, telle aussi que la paix et la justice soient pleinement sauvegardées par un véritable tribunal de l'opinion auquel tous devront se soumettre et qui tranchera toute contestation internationale au sujet de laquelle les peuples directement intéressés ne pourraient se mettre d'accord amicalement". (8)

Ainda a 27 de Setembro de 1918, quasi ás portas do armistício, volta á enunciação da sua ideia mais cara, ao enumerar, no Metropolitan-Opera de New York, "os cinco principios que devem dominar as negociações conducentes á paz". Sómente uma Liga de Nações, diz elle, será capaz de promover uma justiça imparcial, base da vida entre as nações. As ligas parciais ou alianças, os accordos económicos egoistas, não se admittirão no íntimo da grande familia commun da Liga. As exclusões económicas só serão permitidas como penalidade, imposta pela propria Liga. E o mundo inteiro deverá conhecer os accordos e tratados de qualquer especie e natureza. (9)

Emfim, recebido na Sorbonne a 21 de Dezembro de 1918, o presidente Wilson dá a saber á humanidade curiosa, antes da abertura da grande conferencia internacional da paz, o seu conceito sobre a criação de uma sociedade das nações:

"Ma conception de la Ligue des Nations est simplement celle-ci: qu'elle doit operer comme la force morale organisée des hommes par tout le monde, et que ce soit, et a quelle heure que ce soit, qu'un tort ou une agression soient préparés ou envisagés, cette lumiere pénétrante de la conscience se concentre sur ces projets, et que les hommes partout demandent: "Quelle intentions nourrissez-vous dans votre coeur contre la destinée du monde?" Il suffit de si peu de clarté pour résoudre la plupart des questions! Si les puissances centrales avaient osé porter à la discussion pendant simplement une quinzaine de jours les buts de cette guerre, elle n'aurait jamais éclaté, et si, comme il le devrait être, elles avaient été forcées de les discuter pendant une année, alors la guerre aurait été una chose inconcevable". (10).

Reiteradamente o appello á opinião publica vem em confissão. Elle prevalecerá, ao cabo, nas discussões do Hotel Crillon.

The League of Free Nations. O armistício.

Acompanhava a opinião na America a palavra do seu chefe supremo. Assinado o armistício, toda essa propaganda ia entrar na sua phase prática. Não estava prestes o momento da criação da Liga, como edifício da paz longamente sonhado?

E' então que a *League to Enforce Peace* compendia a formula americana, parede meia com a oficial: o appello á opinião antes que a guerra estoire.

(8) Président Wilson, *Messages, Discours etc.* cit., pag. 291. — Falando, menos de um mês antes, aos jornalistas mexicanos (9 de Junho de 1918) insiste Wilson na criação de um acordo internacional "que constituirá a base da vida futura das nações".

(9) Président Wilson, *Messages, Discours etc.*, cit., II, pag. 309.

(10) Président Wilson, *Messages, Discours etc.* cit., II, pag. 360.

Um sistema integral de pacifismo, com cortes julgadoras e ordens imparitativas, não vale na sua realização prática, esse expediente prático, que une as nações sem sacrifícios de soberania. A 23 de Novembro de 1918 expõe a League o que chama o *Victory Program*, resumido nas quatro cláusulas seguintes:

"1 — Toutes questions, susceptibles d'une solution judiciaire, s'élévant entre les puissances signataires, et non résolues par les négociations, doivent, aux conditions du traité, venir devant un tribunal judiciaire pour débat et jugement, tant de fond que de la compétence. 2 — Toutes les autres questions s'élévant entre les signataires, et non résolues par les négociations, seront soumises au Conseil de conciliation pour information, discussion et recommandation. 3 — Les puissances signataires emploieront immédiatement leurs forces, tant économiques que militaires, contre toute d'entre elles qui engagera la guerre, ou commettre des actes d'hostilité contre une autre des signataires avant que la question litigieuse n'ait été soumise à l'arbitrage ou à la conciliation ci-dessus prévus. 4 — Des conférences entre les puissances signataires auront lieu d'époque en époque, pour formuler et codifier les règles du droit international qui, sauf si quelque signataire signifie son dissensément dans une période donnée, gouverneront ultérieurement les décisions du tribunal judiciaire mentionné à l'article premier".

Como se vê é um sistema inteiro de justiça internacional que se esboça. Não parece de desdenhar-se. Ela vai prevalecer e seu princípio básico é o de que "a liga empregará todo seu poder afim de que um membro della, que quizer abrir luta com outro, submeta o seu conflito a um processo de liquidação pacífica, antes de iniciar as hostilidades".

E' pronunciada a evolução do instituto. Um tribunal judiciário, para as questões suscetíveis de solução arbitral. Um conselho de conciliação, para as que transpuzerem esse limite. Um conjunto de sancções económicas e militares pune o transgressor.

Quatro dias depois da publicação desse manifesto, um grupo de editores, publicistas e estudantes graduados da lei internacional (habitados a reunirem-se semanalmente em New York para o estudo do problema da criação de uma Liga de Nações) expõe, também em manifesto público, seu pensamento. Sob a denominação de *League of Free Nations* essa associação propunha-se, sob o patrocínio dos princípios enunciados pelo presidente Wilson, promover a paz mundial e perenne pelo respeito à entidade política de cada país e à manutenção de um regime económico de igualdade.

Base do primeiro é o princípio de que a segurança e os direitos de cada um reposam no poder de todos congregados em liga. Esteio do segundo é a regularização da interdependência económica universal, pela abolição de privilégios de toda sorte, do monopólio no regime colonial e o reconhecimento não somente do direito de livre transito como também do acesso directo ao mar para pequenos e grandes.

A *League of Free Nations* lembra que a administração internacional idealizada tem seus primeiros passos no Conselho Económico Aliado e advoga seu desenvolvimento mediante a abolição da diplomacia secreta e uma representação popular efectiva. A tarefa, diz ella, não será fácil, mas tem por si o antecedente da formação da União Americana: "In search of freedom, our forefathers turned their faces to the West, set out across the Atlantic, and laid the foundations of an American Commonwealth. Even in the free spaces of the New World they could not attain independence, unity, and democracy, in such measure as we now possess them, without struggle. It has remained for our generation, with these things not wholly achieved, to turn our faces toward the East and set out overseas across the Atlantic to aid the peoples from whom we sprang to achieve

those things in the midst of the more rigid social fabric of the Old World, and against the forces of despotism, autocracy, imperialism, privilege, and militarism, which found their supreme embodiment in the Prussian scheme of world dominion". (11)

Como já se disse, a convicção da sua força como federação dá aos americanos do norte confiança para levantar o edifício da sociedade das nações. Terão esse animo até o cabo, ou actuam sob o imperio da mais dolorosa das guerras?

A Grã-Bretanha. A "League of Nations Union" e o Visconde Bryce.

A fundação e propositos da *League to Enforce Peace* nos Estados Unidos, em 1915, teve na Grã-Bretanha imediato éco. Uma associação com esse nome installa-se na Inglaterra em igual data, e em 1918 uma segunda, nas linhas da *League of Free Nations Association*, e com identica denominação, funda-se em Londres.

A identidade de ideais é tal que nos Estados Unidos une-se a *League to Enforce Peace*, em fevereiro de 1919, com a *World's Court League*, a *New York Peace Society* e a *American National Board of the Woemn's International Committee for Permanent Peace*, resultando dessa fusão a *American League of Nations Union*. Na Grã Bretanha, em igual data, opera-se a fusão da *League of Free Nations Association* e a *League of Nations Society* com o nome de *League of Nations Union*.

Antigo embaixador inglez em Washington, o visconde Bryce, conhece de perto a mentalidade americana para tentar na Inglaterra a realização dos objectivos visados pelo antigo Presidente Taft. Acaba a *League of Enforce Peace* de nascer e elle vai ensaiar, com varios escriptores britânicos, sob a denominação de *Proposals for the prevention of future wars*, algumas suggestões para conservação da paz. (12).

E' um sistema completo o que propõe: "Os Estados existentes actualmente, escreve Bryce, conservando a respectiva soberania, entrarão num acordo para conservação da paz. O que queremos não é uma liga de alguns Estados, contra outros, mas uma união do maior numero possível, no interesse geral". Para isso a introducção do projecto confessa ter-se inspirado directamente nos chamados Tratados Bryan, "cuja essencia é a de que as partes contractantes concordam não recorrerem a medidas hostis até que a materia de disputa tenha sido submettida a uma Comissão de Inquerito". Essa chamada *moratoria* acompanha-se de algumas medidas de coerção para execução do tratado.

As questões susceptiveis de decisão arbitral, inclusive as que se referirem aos interesses vitaes e honra da nação, serão subordinadas ao julgamento da Corte Permanente de Arbitramento, á Corte de Justiça Arbitral postposta perante a 2.^a Conferencia da Paz, ou a qualquer outro tribunal arbitral. As que forem além desse limite, serão confiadas a um conselho de conciliação para estudo, recommendação e mesmo execução. Os membros do conselho serão nomeados pelas partes contractantes, e sua primeira tarefa é, tomado conhecimento de qualquer pendencia internacional, fazer um relatorio recommendando sua solução pacifica. Elle deliberará publica

(11) *League of Free Nations Association*, New York, 27 November 1918, in *International Conciliation*, New York, January 1919, n. 134, pag. 45.

(12) *Proposals for the Prevention of future Wars* by Viscount Bryce and others. London Allen and Unwin.

ou reservadamente e poderá tambem fazer suggestões quanto á limitação dos armamentos.

Cada parte contractante convaciona não declarar guerra ou começar hostilidades, ou ainda iniciar preparativos hostis contra a outra: a) antes que a materia de disputa haja sido submettida ao tribunal arbitral ou ao conselho; b) dentro de um periodo de vinte mezes contados da apresentação da questão; ou c) dentro de seis mezes depois de publicado o relatorio do conselho. Si a potencia contravem algum desses compromissos, ou recusa-se a acceptar e executar a recommendação do conselho, as outras porão em execução as medidas que julgarem necessarias para cumprimento da recommendação. Essas medidas se executarão pelos proprios governos das potencias signatarias e não pelo conselho, e serão providencias de ordem militar e economica. A este respeito escreve o Visconde Bryce: "Military operations are not the only form of coercion, possible, and the agreement contemplates also economic pressure. In some cases this might be as effective as armed force and as easy of application. A whole series of such measures can be conceiveed, differing in their severity and in their applicability to different cases: e. g. an embargo on the shipping of the recalcitrant state, a prohibition of loans to it; cutting it off from railway, postal, telegraphic and telephonic communication; prohibition of exports to or imports from it, supported if necessary by what international lawyers call a pacific blockade". (13)

Wells e seu The Four Year.

Si a formação de uma sociedade das nações interessava á gente reflexiva, Wells se incumbiu logo de, com sua imaginação, a ella associar as classes populares.

No seu romance *The Four Year* não hesita elle em recommendar a Sociedade das Nações, na qual acha "une de ces formules creatrices qui peuvent modifier l'entiere destinée du genre humain". Ao seu conceito, a paz do mundo não pôde assegurar-se senão pelo esforço combinado de quatro grandes potencias: a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha e os Estados Unidos. Tres outras são incapazes para a tarefa: a Italia, que tem um grande coração, mas carece de combustivel; o Japão, que estaria sempre desarmado contra os submarinos; e a Austria, porque é a Austria. A Russia é um ponto de interrogação e a China por enquanto não vale grande cousa.

Firmado esse principio (e Wells diz que paizes como a Suecia, a Holanda e a Suissa são incapazes de levantar o menor protesto contra a guerra, como os acontecimentos provaram) a paz mundial dependerá do acordo daquelles quatro grandes Estados, "La paix, escreve o romancista, concerne les grandes puissances par definition. La production de l'acier, le nombre de diplômés universitaires, constituent des criteres accessoires tres commodes et peuvent utilement servir a mesurer la capacité guerriere d'un pays. Mais c'est la volonté seule de ces peuples dirigeants qui doit s'incorporer dans la chair et la substance même du Conseil de la Ligue des Nations. Ils peuvent donner une paix durable aus petits nations et a l'humanité tout entière, et l'on n'y aboutira pas aucun autre moyen. Aussi, je pose en principe que le Conseil d'une Ligue des Nations idéale doit être composé principalement des représentants des grandes puissances belligérantes.

(13) Vêr a Introdução do Projecto e o Projecto em Leonard S. Woolf, *The framework of a lasting peace*, London, Allen and Unwin, 1917, pag's. 67 e 85.

Quant aux delegués des alliés secondaires et des neutres, pour essentielle que soit leur présence, ils ne doivent en aucun avoir la possibilité de submerger les voix de ces fractions prépondérantes de l'espèce humaine".

A instituição da Sociedade das Nações se fará assim naturalmente, pela força das cousas, e não por obra de um acordo artificial. Nada de projectos complicados nem precisos. Quando o povo ouve discretear da Sociedade das Nações imagina, logo, que alguns delegados, "como os que figuram nas assembléas legislativas, serão convocados, não se sabe como, para as reuniões num palacio do Congresso da Liga das Nações, especialmente construído para tal fim"... Taes projectos são, na verdade, mais methodicos que a realidade. E o que salta à imaginação é um "personagem sabio e avisado, com oculos, lendo em voz clara o Projecto de Constituição de uma Liga das Nações, diante um Congresso da Paz attento e respeitoso..." Ora, conclue Wells, pode-se chegar á liga por caminhos naturaes... "A lieu d'être construite ainsi qu'une machine la Ligue des Nations peut être resolue comme un mariage... La Ligue peut nous arriver par degrées presque a notre insu".

A Sociedade das Nações, assim estabelecida, terá uma Corte Suprema, diante da qual as potencias exporão as questões, que ameaçarem dividil-as. A Corte julgará sem appello, e, para garantir a paz do mundo, pode chegar mesmo a restringir o desenvolvimento dos exercitos nacionaes e fiscalisar as industrias de armamento. Concluindo, escreve o romancista inglez:

"La Ligue des Nations, pour devenir une réalité et amener la pacification de l'Univers, doit pour le moins se substituer aux empires. Non seulement elle portera le coup de grâce a cet imperialisme germanique frais éclos qui lutte si sauvagement et si vigoureusement pour la domination du globe, mais elle liquidera l'impérialisme britannique et l'impérialisme français qui sont déjà taillé sans agression une si large part de l'Univers. D'ailleurs, la même conception s'applique en ce qui concerne l'Afrique Centrale aussi bien aux Belges, aux Portugais, aux Français et aux Anglais qu'aux Allemands. Quant a ces fantasmagories d'une imagination futuriste, l'impérialisme de l'Italie ou de la Grece, qui voudraient menacer de leurs gestes d'épouvantail le monde de nos petits neveux, la Ligue des Nations Libres les etouffera dans l'oeuf". (14).

A propaganda espraia-se. Os autores. O Visconde Grey.

Mas o espirito britannico em breve amadurece para a realização dos ideais de uma *League of Nations*. Fundida a *League of Nations Society* com a *League of Free Nations*, sob a denominação alludida de *League of Nations Union*, uma grande reunião realiza-se a 10 de Outubro de 1918, no Westminster Central Hall, sob a presidencia do Ministro Barnes. Todos os partidos estão presentes, numa communhão perfeita de vistas, o governo, a oposição, o *Labour Party*, o clero. Industriaes, comerciantes, homens politicos eminentes, o arcebispo de Canterbury, o grande rabbino da Inglaterra, professores, publicistas, não discordam na tarefa em que vão colaborar, sob a licção cruel da maior de todas as guerras. No seu discurso oficial, trata o Visconde Grey, presidente da *League of Nations Union*, dos fins daquella reunião e declara que mais nobres não pode haver. Não é a fundação de uma liga de algumas nações que se projecta, mas uma

(14) Wells, *In The Four Year*, London, 1918. — Tambem *La Prochaine Société des Nations* cit., *Paix des Peuples*, 1. n. 2, pag. 288.

associação de todas ellas em beneficio da paz. Tampouco será uma liga fundada na vigencia da guerra, porque ella não pode surgir sinão com a paz, de que será a mais formosa garantia. Erram os que crêem que a Liga será frustanea, porque nunca pôde fundar-a a humanidade, mau grado todos seus soffrimentos anteriores. Pelo facto de que nunca se realizou segue-se que jamais logrará exito? "People say: you have had these schemes before; they have never come to anything; why should they come to anything now? Well, the League of Nations is machinery, and machinery is of no use unless there is power to drive it. You might long before people have discovered how to apply the power of steam, have had the locomotive, with its wheels, piston, and everything else complete, but without the motive power it would have been useless; the wheels would not have gone round, the thing would not have moved, it would have been of no use whatever. That is what machinery for League of Nations has been in previous years, and the whole point of it is that now, after this war, there may be in mankind and in the world a motive power sufficient to work that machinery. There has been no war like this in recorded history. Never before have we had whole nations put through the mill of war. The suffering has been on a scale unprecedented. Now do you suppose that human nature is so rigid, so unteachable, so unalterable, that all that tremendous experience which this generation is going through is to have no permanent or lasting effect, not only on men's minds but on their feelings?... I am thinking of men from the ranks who come home. They say they wish this war to be brought to a successful conclusion which will make peace secure, but they are determined that after this is secure, so far as it lies with them there shall be no more fighting in their life time. Well now your League of Nations therefore is machinery to carry out a determination on the part of the world at large that it will stop future wars. If that determination does not exist the machinery will be of no use, but if the determination does exist then I believe the world at large will insist upon the machinery being brought into use, and that is why I believe the League of Nations, the formation of a League of Nations, is not only possible but is a test of whether the experience of this war has altered the whole point of view of nations with regard to war in general".

A Sociedade das Nações, assim imposta pela natureza das causas, terá efficiencia porque contará, entre outros elementos, com a coercção económica, capaz de impedir muitas guerras. Tambem ella insistirá para que cada Governo, membro da Liga, seja responsável pelo aumento de armamento em seu território. Para isso deve contar com a sinceridade dos governos. A questão do trabalho não será das menos importantes na sua tarefa. (15)

Inaugura, então, a *League of Nations Union* a sua propaganda, pela impressão de um boletim mensal e a inauguração de discursos e conferências. Vários impressos procuram esclarecer a opinião pública. Assim o professor Pollard trata da *The League of Nations in History*; Frederick Pollock da *The League of Nations and Thom Coming Rule of Law*; Julian Corbett, da *The League of Nations and Freedom of seas*; Sir Sidney Olivier, da *The League of Nations and Primitive Peoples*; Hartley Withers, da *The League of Nations: Its economic aspects*, enquanto Arthur Henderson escreve da *League of Nations and Labour*, o professor Gilber Mur-

(15) Ver *Viscount Grey explains why a League is necessary and What it will do*, London 1918, publicação da *League of Nations Union*.

ray, da *The League of Nations and the democratic idea* e o bispo de Winchester, da *The Spiritual Sanctions of a League of Nations*. (16)

Além dessas publicações, algumas das quais officiosas, há as declarações expressas dos chefes de governo e políticos de responsabilidade. Assim J. A. Balfour, num discurso pronunciado em fins de setembro de 1918, aceita sem restrições a ideia do Presidente Wilson: "I believe a League will be required to superintend and control not only the criminal ambitions of great autocracies, but to prevent any rash and inconsiderate countries going to war. It is impossible to talk about democracies except for countries which have reached a relatively advanced stage of civilisation. The League could be a trustee for those less developed. Holding this view I regard the League as the greatest work of the Conference". Asquith, por seu lado, numa grande reunião do National Liberal Federation, não é menos confiante: "The real solution, or, at least, if not the solution, the real safeguard for the settlement of peace and many others problems which will rise, confessa elle, lies in the whole-hearted acceptance of a League of Nations". Não tem outra attitude Lloyd George num discurso pronunciado nas vésperas das eleições, pouco depois de assinado o armistício: "I am a believer in the League of Nations. I do not say it will prevent war, but it will make war very difficult. I tell you what it will do. When the God of war gets on the move there will be something to tangle his footseps and to trip him up. He will find it hard work to break through. I believe in the League of Nations because it will add to the difficulties of making war". Bonar Law confia na acção da Liga como garantia da paz. Lord Cruzon, na Camara dos Lords, exprime suas sympathias pela instituição, enquanto na Camara dos Comuns Robert Cecil declara que se recusará a fazer parte de um governo que fosse contrário à organização de uma liga de nações. (17)

E' evidente, em todas essas manifestações, que a forma parece ainda imprecisa. A constituição do imperio britânico, com seus dominios e possessões (vai-se ver mais tarde) tem grande influencia no movimento de sympathia que a organização da Liga desperta no povo inglez. A 14 de janeiro de 1919 o "Times", exprimindo o pensamento geral, affirma que na situação dos dominios britânicos, com personalidade internacional, encontra-se "uma pequena imagem da Sociedade das Nações realizada no seio do imperio britânico".

Applicar-se-á á formação della o que o General Smuts disse, a 15 de maio de 1917, da *commonwalth inglez*: "Le fait capital que vous devez retenir est que l'empire britannique, ou ce que vous devez appelez Commonwealth of Nations, n'est pas pour l'unité, pour le même étalon imposé à tout le monde, pour l'assimilation et pour la denationalisation; il est pour l'épanouissement le plus complet des vies diverses des nations qui le composent, et même des nations qui vous ont combattu comme la mienne (les Boers) sentent que leurs intérêts, leur langage, leur religion et toute leur culture sont aussi sauvegardés sous le drapeau britannique que ceux de vos enfants. Nous n'allons pas créer un gouvernement commun, fédéral ou

(16) Ver todos esses ensaios reunidos em volume pela Oxford University Press, prefacio de Basil Mathews, 1919.

(17) Ver J. Tchernoff, *Les nations et la Société des Nations dans la politique moderne*, Paris, Alcan, 1919. — *The League of Nations Journal and monthly report*, January 1919, pag. 36 e segs. — Foi a esse tempo que também apareceu: *Articles of a treaty establishing a Supernational Authority that will prevent war*, by a Fabian Committee, cujos pormenores se encontram em Leonard S. Woolf, *The framework of a lasting peace* cit. pag. 91.

autre, mais nous allons étendre les libertés nationales de plus en plus dans les diverses parties de l'empire".

O Tenente-Coronel Smuts e suas 21 suggestões.

Foi quando apareceu um livro, de pequeno formato, de apparencia modesta, destinado a exercer a mais efficaz influencia na formação da Sociedade das Nações, tal qual se constituiu em Paris. E' a obra do Tenente Coronel J. C. Smuts, presidente do Conselho da Africa do Sul e futuro delegado da Grã-Bretanha na Comissão do Hotel Crillon. (18)

No entender de Smuts a Liga das Nações deve ter um papel muito mais importante que o commumente traçado, pois que além de prevenir as guerras, deve-lhe caber tambem todo o intercurso entre as nações civilisadas. "It is not sufficient, diz elle, for the League merely be a sort of *deus ex machina*, called in in very grave emergencies when the spectre of war appears; if it is to last, it must be much more. It become part and parcel of the common international Life os States, it must be an ever visible, living, working organ of the polity of civilisation". Para essa tarefa pensa o escriptor que o mundo está maduro. As palavras do rosto do seu livro são suggestivas. Alli diz elle: "My reflections have convinced me that the ordinary conception of the League of Nations is not a fruitful one, nor is it the rightnone, and that a radical transformation of it is necessary. If the League is ever to be a success it will have to occupy a much greater position, and perform many other functions besides those ordinarily assigned to it. Peace and war are resultants of many complex forces, and those forces will have to be gripped at an earlier stage of their growth, if peace is to be effectively maintained. To enabled it to do so, the League will have to occupy the great position which has been rendered vacant by the destruction of so many of the old european empires, and the passing away of the old european order. The League should be put into the very forefront of the programm of the Peace Conference and be made the point of departure for the solution of many of the grave problems with which it will be confronted".

O pensamento de Smuts é que a Europa está em liquidação, e que á Liga das Nações deve caber a herança. Já passou a época do equilíbrio. A nova ordem de cousas exige um real travamento na cooperação internacional, em beneficio não só da paz, como tambem do desenvolvimento político, industrial e economico de todas as nações.

Vinte e uma suggestões, então, alinha com esse escopo. Podemos resumil-as assim: (19)

1.^a — A Conferencia da Paz deve considerar como sua primeira e principal tarefa a criação de uma Sociedade das Nações. Ella será o organismo necessário para dar solução a todos os problemas da paz. Na realidade, a Conferencia deve considerar-se como a reunião preliminar da Liga.

2.^a — Quanto aos territorios que pertenciam á Russia, á Austria-Hungria e á Turquia, a Liga deve ser considerada legataria, no sentido mais lateral

(18) *The League of Nations, A practical suggestion*, by Lt. Gen. the Rt. Hon. J. C. Smuts, Hodder and Stoughton, London, Toronto, New York, 1918.

(19) Tão importantes são, no estudo de uma liga de nações, que as daremos em annexo. Vel-as em Smuts, *The League of Nations* cit. e na traducção francesa de Georges Scelle, *Le Pacte des Nations et sa liaison avec le traité de paix*, Paris, collecção Sirey, 1919.

da palavra. Somente ella terá o direito de dispor delles, dentro de certos principios essenciaes.

3.^a — Taes principios são: não haverá annexações de nenhum desses territorios a nenhuma das nações victoriosas; applicação justa e razoavel do principio da livre disposição dos governados para a instituição da forma de governo.

4.^a — A autoridade e direcção administrativa, necessaria a taes territorios, será função exclusiva da Liga, por si mesma ou, por delegação, a terceiro.

5.^a — Essa delegação poderá recahir num Estado mandatario, aprovado pelo povo ou territorio autonomo.

6.^a — A Liga reserva-se o direito de ultima decisão, por appellação dos interessados, contra a violação do mandato.

7.^a — O Estado mandatario será obrigado a manter o principio da porta aberta e a igualdade do tratamento economico.

8.^a — Nenhum novo Estado, proveniente dos velhos imperios, poderá ser admittido á Liga sem sujeitar-se ao que fôr estatuido para elle relativamente ás forças militares e ao armamento.

9.^a — Como sucessora dos imperios, a Liga fiscalisará directamente as relações entre os novos Estados independentes.

10.^a — A constituição da Liga será a de uma conferencia permanente entre os governos dos Estados contractantes, e comprehenderá uma conferencia geral, um conselho, e uma corte de arbitramento e conciliação.

11.^a — A conferencia reunir-se-á periodicamente, tendo nella votos eguaes os Estados representados e cabendo-lhe tratar dos assumptos apresentados pelo Conselho, taes como a limitação dos armamentos. As resoluções votadas pela conferencia terão o valor de uma recomendação dirigida aos parlamentos e governos.

12.^a — O conselho ou *comité executivo* da Liga, será constituído pelos primeiros ministros, ministros das relações exteriores ou representantes eminentes das grandes potencias, e por dois representantes das potencias secundarias, de modo a garantir áquellas a maioria. Uma minoridade de tres ou mais votos pode inquinar de nullidade as decisões.

13.^a — O conselho reunir-se-á periodicamente, designará um secretariado permanente e nomeará as commissões mixtas para o estudo das questões de sua alçada.

14.^a — Suas funcções são as de um poder executivo da Liga, bem como as de administrador dos dominios internacionaes communs como rios e canaes.

15.^a — Todos os Estados consentirão na abolição do serviço militar obrigatorio. As milicias bastarão para a defesa, e seu effectivo será determinado pela Liga.

16.^a — Em quanto a limitação dos armamentos fôr impraticavel, o conselho da liga fixará as quantidades de materias e armamento necessarias ao interesse commun.

17.^a — As usinas de armas serão nacionalisadas e sua producção fiscalisada pelo conselho da Liga.

18.^a — Os membros da Liga compromettem-se a não declarar a guerra uns aos outros: a) sem sujeitar a questão a arbitramento ou a um inquérito do conselho; b) enquanto o conselho não dê seu parecer; c) mesmo dada esta circumstancia, contra um membro que se conformar com o relatorio do conselho.

19.^a — Si um membro da Liga rompe o pacto concluido estará "ipso facto" em estado de guerra com todos os outros membros da Liga, os quaes o sujeitarão a um bloqueio economico completo. O conselho fará então a recommendação que julgar util quanto á contribuição militar e naval de cada membro.

20.^a — Os membros da Liga compromettem-se a sujeitar a arbitramento toda questão relativa á interpretação de um tratado ou applicação de direito internacional.

21.^a — Não sendo possivel a solução arbitral, o conselho fará as recomendações necessarias para uma solução justa e duravel. Ele envidará todos os esforços para conciliar as partes em litigio e publicará o resultado delles si, mau grado sua recommendação, um dos Estados ameaçar o outro com a guerra.

A Scandinavia — Os paizes latinos — Italia — França — A Allemanha.

Dos paizes anglo-saxões a propaganda vai ganhando o mundo.

Assim a Hollanda, naturalmente fadada ás cogitações pacifistas, alista-se com empenho no grupo dos adherentes da Sociedade das Nações. Uma *comissão especial para a organisação de uma paz duravel* lança as bases de um "tratado para a solução pacifica das questões internacionaes" sob a forma de uma corte internacional de arbitramento e um conselho de conciliação, adoptada tambem pela "Organisação Central para uma Paz Permanente" fundada na Haya. (20) A posição neutra do paiz, mais tarde, vai concorrer para que o problema seja nelle grandemente discutido.

O mesmo acontecerá á Suissa, cujo interesse no assumpto se manifestou assim tomou corpo a ideia da creação da Sociedade das Nações. Terá que ser consultado o paiz num plebiscito, e a consulta apaixonará a todos os partidos. E' matéria tambem para exame posterior.

A Suecia, a Noruega, a Dinamarca, por seu turno, fundam suas respectivas associações para a sociedade das nações. Concordam os tres governos em tomar medidas de conjunto, que salvaguardem seus interesses primordiales no fim da guerra. Varias reuniões se effectuaram no sentido da creação de uma sociedade das nações, cujo projecto definitivo obriga a submissão das pendencias internacionaes a uma corte de arbitramento e a um conselho de conciliação.

A propria Allemanha agita-se. E' sabido que concordou na creação de uma Sociedade de Nações como uma das condições da paz. Do punho do ministro Erzberger sahirá um projecto integral nesse sentido.

Na Italia, além da Associação Italiana para a Sociedade das Nações, um grande congresso reune-se em Milão, em fins de 1918. A Associação tem 150 filiaes na Italia e a ella pertencem ministros de Estado, estudantes, industriaes, professores. Entre as conclusões do Congresso está a de que a França, a Grã-Bretanha, a Italia e Estados Unidos da America "devem fazer todo o esforço para transformarem a entente dos Estados anti-germanicos numa Liga de Nações Livres". Uma corte de arbitramento julgará as questões internacionaes e um conselho aliado, composto de representantes dos Estados associados, executará as decisões do conselho.

Mas é em França que a questão toma maior vulto. Um precursor, Leon Bourgeois, resume poucos mezes antes da guerra os ideais pacifistas da

(20) Ver os pormenores em Leonard S. Woolf, *The framework of a lasting peace* cit. pags. 63 e 126.

humanidade, tão nobremente praticados pelo seu paiz, e o livro é sympathicamente recebido. "Pas d'harmonie sans l'ordre, pas d'ordre sans la paix, pas de paix sans liberté, pas de liberté sans la justice", tal sua formula. (21) Digno sucessor de Frederico Passy, elle propõe na Haya o "reconhecimento da solidariedade que une os membros da Sociedade das Nações civilisadas", e a convenção para o regulamento pacífico dos conflictos internacionaes, alli votada, o exara expressamente. Mais tarde, membro da França na commissão do Hotel Crillon, Bourgeois tem papel saliente no preparo do pacto.

O seu paiz o acompanha nessa tarefa humanitaria. Assim, a 5 de Junho de 1917 a Camara dos Deputados, numa ordem do dia aceita pelo governo, espera que "l'effort des armées de la République, et des armées aliées, permettra, le militarisme prussien abattu, d'obtenir des garanties durables de paix et d'indépendance pour les peuples grands et petits dans une organisation des maintenant préparée de la Société des Nations". Era o pensamento do ministerio Ribot, constituído a 20 de março anterior, quando, citando a Wilson, dizia ser a organização da sociedade das nações o ideal communum dos aliados. O partido socialista o adopta, por seu lado, ao confiar nas "garanties collectives de la Société des Nations"; e a Liga dos Direitos do Homem o applaude ao exclamar: "une paix durable n'est possible que par l'établissement d'une société des nations instituant entre les états les mêmes règles que chacun d'eux applique à ses membres, le règlement des conflits par le droit et non par la force".

Mas é pela iniciativa mesma de Léon Bourgeois que se constituiu em França, por uma decisão do Ministerio Ribot, a 22 de Julho de 1917, uma commissão encarregada de preparar o plano de organização de uma Sociedade das Nações. Essa commissão, composta de Leon Bourgeois, presidente, almirante Lacaze, vice-presidente, Jules Cambon, E. Lavisse, Gabriel Hanotaux, F. Appell, d'Esoutnelles de Constant, Payelle, Louis Renault, André Weiss, de Margerie, Gout, Formageot, Penn e P. Matter, apresentou seu projecto ao governo e pediu fosse comunicado aos aliados em 8 de Junho de 1918.

No seu relatorio, expoz Leon Bourgeois tres pontos: 1) Deve a Sociedade das Nações ser um super-Estado, ou, ao contrario, respeitará a soberania integral de cada Estado? 2) Comprehenderá todos os paizes, ou somente aquelles que, regidos por instituições livres, derem garantias bastantes de sua boa fé e respeito reciproco? 3) Terá meios de executar suas decisões? Respondendo afirmativamente á segunda parte do primeiro e do segundo pontos e ao terceiro, o projecto, minuciosamente, examina o problema em todas as suas faces.

De facto, lê-se alli, o problema da Sociedade das Nações, de origem antiga, tomou corpo nas duas conferencias da Haya de 1899 e 1907, foi retomado pelos governos aliados em varias datas, inscripto pelo Presidente Wilson na sua nota de dezembro de 1916, e aceito pelas potencias inimigas na sua resposta ao papa, de 16 de agosto de 1917. Elle impõe-se, portanto, á meditação das potencias em luta contra os imperios centraes. As bases francezas são as seguintes:

I — Para estabelecer o reino do direito, reclamado pelos successos da grande guerra, é preciso fundar "uma organização contractual e permanente entre as nações, de modo a instituir a associação que a opinião universal denominou Sociedade das Nações".

(21) Léon Bourgeois, *Pour la Société des Nations*, Paris, George Crès, 1914.

II — Não se tem por fim estabelecer assim um Estado político internacional, mas unicamente "manter a paz pela substituição da força pelo direito na solução dos conflictos".

III — A Sociedade das Nações é de tendência universal, mas, pelo seu próprio objecto, "ella não comprehende sinão o conjunto de nações que, fies á palavra dada, se compromettem solemnemente a observar certas regras de manutenção da paz pelo direito".

IV — É seu representante um organismo internacional composto dos chefes responsáveis dos governos, ou seus delegados, com a função de: a) proceder por mediação amigável, nos termos da Convenção 1 de Haya, de 1907, não sendo possível essa mediação; b) fazer julgar a questão por um tribunal internacional, por elle instituído; e, não sendo a questão suscetível de solução judiciária; c) resolvê-la privativamente.

O conselho internacional assegura a execução da sentença judicial e, mediante requisição, as partes contractantes empregarão seu poder económico, marítimo e militar contra a nação contraventora. Cabe-lhe também o emprego de sancções militares, jurídicas e diplomáticas, para garantia da boa ordem e da paz internacional. (22)

A 10 de novembro de 1918 funda-se em Paris a *Association Française pour la Société des Nations*. Presidente efectivo, é ainda a Leon Bourgeois que cabe falar. Elle insiste em que a paz depende da aplicação do direito e que, faltando até hoje uma sancção perfeita ao direito internacional, cumpre crear um organismo internacional, que a conceda e faça executar. Seu ponto cardeal é o desenvolvimento das instituições da Haya, nas quais vê o interesse geral da humanidade: "Créer un tribunal international, ou mieux, développer et armer de pouvoirs suffisants le tribunal international qu'ont déjà institué les conférences de la Haye, est le premier acte nécessaire".

Bem se vê que o pensamento latino, adepto das construções lógicas, quer crear um sistema inteiro de justiça, no qual a aplicação das sentenças arbitrais toma mais vulto que a solução política das pendências entre os Estados.

"Cet organisme, conclue Bourgeois, constitué sous la forme d'un conseil international, puisera son autorité dans l'engagement réciproque, pris par chacune des nations associées, d'user avec les autres de sa puissance économique, militaire et maritime contre toute nation violant le pacte social. Il n'y aura rien d'arbitraire dans la définition des pouvoirs du conseil international. Né d'un contrat volontaire, suscrit par les états associées, il aura pour unique mandat d'assurer l'exécution de ce contrat. Son but étant le maintien de la paix entre les nations associées, il devra rechercher et employer tous les moyens propres à prévenir les conflits. Il devra d'abord utiliser et développer les institutions créées à la Haye et provoquer au besoin l'établissement de juridictions complémentaires. Pour assurer le règlement amiable des différends, il pourra intervenir soit sur la demande des parties, soit même par l'initiative d'un quelconque des autres états associées... Lorsqu'une sentence aura été rendue par la juridiction internationale, le conseil en assurera l'exécution. Il se peut que certaines difficultés, n'étant pas d'ordre juridique, ne se prêtant pas à l'examen du tribunal international. Il ne faut pas que le conseil international soit, en ces cas, désarmé. Les états associés devront, donc, lors de la fondation de la société des nations, déterminer dans quelle mesure un pouvoir de décision,

(22) Ver os pormenores em Leon Bourgeois, *Le Pacte de 1919 et la Société des Nations*, Paris, 1919, pag. 197.

EXPOSIÇÃO QUIRÓS



O louco

CESÁREO QUIRÓS



Um aspecto do *atelier* de Cesáreo Quirós

d'ordre véritablement politique, pourra être attribué ao Conseil international, afin de lui permettre, au cas où un Etat en cause refuserait d'accepter la décision prononcée par lui, d'ordonner les mesures coercitives qui pourront être nécessaires pour réduire l'état rebelle à l'exécution de ses engagements".

Taes são, em resumo, os antecedentes da Sociedade das Nações no período da guerra grande. Veremos, algum dia, apreciando os caracteres da noção britannica, os motivos pelos quaes ella sobrelevou a latina, nas discussões do Hotel Crillon.

Londres, março, 1920.



BIBLIOGRAPHIA

Julio Cesar da Silva — ARTE DE AMAR — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1921.

Um grande livro, de um grande poeta: "Arte de Amar", de Julio Cesar da Silva. Raras vezes no Brasil se tem publicado livro igual, de igual valor.

Bemdicto paiz de poetas, que tal poeta ainda produz, capaz de redimir todas as culpas dos epigonos da grande Arte. E' a compensação. E, si para ella, cumpria existisse a multidão dos nossos poetas menores, sejam elles bemdictos. O fogo sagrado que tanto tentaram reavivar, ahi está vivo, em chamas, que um novo alento anima e conserva.

"Arte de amar", que abre o livro, é um poema, um extraordinario poema de lyrismo, de pensamento e de amor. Só por si consiste um livro.

Em espirito, nunca se viu coisa igual. O proprio poeta ahi excede a si mesmo, excedendo a toda a sua obra restante. Ha uma grande distancia entre o sensibilissimo poeta da "Arte de Amar" e o perfeito artista de tantos sonetos primorosos, o admiravel rimeiro de tantas composições, que ha trinta annos lhe fizeram um nome nas letras nacionaes. Apurou-se-lhe a emotividade. O artista, certo, esqueceu-se de que o era, — e melhor o pôde ser.

"Arte de Amar" é um evangelho. Ha de ter acção educadora e

social: e eis porque mais lhe queremos. Não lhe vejamos apenas a feição sensual, toda poesia e arte, simplesmente. Vejamos-lhe tambem o espirito e a alma, a idéa e o sentimento. A esse aspecto, não ha trepidar ante uma affirmação: — o poema de Julio Cesar é de uma alta moral, o mais moralisador dos poemas da nossa literatura poetica, tão cheia de liberdades e licenças. Não vae no que dizemos aquella audacia dos que vêem nos romances realistas, de desbragada nudez, instrumentos efficientes da moralisação. Nada; caso diverso. Aqui não se mostram erros a pretexto de corrigilos.

Acceitos os factos taes quae são em sociedade normalmente organizada, aqui com a sua rigidez, além com a sua tolerancia, mas toda ella em equilibrio que escandalos não abalam, emprehenda-se a educação do amor. Essa, sem duvida, a ideia do auctor. O amor é a contingencia. Pois, em tudo quanto elle tem de physico, viva e brilhe um pouco de espirito.

O que mais admira no fundo emotivo da "Arte de Amar" é a serenidade com que o lyrico se domina ante a imminencia do piegas, pondo uma nota de força, de confiança viril, onde mais facil seria deixarse levar na onda amavel.

A razão não abandona o sentimento. A emoção não se forra do raciocinio. Desde começo:

Hontem quando passei por tua porta,
Te vi chorando, afflita;
Ora, o pranto, mulher, não resuscita
Nenhuma coisa morta.

A propria forma logica bem marcada ahi se apresenta no syllogismo esboçado pela conclusiva "ora". E' o mestre que professa sempre a sua arte, com plena consciencia do que faz:

Mostra-te sempre bem serena e traze
Os olhos muito enxutos;
Não dura da afflictão a aguda phase
Mais que uns breves minutos.

Conceituoso, prosegue:

Sê calada, sé discreta.
A avisados nem prudentes
Nunca os faças confidentes
Da tua vida secreta.

Muito ouvido e fala pouca,
Para que nunca te queixes:
Lembra-te sempre dos peixes,
Que morrem por sua boca.

Existe ahi uma "vida secreta" inconfessavel? Depende do valor que dermos ás palavras. Vida intima têm-na todos. A mais casta donzella, por isso mesmo que a sua vida é apenas pudor, encontrará na propria consciencia remorsos de crimes que não praticou, nem por actos, nem por pensamentos... E eis ahi intimidades absolutamente inconfessaveis.

Um lindo conselho:

Porque és mulher, não te importes
Se só te cumprem deveres;
Os direitos e os poderes
Têm os homens, que são fortes.

Mas em amor, as mulheres
Têm o direito da escolha;
Não queiras que homem te escolha
E escolhe aquelle que queres.

Mais um doce conselho, de que
não ha nada a temer:

Escravisa um coração
Que o tenhas sempre ao teu mando;
Mais que dois pasaros voando
Vale um pasaro na mão.

Uma advertencia de profunda verdade, na mais linda das formas:

Sobre os seixinhos do leito
Corre a fonte que murmúra
E é tão transparcente e pura
Como crystal liquefeito.

Se não queres que esverdeça
Misturada ao limo immundo,
No lodo que está no fundo
Não mexas com mão travessa.

Assim é, na superficie,
O puro amor de que és presa
Mas, posta á prova a pureza;
Lá vem á tona a immundicie.

Ha no poema um momento em que a fina evangelisação moral atinge o auge da delicadeza. E' quando, arbitro do bello, o poeta pontifica naquellas esplendidas, incomparaveis estancias:

XXII

Como fazem as feias e faceiras
Que se vêm debruçadas ás janellas,
Não imites as bellas
Que o não conseguirás, por mais que o
[queiras.

Certa mingua de graça não te dóa;
Sê graciosa de amor e de bondade;
Pouco importa a belleza, na verdade,
Se souberes amar e fôres boa.

Dessa pouca de graça, que te doura,
Vive sempre contente.
São inhabeis as bellas, geralmente,
Para a paixão tornarem duradoura.

XXIII

De ti bem sei que receias,
Que a cada passo m'o dizes;
Ha certas horas felizes
Em que são bellas as feias.

Nunca, no dia, te apresses
Por chegar em hora exacta:
E' inutil andar á cata
De coisa que não conheces.

São horas raras. Entre ellas,
Por seu destino arbitrario,
Outras ha em que, ao contrario,
São quasi feias as bellas.

Não tenhas por mal ou bem
Ser desta forma ou daquella:
A mulher é feia ou bella
Conforme os olhos que a vêem.

Quem tem sincera affeição
Nessas coisas não repara,
Não vê com os olhos da cara,
Mas com os olhos da illusão.

Dentro da ficção artistica da "Arte de Amar" — um amor irregular perante a lei e os bons costumes, é verdade — não escasseiam, como vemos, os ensinamentos moraes e todos elles numa forma em

que mais efficientes se tornam. Obra de arte, se não condemnamos desde logo o proprio thema, eterno como a poesia, temos que convir em que Julio Cesar lhe deu o maximo de moralidade.

Ha pouco, a sra. Aurel, que é candidata á Academia Franceza, escrevia em "La Grande Revue", a proposito da "Arte de Amar", de Ovidio, algumas paginas palpitan tes de santa indignação, penetradas de intelligencia e rascantes de viveza. Que abominação a arte de amar em voga em França e no Occidente! — diz ella. São os franceses o povo que menos sabe amar, continua. Pararam em Ovidio, que nada entende daquillo que julga ensinar. Porque um poeta da moderna geração francesa não comprehenderia a obra saneadora de oppôr um pouco de psychologia affectiva á obra de Ovidio? — pergunta emfim.

Julio Cesar, cremos, já o havia feito entre nós. Se em algumas paginas é perfeitamente ovidiano, o conjuncto das suas idéas, a sua inspiração geral, o seu conceito da mulher é o que ha de mais opposto á mentalidade latina do poeta. Ovidio, em absoluto, não escreveria estas estancias:

XXXVI

Para que a paz entre ambos não desande
E a concordia feliz se estableça,
Tal preciso é que mande,
Tal outro, que obedeça.
Entre este, que quer ser obedecido,
E aquelle, que á obediencia se abandona,
Escolhe entre ambos o melhor partido:
Manda, e serás a dona.

XXXII

Teu brio de mulher não te permitta
Corresponder do teu amado ao beijo
Só quando o seu desejo
Desse estimulo raro necessita.

Teu beijo não lhes dês como incentivo
Que, se lh'o dás, tu mesma te condemnas
A servir-lhe de escrava e a ser apenas
Instrumento passivo.

Tão nobre concepção da mulher
não caberia em cerebro pagão. Cou-

be no do nosso poeta, a cujo admiravel poema enche de uma dignidade e nobreza, que lhe resgatam as culpas para com a mais rigorosa austeridade.

Cremos, por isso, numa grande e benefica acção educadora e social do poema. O poeta fala, antes de tudo e fala com uma eloquencia rara, que lhe põe o pensamento subtil ao alcance de todos. Artista, modela em formas vivas as suas ideias. Pensador, o psychologo sabe como chegar pela via emotiva á comprehensão do leitor. Com tais qualidades, tão assignaladamente espirituais, que desde logo ferem o mais bisonho critico, relegando para segunda plana todos os primores de arte, todas as minucias de technique, todas as bellezas da palavra na sua letra, concentrando-nos no seu espirito — não duvidamos que surtirá todo effeito em nosso meio a doce evangelisação de amor e de bondade, de delicadeza de acções e de finezas de alma.

Affonso Schmidt — MOCIDADE — Typ. do Instituto — Santos — 1921.

O suave auctor da "Senhora Dona Sancha" só pode ser um verdadeiro poeta. E Affonso Schmidt o é, com uma feição inconfundivel, que a si mesmo elle soube modelar aproveitando com admiravel senso artistico o que ha de bello na moderna poesia, sem os transbordamentos que a fariam exotica em nosso meio. O espirito, a inspiração nova é, decerto, a mo'a da sua poetica, mas sem os frouxos de vulgaridade e insignificancia que desnotearam outros na mesma rota. "Senhora Dona Sancha" exemplifica. O thema é uma canção de creanças, canção popular ouvida a um acaso de rua: "Senhora Dona Sancha coberta de ouro e prata." Ha ahi, sem duvida, uma reminiscencia medieval, cavalheiresca, ou coisa que o valha, que é a chave

da poesia. Affonso Schmidt, porém, sendo o poeta das grandes massas sociaes, abstrae de tudo o que tresandaria a preconceito aristocratico para se deter nos humildes, nas creanças que cantam inconscientemente, como num sonho, coisas passadas, de ominosas éras, bellas, entretanto, para a sua inconsciencia... Detem-se nas creanças humildes, nas modestas recordações e saudades delle poeta e na humildade do seu amor ignorado. "Senhora Dona Sancha" é, assim, uma scena de rua, uma linda, viva scena de calçada, a que nada falta para ser uma pagina de grande, legitima poesia.

E' tambem assim "O heroe":

Este garoto vil, esganifrado, insulso
Que as duas redeas puxa a rebentar o
[pulso]
E que, de olhar em fogo, inimigos destrôe,
Leva sob a camisa um coração guerreiro...
O cavallo é de pau, mas o seu cavalleiro,
Ninguem pôde negar: neste momento é
[heróe!]

Mas, a nota aqui ferida é outra. Aquella suavidade se complica em impressões fortes, violentas e cruas, combinadas em estranho quadro do natural. Quem o desoreve é menos o poeta que o estylista, empenhado em reproduzir a realidade com os termos proprios, com a sua justa cõr, toda a sua crueza, toda a beleza rustica das coisas menos bellas. "As gargalhadas francas", "a podre exhalação do gaz acetilene" "entrosagens mancas que se desemperram" fazem a moldura pittoresca em que se enquadra uma restea de luz coada pelos rasgões do "tecto de encerado:" — "Um retalho de céo amplamente estrellado." Nem falta a esta esquisita flor da varzea, que é "O heróe", composição de quatro sonetos bem acabados, o odor acre do "humour":

Ah! Como eu comprehendo o impavidão
[garoto!] Elle me faz lembrar, com o seu casaco
[roto.] Com toda a convicção do seu sorriso mau,

Um homem que tem sido (e nisto não
[me illudo].) Na conquista do amor, das glorias e de
[tudo.] Um heróe verdadeiro em cavallo de pau!

"Mocidade" se destina a longa carreira em nossas letras.

Affonso A. de Freitas — TRADIÇÕES E REMINISCENCIAS PAULISTANAS — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1921.

O culto do folclore não tem encontrado em São Paulo aquelles fervorosos adeptos, que, em outras regiões do paiz, amontoaram um respeitavel cabedal de factos e coisas, que concorrem muito para o conhecimento do nosso povo. No meio paulistano tudo está por fazer-se nesses sentido. Tradições, credices, letras e artes, lingua, tudo é seára que mal começa a ser explorada.

O sr. Affonso A. de Freitas, do Instituto Historico e um dos mais operosos estudiosos de coisas paulistas, impoz-se a tarefa de salvar da vertigem modernisante alguma coisa desse tesouro. E não foi pouco o que excavou. O São Paulo antigo vive nas suas paginas, como num quadro completo de tradições, costumes, historia, folclore, etc.

Especialmente a poesia popular mereceu-lhe estudos, que têm tanto de interessantes quanto de bem feitos. E' um encanto lêr essas paginas que esclarecem a compreensão de quadrinhas, dictos, respostas, illusões, etc., que de outra forma seriam enigmas para nós.

"Tradições e Reminiscencias Paulistanas" é livro para ser lido e apreciado por toda a gente.

Aplecina do Carmo—CINZAS: PO'... Casa Mayençal — São Paulo — 1921.

D. Aplecina do Carmo é um estranho temperamento artistico. En-

tre as senhoras que escrevem em nosso paiz, apparece como uma personalidade original, sem nenhum contacto com as almas irmãs da sua: sente á sua moda, pensa consigo mesma, metrifica a seu talante. E' um caso raro da esthesia, um lindo caso, digno de estudo.

Não a estudariamos, porém, ao pé da letra. D. Aplecina é dessas individualidades literarias em que a literatura é mero accidente. Toda sensibilidade e delicadeza, é a propria alma que põem nas coisas que escrevem. Revelam-se taes quaes são, com sinceridade crua.

Mais que ao bibliographo, offerece materia para o psychologo, que della extrahiria lindas, interessantissimas paginas de estudo.

*Aracy Dantas de Gusmão —
EXTASE — Liv. Brasil —
Porto Alegre — 1921.*

Uma poetisa de talento — Aracy Dantas de Gusmão. Seus versos são bem metrificados e é inspirada a sua poesia, como prova o soneto "Emoção":

Ha, desde que te vi, dentro de mim,
[pulsando],
Uma nova emoção desconhecida e boa,
Que põe no meu olhar mais luz em te
[avistando,]
E si acaso te vaes, a fronte me ennevôa...

E' um mixto de alegria e de pezar... E
[quando]
O som da tua voz melodiosa resôa,
Minh'alma se ajoelha ante os teus pés,
[resando]
Os psalmos desse amor que os pulsos
[agrilhôa].

E' um pouco de delirio e adoração. No
[emtanto]
Quando me vês passar, despercebida e
[triste,]
Mal sabes que na vida és todo o meu
[encanto,]

E que eu vivo a sonhar, apaixonada e
[louca,]
As phrases que te digo e que tu nunca
[ouviste,]
Um dia recolher da flor da tua boca!...

E' innegavel que ahi se revelam qualidades apreciaveis, que ainda hão de ter grande desenvolvimento.

Carlos Seidl — PRELECÇÕES DE MEDICINA PUBLICA — tomo I — Livraria Conselheiro Cândido de Oliveira — Rio — (sem data).

O A. é proiecto hygienista, consagrado na alta administração sanitaria, no exercicio technico e hospitalar, na tribuna das associações sabias, como na cathedra magistral na Faculdade de Direito do Rio, onde professa, e para cujos alumnos redigiu e publicou essas lições, transumpto fiel de sua erudição e competencia. Discípulo extremecido de Souza Lima, o venerando deão dos medicos legistas do paiz, segue-lhe o exemplo, adaptando-se ao modelo, na docencia e no tratado, discutindo e controvertendo, tanto as questões medicas como as judiciarias, com aquelle erudito senso critico que fez a nomeada do mestre e ha de consagrar a do discípulo, já tambem mestre autorizado. A obra é de folego, pois terá tres tomos, dois de medicina legal e um de hygiene, com que os nossos estudiosos e as letras nacionaes se ufanarão, por dadiva tão generosa, não só abundante como excelente, que assim lhes concede o A., tambem escriptor elegante e fluente orador, cujo saber, "de experiencias feito" estava bem qualificado para conduzir e guiar as novas gerações de cultores do direito nesses asperos e embaraçados problemas da medicina publica. Numa revista de cultura geral, obra scientifica desta ordem não devia passar sem uma referencia, que é de aplauso e de justiça.

Honorio Armond — PERANTE O ALEM — Typ. S. E. Olegario Ribeiro — São Paulo 1921.

A exemplo dos antigos, que nos seus versos resumiram a sabedoria e a sciencia do seu tempo, Honorio

Armond, poeta, não quiz ser, pura e simplesmente, poeta. Sel-o-ia, porém, nesses termos: fazendo-se echo do pensamento philosophico contemporaneo. O grande poeta — pensa elle — só pode ser o que está ao par das ideias do seu seculo. Ora, qual a concepção moderna do mundo? — O Haeckelianismo... Portanto, versifique-se, emocionadamente, a theory monista.

E o poeta compoz o seu "Perante o Além", onde ha tudo, menos poesia. Ha abyssmos e vertigens, ha uma technologia indigesta, pedantismos scientifisantes, etc., mas poesia não.

E' que o pensamento moderno, não é o mesmo que o antigo. O velho espirito de synthese desapareceu. Tudo é hoje analytico, minucioso, circumstanciado. Poetisar o protoplasma ou o tecido adiposo — é lá possivel?...

Honorio Armond, positivamente, transviou-se. O poeta hoje, ou tem capacidade bastante para fazer do vulgar novidade, do sentimento arte, da psychologia emoção, ou não faz nada. Ou se restringirá á velha, eterna poesia, que tanto commove o letrado como o rustico, ou terá fracassado com todo e qualquer apprato de que se arme.

Graccho Silveira. — *MANHÃ*
— Ed. S. E. Olegario Ribeiro.
— São Paulo — 1921.

"Esta é uma das estréas mais promissoras a que tenho assistido. e sinto-me orgulhoso de a ella ligar de algum modo o meu apagado nome de padrinho pobre." Esse padrinho, que se diz pobre, não é me-

nos que o herdeiro de Bilac, o seu amigo muito prezado, em vida e o seu sucessor, agora, na curul academica. Assigna essas palavras de prefacio Amadeu Amaral.

Graccho Silveira, o joven poeta de Piracicaba, que toda a Cidade da Collina conhece, admira, applau-de e quer como a filho glorioso, entra, pois, feito e bem feito no mundo das letras, que, em pouco, tambem o applaudirá, e quererá como um dos seus eleitos. Ha, para tanto, razão.

O seu lindo livrinho, um mimo, um primor de edição — talvez a mais bella de quantas a industria paulista tem produzido — é tambem lindo de poesia e belleza.

A inspiração é de todas as paginas e de todos os versos e o acabamento é perfeito.

Uma amostra:

Realisaste a promessa. Emfim, felizes.
Continuamos sem nuvem de desgosto.
Eu, nos teus olhos lendo o que não dizes.
Tu, lendo o que eu não digo, no meu
rosto.

Ha de novo suavissimos matizes
Nas pinceladas largas do sol-pôsto.
E o nosso idyllo alastrâ-se em raizes
E aprimora o meu sonho recomposto.

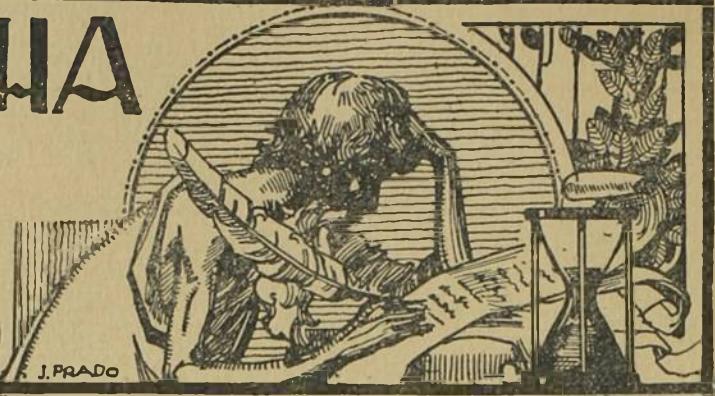
E oh! minha amiga, oh! minha boa amiga!
A doçura vermelha de teus beijos
Vae recordando a nossa historia antiga.

E eis-nos, assim, na primavera em flor,
Tu, renascida para os meus desejos,
E eu renascido para o teu amor.

São assim as cinco ou seis dezenas de composições que constituem "Manhã".

A feitura material é das officinas Olegario Ribeiro, desta capital.

RESENHA DO. MEZ



PELA ESQUERDA

José Francisco Halbout, saudoso professor de francez do Collegio Pedro II, adoptava um processo, inteiramente seu, pelo qual não escapava o alumno á obrigação diária das lições. Dividia a aula em turmas, cada uma sob a chefia do estudante escolhido; esse indicava os faltosos e examinava os trabalhos escriptos que diariamente deveriam ser apresentados, dando conta, ao lente, da sua fiscalisação.

Certa vez um estudante fracturara o ante-braco direito na aula de gymnastica do professor Arthur Higgins (que ainda hoje dá optima conta do recado no legendario instituto); estava o rapaz impossibilitado de apresentar trabalhos escriptos, por certo tempo. Mestre Halbout, com a calma caracteristica que o tornava mais parecido com o Visconde do Rio Branco, determinou que o estudante exercitasse a mão esquerda na escripta, dando-lhe o prazo improrrogavel de oito dias para recomeçar os seus trabalhos. O temor que infundia a severidade do velho lente, fez o rapaz adeantar-se; ao cabo de seis dias apresentava em aula, embora um tanto defeituoso, o seu manuscripto de francez, executado com a sinistra. Mestre Halbout elogiou o esforço e declarou aos discipulos que as mãos devem collaborar igualmente nos trabalhos do homem; a natureza fizera-o ambidestro, mas o preconceito estragaria-lhe o feitio. Para confirmar as palavras do mestre, o rapaz, em pouco mais de dois mezes, escrevia indifferentemente, á vontade, com qualquer das mãos.

Isso prova que, desde tempos immemoriaes, o preconceito não se contentou em ordenar: "a mão esquerda não saiba o que a mão direita faz"; foi mais longe, intimando a mão esquerda a não saber o que faz e a viver parasitariamente do esforço da outra, salvo se o dono fôr canhôto, phénomeno que se observa em cinco por cento dos mortaes.

Na infancia encontra-se o movimento ambidestro, que procuram erradamente corrigir. Quando carregadas, as crianças ficam de ordinário do lado direito, com o braço esquerdo estorvado pela posição; pouco depois, na phase educativa, come-

cam as pessimas lições de saudar com a mão direita, de tocar os objectos com a mesma e, chegado o momento do estudo, os primeiros "pausinhos" da escripta devem ser traçados com a destra, prejudicando todo o lado sinistro. O homem, assim guiado por uma estulta prevençōa de seculos, em vez de ser completa e symmetricamente adestrado, apparece destro de uma banda só; para o resto da vida sómente cogita da direita, de modo tal que todas as suas invenções são feitas com prejuizo da esquerda. A luz das salas de aula vem da esquerda para que a sombra da direita não estorve a vista do que se lê ou do que se escreve; escrevaninhas e secretarias são armadas com o lado direito livre; as traves dos vehiculos, as fechaduras das portas, as manivelas das machinas, todas ou quasi todas as peças dos apparelhos existentes são apropriadas para o manejo á direita, não exceptuando os automoveis e os aeroplanos! A mesa dos repastos, onde as superstições pullulam como cogumellos bravios, o talher e o respectivo supporte, em negra geral, ficam á destra do commensal. Por que esses privilegios odiosos de uma peça em prejuizo da outra? A dona da casa ou o papá ou a familia em peso, que tenha ascendencia sobre um fedelho, procura "educar" de modo obsoleto a civilidade, e muita vez vimos reprimendas e castigos ás creanças que não estenderam a direita á visita que apparecia ou ao "dindinho" respeitavel que a procurava...

Extranhando certa vez esse máo peso, tivemos a explicação original, talvez absurda, de respeitável pae de familia:

— Não é o preconceito, não é a convenção, é a sciencia que ordena esse feitio e esse gesto, explicava elle. "A esquerda é o lado do coração e, por conseguinte, devemos poupar todo o esforço que possa, nesse lado, prejudicar o calmo funcionamento do precioso musculo... Por isso é tambem recommendavel o dormir sómente sobre o lado direito"... Essa pretensa explicação deixou-nos surpresos, mas um circumstante, que era do nosso parecer, explicou promptamente:

— Historias! Meu caro! Historias! Caraminholas! Que eu saiba, o coração não

está assim do lado esquerdo, como diz o amigo; e que estivesse inteiro desse lado, que tinha isso com o trabalho do braço respectivo? Aqui estou eu, com quarenta annos de vida intensa, a escrever receitas com qualquer das mãos, tal como faz o dr. Afranio Peixoto; aqui estou eu que durmo de qualquer geito, de qualquer lado, até de papo para o ar, sem que o coração tenha até hoje protestado! — O amigo não se lembra de que a direita está do lado do figado, inimigo fidagal dos excessos, a acreditar nessas influencias dos braços sobre as fressuras..." E depois de tomar folego, continuou:...

— "Com essa teoria, todo o harpista ou pianista de nome deve ser cardíaco, a mão esquerda tem tanta mobilidade como a direita... mas isso infelizmente só na harpa ou no piano; no mais, o "virtuoso", se não fôr canhoto, impinge a direita para toda obra; a verdade é que ambos os membros thoracicos têm eguais funções e devem ser todas aproveitadas."

O amigo tinha razão, esse defeito de se dar mais movimento a um dos lados, torna mais forte a asymetria relativa do corpo. Collocare um homem nu deante de larga tela quadriculada, para confronto das regrões e vereis que um dos lados, em repouso ou em movimento, é sempre mais desenvolvido do que o outro, pela frequencia do exercicio.

Parece-nos que já é tempo de pôr o basta em taes processos unilaterais, a começar pelo ensino da escripta e do desenho nas escolas primarias. Consta-nos que em S. Paulo algo se faz a esse respeito actualmente; teríamos grande prazer na confirmação desse boato e prazer muito maior se as municipalidades estabelecessem medidas rigorosas em favor dos homens do futuro. Que a etiqueta, o protocollo e outras invenções de salão continuem a estabelecer normas de preferencia para a destra, com seus injustificaveis predicados de estima, consideração e apreço, conforme as normas tabelliôas dos rodapés dos officios burocraticos, mas que não se despreze a esquerda no trabalho, dando-lhe encargos eguais aos da direita.

De momento, muita gente, dominada pelo costume e pela tradição, sentir-se-á um "tanto esquerda", como costumam dizer, deante do que cuidam ser uma inovação; isso, porém, desaparece, quando se verificar que não ha nada de novidade no assumpto, que elle é tão velho como o mundo, e somente uma usança de longo tempo tornou esquecido o que era natural.

Para os que cultivam as artes plasticas o processo é de largos proveitos; a creança que se inicia, ambidesta, no desenho, alcança na execução maior segurança, maior desembaraço, perdendo de prompto o acanhamento que constrange muitos marmanjos que se utilizam de um só dos membros superiores. Segundo refere Lutz, em seu livro, "Practical Drawing", o habito seródio de dar o trabalho a uma só mão, chega ao ponto prejudicial de estragar muita vez o poder visual do artista, mal acostumado. Desenhistas ha, diz elle (e a

observação tem confirmado muito) que, observando um assumpto um pouco voltado para a direita, pelo habito do exercicio unilateral, vêm de modo diferente quando se voltam para o lado opposto; a visão fica assim sacrificada, por quanto a luz vem sempre do alto e da esquerda, quando poderia vir de qualquer lado, uma vez que o artista podesse dispor de qualquer dos braços com igual maestria." Raro é o artista que não senta o efecto desse processo antiquado; quasi todos os que conhecemos de perto sentem dificuldades quando o lado direito é constrangido.

O vulgo, nas suas phrases de movimento, possue uma que é usada actualmente, com certo poder de expressão: "desapertar para a esquerda", significativa da accão prompta que livra de um embaraço qualquer... E' o caso de se pedir ao ensino publico que "desaperte para a esquerda" em materia pedagogica, que se ensine agora ás creanças a função igual dos braços e, mais tarde, em vez do homem desapertar para um só lado, terá a educação das duas alavancas que a natureza lhe deu para alcançar o pão de trigo e o pão do espírito continuar com o processo antiquado de deixar a esquerda parasitaria e improductiva, será motivo para evocar estes gestos avoengos de repulsa, que se traduziam na cerimonia supersticiosa de "se benzer com a canhota".

Raul Pedrneiras.
(Do "Imparcial").

PARADOXOS SOBRE AS REVOLUÇÕES

Ao ler, estes dias, as notícias dos ultimos acontecimentos de Portugal, de quando em quando me vem á lembrança a figura estranha de Raskolnikoff, do "Crime e Castigo". E' que talvez me ocorram aquellas singulares idéas postas pelo genio epileptico de Dostoevsky nos labios do "justicador" de Alena Ivanovna: "Na minha opinião — dizia elle — se as descobertas de Kepler e Newton, em virtude de circunstancias especiaes, só houvessem podido vingar mediante o sacrificio de uma, de dez, de cem ou de maior numero de vidas, qualquer dos inventores teria o alvedrio ou, ainda, teria sido obrigado a "suprimir" taes obstaculos, afim de que as suas obras aproveitassem ao mundo inteiro"...

Estas palavras visariam apenas uma justificativa para o golpe a que succumbiu a usuraria — symbolo humano da cupidez dinheirosa, vivendo da miseria alheia e não se reservando nem ao menos um resquicio de ventura, senão a do goso ignobil sobre a dor e a fraqueza da desgraça explorada? O delicto ahi constitue um episodio particular decorrente de um sistema de principios geraes. Antes de o commetter, Raskolnikoff firmára num ensaio theorico as bases de sua philosophia, se se deve classificar de philosophia as concepções que attentam, assim, contra a chamada ordem conservadora. O seu ponto de vista re-

sultava da consideração de que o bem estar collectivo, assentado no direito, comum de todos, á mesma liberdade e á mesma justiça, não podia subordinar-se aos obices do caminho. Praticada a revindicta, os criminosos que agem abstraindo-se de si mesmos — forças expluentes da providencia universal — com a tristeza dos factos ao imperio dos quaes refugaram a serena harmonia das desditas inertes, soffram os castigos moderadores da lei. Não se trata dos criminosos vulgares, bestas feras entregues ás simples arremetidas dos instintos.

O louco Rodion colloca os homens, na hypothese, em dois polos distintos. No extremo norte, agrupam-se os homens "ordinarios"; no sul, os "extraordinarios". Se, acaso, a proseguirem o objectivo de terrivel predestinação, cabe aos da segunda categoria a necessidade de derramar um pouco de sangue, os da primeira, elementos de equilibrio, lhes cortam a cabeça, exercendo, deste modo, o seu papel repressor, até a hora em que erigem estatuas aos suppliciados e os canonizam. Que doido curioso! Lycurgo, Solon, Hahomet, Bonaparte, etc., violaram antigas formulas de estatutos sociaes, substituiram-n'as por outras, e a beneficio pessoal exclusivo, dizimaram milhões de criaturas. Acham-se todos no Parthenon. Hoje vêm os coroados e sublimados. Não seria, pois, razoável que pretendessemos ferir de exorcismos os nomes dos que se oppuzeram aos assaltos desses heróes ou desses messias e não por falta de gana deixaram de os fisgar a geito. Em quanto não se prove que os globulos vermelhos de Napoleão ou de Alexandre ou de qualquer dos grandes matadores de equal estirpe valiam mais que os dos povos trucidados aos embates das suas "razzias" de violencias iniquas, ha de se compreender a logica dos gestos que, sobresenhindo das victimas de semelhantes flagellos, os eliminassem, a tempo de lhes impedir peores desmandos, os desmandos entretecidos de louros nos paradoxos da gloria. Afinal, não se percebe ao certo de quem é o dispauterio — se do personagem de Dostoiewsky, se dos juizes que dispõem das chaves da cadeia e da immortalidade, para, a seu bel-prazer, fulminar bandidos ou consagrar benemeritos.

Ora, a doutrina de Raskolnikoff não exculta a accão criminosa do individuo, mas assenta perfeita no caso das revoluções collectivas. As révoluções fogem ao barbaro das vindictas privadas ou do egoismo desencadeado em truculencia. Ao contrario dos desagravos do odio animal e los desvarios de caracter ambicioso, resaltam sempre de um profundo e nobre e expressivo timbre de sacrificio. Tanto assim que as maiores victimas dellas são, em regra, os que as promovem e incendiem. Observe-se a revolução francesa, definida pelo divino Carlyle como a Rebelião, franca e violenta, e a Victoria da Anarchia deflagrada, em face da Autoridade corrompida e gasta; a Anarchia que irrompe das Profundezas eternas e estrondeia irreprimivel, incommensuravel, desenvolvendo um mundo, precipitando as suas

crises de delirio, até coordenar as proprias energias cegas e com elles, applacadas e tornadas uteis, crear a Ordem no Bem. Aqui, não se distinguem pessoas nas massas que se frenesiam sob os céos de fornalha. O Homem passa a se chamar Força, a Violencia, Justiça. Mesmo porque as revoluções representam um esforço que a geração presente offerece ás futuras, para as eximir dos males que o seu desespero fixa e combate.

Portugal atravessa agora mais uma dessas crises. Desde a morte de d. Carlos e do principe d. Luiz, quer dizer, desde que ensaiou a republica, raros dias terá transcorrido sem identicos sobresaltos. E' a mesma trepidação vulcanica, a mesma gestação de lavas da natureza que se depura, abalada dos phenomenos da febre interior. Incursões restauradoras ou tentativas de melhorar o regimen ainda desaccomodado, em rebeldia contra vicios seculares, tudo lhe denuncia a ancia por um estagio nacional de acordo com os fins do primeiro movimento reaccionario. Obstaculos sobre obstaculos, está claro, lhe retardam a conquista da calma, a tranquillidade do destino. Vae removendo-os, á proporção que elles apparecem e embaraçam a causa suprema do paiz. Os povos felizes nunca se rebellam e, todavia, são ainda felizes os povos que conservam o caracter civic da resistencia, o sentimento da sua soberania, a alma heroica da revolta, disputando a liberdade, a ferro e a fogo, aos seus oppressores. Avultam erros graves de alguns episodios da vida portugueza dentro da campanha republicana. Uma nação que possue archetypos da majestade moral de João Franco e de Sidonio Paes não os proscreve; guarda-os; dá-lhes o prestigio necessário ao trabalho das reformas intrepidas que o pulso de aço dos gigantes emprehende. No entanto, como opôr limites á onda bravia dos reptos populares que, visando a felicidade commun de todos, ultrapassa as linhas conselheiraes do bom senso? Que de bom senso do Terror, mas que de benefícios não se projectaram dos seus excessos sobre a especie humana?

Lastimamos, nesta occasião, os mortos de Lisboa. O que não é de lastimar é a vitalidade da velha patria dos navegadores audazes, cujos musculos se robusteceram no infinito dos oceanos e cujo espírito, acostumado ao espectaculo das vagas indomitas, se rejuvenesce a cada passo na luta. Os pobres nautas dos charcos, os escravos das sujeições gelatinosas, invejam-n'a.

O Rodion, meu triste sonhador — olhos que choraram aos pés de Sonia, braço que vibrou o machado para "supprimir" a Iniquidade — deixenos de sonhar asneiras!

Mario Rodrigues.
(Do "Correio da Manhã").

"O JARDIM DAS CONFIDENCIAS"

E' o titulo de um livro de versos que apareceu ha pouco. O poeta chama-se Ribeiro Couto. Chega-nos de S. Paulo

numa linda edição da empresa Monteiro Lobato, e, se não me equivoco, andará pelos vinte e dois annos de edade.

Naquella noite de borrasca, a semana finda, enquanto a chuva batia com mil açoites os vidraes das janellas de casa e o vento ululava sobre o telhado como um uivo sinistro de matilha, conhecio-o. Vinham as primícias da musa suave trazer aos mágos presagos do meu silencio a luz, a bonança e a docura de uns olhos de columba. O terrivel instante de melancolia logo se me transmudou numa caricia infinita de saudades, numa dessas horas inolvidaveis que a alma refina através das evocações nostalguicas, a cujo poder nos tornamos uma especie de deuses, superiores a todas as contingencias e a todos os phenomenos do tempo e do espaço. Uma voz que eu já ouvira — como? onde? quando? — éco perdido da memoria, descia a me recompor a vida inteira; a me reconduzir a logares queridos; a resuscitar figuras santas de anjos e figuras boas de leões, deixadas atrás, longe, longe, sombras quasi diluidas, imagens lyricas do passado. Penetrava-me o coração, inebriava-o do aroma de velhos jasmíneiros, do brando, ethereo olor de caçoilas extintas. Ainda mais pelo rythmo, do que pela expressão nitida, por assim dizer, photographica dos quadros, a poesia de Ribeiro Couto proporcionava-me o conforto do sonho tonico. Por que não me recordaria do baloiço compassado da rôde, em torno da qual azas seraphicas, fantasias archimalucas, pedaços de romance, lá se foram os annos, tambem me haveriam feito poeta, se eu não nascesse cavouqueiro?

Cada um de nós tem um mundo subjectivo em si mesmo. Mas quantos pensamentos, quantos poemas não se insinuam na orbita cosmica, deformados pela imprecisão das nebulosas! Um dia, incapazes de os plasmar, de lhes imprimir contorno, encontramos quem nolos apresente com o modelo proprio, o tipo justo, a resonancia verbal que debalde procuráramos. Estes são os verdadeiros artistas. Synthese telepathica de idéas vivas, a que, todavia, faltavam possibilidades de exteriorização. A sua obra sangra do nosso sangue. "Como não consegui escrever isto, eu que o pensei inúmeras vezes?" — dizemos de trabalhos compostos sob essa sympathia electiva. A prova assim verificada da nossa inopia serve para destacar em relevo maior o grão de sinceridade e a efficiencia estheticas dos escriptores que falaram por nós.

Se desestimaes as expansões de ternura, fugi do jardim do poeta. Abelhas de oiro entretecem, ahí, alveolos de filtros magicos. Nada de orchidéas, de flores bravas, ou do esplendor berrante da polychromia vegetal. Um vago, enternecidio, longinquo perfume de violetas saturá a

atmosphera, onde sobrepaira o espirito de Musset ou, melhor, de Murger, cujos recontos de bohemia generosa e candida, candida ainda no vicio, esboçariam do mesmo modo "a moça da estaçãoinha pobre". Nunca me arvorei em critico e mesmo possuo da critica certas noções absolutamente negativas, quer se ella reveste o tom dogmatico, atribuindo-se postulados scientificos, quer se ella pretende, ao sabor de entusiasmos ou paixões occasioneas, obrigar a terceiros o julgamento de quem a pratica. Deixa, porém, que vos convide a parar... As confidencias dos bardos moços são sempre encantadoras quando espontaneas. Mãe! A minha voz some-se, fraca e inutil, deserto a fóra. Ninguem a escutará. Mas vós outros sentireis o que eu sinto, esta emanacão de bondade, este effluvio do céo, esta ancia de voar e coroar de estrellas as que são, na constancia do eterno amor, o transumpto affectivo da existencia, sentil-o-eis, lendo a "Vigilia da mãe fatigada". Noite. Chove. E' já duas horas da manhã, ella espera o filho. Espera-o desde as nove horas. O vento bate á porta. O anjo bom apavora-se. Corre a olhar pela vidraça da janela, de onde abrange um trecho da rua deserta e o espelho indeciso das poças de agua. Senta-se de novo e espera. Volta a tremer de susto por que lhe chegue aos ouvidos um som estranho. "São os ais do arvoredo". Passam os minutos. os quartos de hora caem, plangentes, da torre da egreja, e nada, nada! Afinal, recolhe-se. Vae ao oratorio e reza. "Uma dôr muito fina lhe apunhala um pulmão"... Reza. Antes tambem de se deitar, vae ao quarto do ausente. Lá está a cama vasia. "Pobres mães a quem Deus deu um filho poeta!" Deita-se, e de manhã, fatigada da vigilia, que se repetirá sempre, entra mansinho, mansinho como levada por azas invisiveis, na alcova do noctambulo. Um raio de sol atravessa os vidraes. O noctambulo dorme com o dia. Sorrindo, a mãesinha abençoa-o.

"E em meio áquelle desalinho pittoresco
Acha a decifração dessa noite passada:
Sobre a mesa um papel rabiscado de fresco
E um cheiro de mulher na roupa abandonada..."

Tudo, na poetica de Ribeiro Couto, deflue de igual simplicidade, embora não se prejudique a harmonia das estrophes sonoras, musicalmente tão bem ajustadas á onomatopéa, assim que dos effeitos mais leves, ás syncopes dos stradivarius. Nenhuma pretenção na sua arte e o interessante é que se deve a essa circunstancia o seu triumpho. Lembra-me o Heine. Ha pequenas quadras n'O jardim das confidencias" que formam um poema completo. Alguns dos seus versos, destacados e apenas estendidos através

de reticencias, encerram paginas e paginas de romances, romances inteiros, como nos "Intermezzos". E' a mesma immensidate ideogenica do soneto de Anvers, no qual se contém toda a tragedia classica do amor sem esperança, obscuro e desattendido. Por falar em Anvers, noto que o joven paulista se affeçou ao thema daquelle trabalho. Repetidas vezes elle defronta visões identicas de desconhecidas que passam, igual por igual, desattentas e indifferentes para o olhar que as fixou e para o coração que as seguiu no caminho. Mas não se trata senão de uma mera reminiscencia, ligada a assumptos que constituem episodios communs da vida.

Que escolher entre as confidencias? Não se segreda aos nossos ouvidos uma só que não se nos refleita em algum éco mnemonico. Folhas mortas, cinza fria, adeuses evanescidos, fantasias loucas, reinos encantados que se esbororam, idyllios tristes, sorrisos mysteriosos de estrellas, neblinas, occasos sepultos, revivem-se em nosso espirito, um momento subitaneo, acordados pela musa de olhos de columba. Olha-se o passado, o crystal dos gelos na distancia remota... Eu quizera fazer o elogio da bohemia, que é a exaltação do bem, a imaginação piedosa, a alma douda do sacrificio, a resistencia suave contra a desventura.

"De certo soffres, vagabundo. Um dia
Te enamoraste de um olhar doente
E de uma leve mão, tremula e esguia,
Que em tua mão bol'u medrosamente.
Eu sei... Essa canção apaixonada
Sóbe áquelle balcão, vôa... revôa...
E eis que vem escutal-a, debruçada,
Uma linda princeza sem corôa.

O' trovador que pela noite fria
Cantas ao som desse v'olão plangente,
A tua musical melancolia
Põe lyrismos no espirito da gente:
Alto mar... uma gondola azulada...
Alto mar... ao luar... junto da proa
O suave perfil da bem amada:
Uma linda princeza sem corôa.

Canta! Na minha alcova socegada
Fico a evocar, com que ternura boa!
Fico a evocar, no embalo da toada
Uma linda princeza sem corôa."

Ao canto da alma dos bohemios nunca falta uma princeza e nunca faltam á princeza diademas e thronos. E como amenisa a desgraça das pobres tycicas a alegre musica que lhes corta de clarões de esperança a tosse dos pulmões estalados!

Acostumámo-nos a uma poesia sem elevação, nem finalidade e que, despida de qualquer sentimento, se limita á urdida de quadros bizarros e paradoxos orchestraes. A influencia de Baudelaire,

Mailarmé, Verlaine, Moréas, Rimbaud chegou até ao Brasil desvirtuada e contundida, para nos dar, em lugar de uma renovação esthetica, um bric-á-brac de pinta-monos, exotico como um bric-á-brac chinez. Neste geito, depois dos horizontes que, a seguir, se abriram á literatura por toda parte, e que em toda parte estimulam, sobretudo, as grandes creações moraes, associadas aos destinos de cada povo, ainda assistimos, sem que os louros da fama e o premio da immortalidade empallideçam nessas frontes augustas, a immemorial toada das "colunnatas da Grecia", do "esplendor dos mares jônios" e do "nariz de Cleopatra". Os homens continuam a viajar nas gondolas do tempo dos doges e a deitar nas aguas de Veneza a linguagem mais retorcida e vasia, mais inactual e nephilibatica que já feriu as regras do senso.

Em boa hora, Ribeiro Couto offerece-nos ingresso num legitimo remanso de sentimento. As suas rimas não nos aggredem. Os motivos da sua lyrica tocam-nos o peito e a intelligencia. A sua arte, nobre e sincera, dá-nos uma revelação consoladora. Saudemos o luar melancolico que inspirou o poeta feliz dos vinte e dois annos.

Mario Rodrigues.

(Do "Correio da Manhã").

"MOCIDADE"

Afonso Schmidt, que agora publica "Mocidade", é o mais despreocupado poeta do Brasil. O mais despreocupado, o mais bohemio, o mais simples... Aprendeu a fazer versos sem saber que era versos que fazia. E' o caso da imagem sediça: como os passaros aprendem a cantar. Aos treze annos, na escola primaria... Mas é melhor dar a palavra ao editor das "Janellas Abertas", livro aparecido em 1911:

"Este poeta nasceu na cidade de Santos, no anno de 1890. E quando contava treze annos e frequentava ainda a escola primaria, seu avô e seus paes foram descobrir entre os alfarrabios escolares do poeta um livro de versos manuscripts, lyrlicos, feitos pelo nosso vate a uma namorada, por quem fugia da escola impenitentemente." Esses versos aparecem em volume, em Santos, em 1903, no mesmo anno da grave descoberta, com o pensativo nome de "Lyrios Roxos". No anno seguinte outro volume vinha seriamente enriquecer a literatura nacional "Nocturnos". Depois Afonso Schmidt, com quinze annos apenas, metteu-se num porão de navio e, clandestino, lyricamente contra as leis, seguiu rumo da Europa, Schmidt, apesar do seu excellente sangue alemão, nasceu cigano. Já nessa idade o p'cara a tarantula divina que havia de fazer da sua vida um romance de bohemia permanente. Atravessando o

Atlântico fascinador, passou deliciosas missões em Lisboa e em Madrid. Em Paris morou com anarquistas russos de olhar brando e maneiras sonhadoras, bebendo com elles o chá reconfortante do samovar característico, em quintos andares da Rive Gauche, e com elles enchendo a cabeça de ideias dinâmicas. E' curiosa esta passagem da sua existência em Paris, elle estava uma tarde num banco de jardim pensando coisas sentimentais, quando se approximou um homem pesado, severo, que lhe pôz a mão no ombro, delicadamente:

— Olhe, não ande mais com aquelles rapazes.

O anarquista de dezesseis annos tremeu.

O homem continuou:

— Já tenho observado que o senhor é um moço ingenuo. Não se metta mais com elles.

Schmidt foi infame, burguez:

— Sim senhor...

E no íntimo sentiu-se glorioso com ser objecto da vigilância da polícia de Paris... Porque Schmidt era apenas poeta e o seu secreto, verdadeiro ideal, era a bohemia e portanto estava neste soneto, "Rodolpho", escrito naquela época:

Alegre embaixador de sua alteza a graça,
Junto á bohemia azul que mora nos te-
[lhados,

Erguendo nos festins a embriagadora taça
Dos flavos vinhos de Hebe, os vinhos en-
[cantados;

Cantou no verso puro—um diamante sem
jaça—
Suas roseas paixões e seus roseos pec-
[cados

Nesse lyrismo bom que á singeleza enlaça
A dolencia lilás dos corações maguados...

Que falem do bohemio as arvores saudo-
[sas,
Os antigos jardins atufados de rosas
E o Sena que aprendeu sua velha bal-
[lada...

E o leito de hospital em que um dia,
[doente,
Sem amores, sem pão, findou sinistra-
[mente
Sua florea e jovial e rutila embaixada.

Nesses versos das "Janellas" ha todo o desencanto da alegria. São dos mais formosos da musa vadia de Schmidt. Rodolpho ficaria bem contente de conhecê-los...

De volta ao Brasil, publicou em 1911 essas "Janellas Abertas", que mereceram um segundo premio da Academia de Letras, no anno seguinte, cabendo o primeiro ao livro de Miguel Mello sobre Eça de Queiroz. Em seguida tornou á Europa. Viveu em Nílao. Ia publicar ali um poema, "Os noctambulos", mas esqueceu-se

dos originaes numa typographia, quando, em chegando a guerra, teve que regressar ao Brasil.

Ultimamente Afonso Schmidt preocupa a polícia do Rio... Fundara a "Voz do Povo", um jornal maximalista. O jornal fez barulho, a polícia interveiu, Schmidt fugiu. Para onde? Para a casa de Oduvaldo Vianna, seu amigo de infância, que tem na consciência, pois, o crime de haver dado asyllo a um inimigo da sociedade. Apenas, nem eu, nunca levámos a sério o maximalismo de Afonso Schmidt. Nós só levavamos a sério, nelle, uma coisa que a polícia energicamente ignorava: a sua deliciosa poesia.

Os seus poemas feitos nestes ultimos dez annos elle acaba de dar neste volume, "Mocidade", em que outra vez nos vem commover o seu "lyrismo bom".

E' de uma delicadeza adorável este soneto, "As pallidas":

São muito louras, muito delicadas...
Moram numas vivendas tão singelas
Que a gente sem querer attenta nellas
Como que adivinhando namoradas.

A' noite se debruçam nas janellas,
Sem olhos, sem ouvidos, sem risadas
Sentindo o bafo quente das calçadas,
Onde se arrastam folhas amarellas.

Tempos depois, aprestos de partida;
Vão para as serras, pallidas, sem vida...
O pranto os olhos maternas arraza.

E quando a gente volta á casa, um dia,
Vê trancada a janella que sorria
E lê na porta: "Aluga-se esta casa".

Eu disse que Schmidt é o mais despreocupado poeta do Brasil. Falo por mim. Não conheço nem posso conceber ninguem com mais indifferença pela sucessão dos dias. Os dias podem repetir-se, os gestos humanos tambem... Schmidt vive a sua bohemia, nada mais. Acontece que ás vezes essa bohemia toma a apariencia de doutrinas revolucionárias, mas isso não tem importância. Affirmo ao exmo. sr. chefe de polícia que isso não tem a menor importância. Dou-lhe a minha palavra.

Se este poeta não fosse assim despreocupado, poderia ter um lindo nome a estas horas espalhado pelo paiz todo, como tambem uma obra regular, harmoniosa e definitiva. Mas, que lhe importa isso? Que lhe importa o lindo nome? Que lhe importa a obra definitiva? E' devido a essa distracção fundamental da sua personalidade que Afonso Schmidt não nos deu em "Mocidade", propriamente um livro. Deu, em boa verdade, uma collectânea de poemas que elle escreveu, como alludi, através de dez annos. Não é um livro porque não tem esse cunho

de harmonia, essa intima ligação ideal a que se pôde chamar, talvez, pretenciosamente, a unidade esthetic. Ha em "Mocidade" um pouco de poesia social, um pouco de parnasianismo, um pouco de pantheismo e muito, felizmente, do seu "lyrismo bom". A esta parte pertence a "Senhora dona Sancha" — encantadora doçura! — como ainda "Fraulein", "E a vida passa...". "O ultimo Pierrot", "Bairros novos", "As sombras", "Ao balanço da rede" e "Cubatão". E essa variedade de correntes espirituais e literarias é expressiva da psychologia de Schmidt, que por indole errante não se fixa nas coisas. Aliás, essa necessidade de mudar, de trocar o pouso é admiravelmente boa quando os artistas se aproveitam della. No caso de Schmidt, o louvor caberia, por exemplo, se elle nos dêsse hoje um livro de rebellão, de poemas como os sonetos deste livro chamados "A queixa dos poetas vencidos" e "A dor harmônica", que são "poesia social"; e depois nos dêsse um poema pantheista, de que as poesias de "A terra" são como que um ensaio. E assim por diante. Porque, mesmo a obra lyrical tem que obedecer a um plano, senão consciente, pelo menos sub-conscientie. Mas, Afonso Schmidt, enquanto não envelhecer, não nos poderá dar uma obra com unidade esthetic. Elle varia mais depressa do que é necessário. Hoje põe mãos ao trabalho, começa um romance e escreve alguns capítulos. Deixa-o dentro de uma semana. Passa a preoccupal-o um poema cyclico, theosofico, em que todas as forças universaes apparecerão. O poema vai morrer, no dia seguinte, entre um cigarro e uma pilheria...

Em consequencia, creio não errar dizendo que elle faz versos como os passaros cantam. Mas, em virtude de ser um poeta errante, que alegremente se teria incorporado com o Richepin de outrora, ao bando cigano de Miarka, Schmidt é uma ave bohemia, uma ave de estação... Se as andorinhas cantassem, eu diria que elle é a andorinha da poesia brasileira.

Ribeiro Couto.

(D'"O Dia").

A INICIATIVA

1.º — São homens os que aram o seu proprio sulco. Toda creaçao é fructo da livre iniciativa e chega ao seu termo, sustentado pelo sentimento da independencia.

Quando aprenderes a querer e souberes o que queres, não te detenhas, juventude, em buscar fóra de ti os meios para executal-o. Nenhuma escola, nenhuma seita, nenhuma camarilha, poderá sentir como tu, intensamente, o ideal da arte, da verdade, da justica, que tu mesmo concebeste e que só tu podes rea-

lizar. Poeta ou philosopho, apostolo ou artesão, tem confiança em ti mesmo, não sigas rotas alheias, não subordines tua vontade a outras vontades, não te ampare de sombras que empanam nem persigas protecções que atam. Dos que sabem mais, aprende, sem imitar-los; dos que oferecem mais, aparta-te, não peças. Se sois capaz de realizar teu ideal não necessitas delles; si impotente, ninguem te capacitará para realisal-o. Quer, quer com firmeza, com toda a tua mente e com todo o teu coração, pondo em querer o melhor de ti, a fé em tuas forças moraes.

O porvir dos povos está na livre iniciativa dos jovens. A juventude se mede pelo inquieto afan de renovar-se, pelo desejo de emprehender obras dignas, pela incessante floração de sonhos capazes de embellezar a vida. Jovem é quem sente dentro de si a força do seu proprio destino, quem sabe pensal-o contra a resistencia dos demais, quem pôde sustel-o contra os interesses creados. Sem ideias não pode haver iniciativa livre.

2.º — A livre iniciativa permite adiantar-se aos demais. O que se resigna a percorrer caminhos consuetudinarios envelhece prematuramente e se torna escravo do costume. O que não ousa ler um novo livro, inflammar-se por um novo anhelo, accometter uma nova empresa, renuncia a viver. E' sombra de alheias vontades, folha outonal que todos os ventos arrastam, peça mecanica de uma engregagem cuja mola ignora.

A livre iniciativa é uma renuncia á cumplicidade dos demais e se revela em toda rebellão á rotina: buscando uma verdade, transmudando um valor esthetic, corrigindo uma injustiça, inventando nas artes ou nas industrias, irrigando um campo, formando uma biblioteca, plantando um rosal.

Todo progresso é variação e implica rebeldia. É proprio da juventude plasmar os aperfeiçoamentos; é inherente á velhice oppor-se a toda innovação. Quando se perde a livre iniciativa, desapparece o caracter; o homem torna-se parasita da sociedade, age pelo impulso dos demais, se esconde na penumbra. Deixa de ser elle mesmo. Não existe. E não existindo não serve para seu povo, não contribue para o porvir. Um domestico não é um cidadão: o parasitismo não é a solidariedade.

Merce chamar-se homem livre o que tem capacidade de iniciativa diante da coerção alheia; a liberdade moral é a aptidão para agir no sentido determinado pela propria experientia, imprimindo á conducta o sello inequivoco da personalidade.

3.º — A dependencia passiva é incompatible com a dignidade. Os mansos, os ignorantes e os folgazões, por falta de confiança nas proprias forças, entregam o seu destino á cumplicidade dos demais.

Tudo esperam da beneficencia do Estado: professam os catecismos de suas escolas, obedecem ás ordens dos seus funcionários, esperam a protecção das suas leis, imploram a mercé dos seus favores. Sonham com uma sinecura na burocracia e sabem de memoria a lei da jubilação.

Com taes homens nada progride nem se renova, senão com os que estudam, querem e fazem. O que se engrandece a si mesmo serve melhor ao seu povo, que só é grande por convergir nesse a grandeza dos que o compõem. Grandes nações são aquellas cujos cidadãos têm o habito da iniciativa livre; elles criam para os demais vida e cultura e riqueza, em vez de envilecer-se no parasitismo social.

O habito de confiar em sua propria iniciativa é a escola mais segura da hombridade, despertando o sentimento da responsabilidade pessoal. O homem digno pensa, quer e faz; si triumpha, não apouca a sua ventura pensando que a deve a outros; si fracassa, aceita serenamente o resultado de seus erros.

Digamos ao joven: "faz o que queiras" para ensinal-o a responsabilisar-se por seus actos; as recompensas e os contratempos deve recebel-os como uma consequencia natural de sua conducta. Um joven livre pode converter-se em uma força viva de seu povo; pode emprehender coisas novas, grandes ou pequenas, porém, mas dando á sociedade, em iniciativas, tanto quanto della recebe em educação. respeita a justiça e pratica a solidariedade.

(Revista de Philosophia, de Buenos Aires)

(José Ingenieros)

LITERATURA BRASILEIRA NO EXTERIOR

A respeito do ultimo livro brasileiro aparecido em versão castelhana, no Prata, a revista de Buenos Aires "Atlantida", publicou a seguinte apreciação do insigne critico literario Juan Torrendell.

O LIVRO DA SEMANA: URUPÊS
— Comecei um dia, com displacencia, a leitura de um conto brasileiro publicado na "La Nacion". Intitulava-se "O comprador de fazendas," e firmava-o o nome de Monteiro Lobato. A composição abria com bravura, solida e movimentada, apesar de que não começava, como muitas, com a isca de um trecho de dialogo empolgante. Bem ao contrario, a narrativa principiava com a descrição duma propriedade rural em pessimas condições, causadora já da ruina de varios donos. Não obstante, já ás primeiras phrases a narrativa interessava não tanto pelo que dizia como pela maneira de dizer. As personagens surdiam rapidamente, debuxadas com meia duzia de linhas accen-tuadoras — ás vezes com uma phrase

caracteristica — e em seguida entrava-se na materia, anunciada por si mesma, como num scenario, e desenvolvida rapida e naturalmente, sem vacillações, com graça, muito graça e desenho firme de traços fortes. A fazenda será vendida ladinamente a um moço ingenuo que parecia disposto a adquirir aquella ou outra qualquer sem maiores inconvenientes. Aceitas, enfim, todas as condições impostas pelo vendedor, pela esposa e pela filha, que sonham realizar um negocio da China com a venda da espiga e ainda por cima casar a pequena, tudo fica combinado. No meio desse roseo phantasiar sobrevem a noticia de que o "riquissimo" joven não passava de um aguia que vivia de expedientes e sabia illudir os incautos. Decepção geral. Resolução firme de vingarem-se na primeira oportunidade. A oportunidade não faltou. O comprador teve a sorte de abiscoitar um premio na loteria e dispôz-se a cumprir a palavra de que usará dolosamente. Mas ao querer cumpril-a com toda a seriedade, recebe uma roda de rebencos antes que possa explicar o seu procedimento, e tem que fugir debaixo duma chuva de pedras e insultos, enquanto a pobre menina, atrás da vidraça, vê desaparecer para sempre o cavalheiro gentil dos seus dobrados sonhos.

Pois bem: chega-me agora a noticia de quem é autor de tão saborosa narrativa. Monteiro Lobato, conforme diz a nota bio-bibliographica, chega á republica das letras de sopetão e por pura casualidade. Obrigado a dirigir a um jornal de S. Paulo um protesto contra incendio de mattas, fal-o de maneira tão pittoresca que o jornal publica sua queixa em lugar de honra, e nota que aquelle fazendeiro maneja a pena de um grande escriptor.

E como era assim M. L. entra a jornalista e passa da fazenda á revista e ao livro.

Exito rapido. Em tres annos o novo escriptor brasileiro escala a popularidade. O publico, depois de breve surpresa, o segue e o applaude com entusiasmo. Seus livros se exgotam e reimprimem-se continuamente. E' que o autor dos "Urupês" possue um estylo energico, facil, transparente e movimentado.

Em momento nenhum cae na frouxidão do vago, do adormecimento. Todas as phrases saem-lhe vivas e os periodos marcham como pedaços da realidade mobilizados. A gente do campo é pintada com pineladas syntecticas e firmes, de quem possue boa vista e mão facil. Com esta arte se desvanece a pintura lambida dos romanticos que se compraziam em inventar um aborigenismo bucolico de contexto similar ao das novelas da primeira metade do seculo passado. E' por isto que diz esse renovador literario: "Pobre Jéca Tatu! Que bon'to és no romance e como és feio na realidade!" O retrato

que delle faz o autor brasileiro é interessante e tragic — uma agua-forte de sua prema expressão.

A arte magnifica de reflectir a natureza accresce M. L. a habilidade palpável de entrar nas almas e desentranhar os motivos passionaes. Estes "Urupês" contêm narrativas que são estudos perfeitos de profunda psycologia. As personagens dão a sensação do conhecido. Agitam-se e falam de modo a dar-nos a impressão de que positivamente as estamos vendo. A cada momento, por um gesto ou uma palavra, penetramos-lhes no fundo da alma. Na escolha da phrase ou da attitude o artista acerta sempre, não necessitando extender-se na pintura dos retratos.

A's vezes os typos e mesmo as scenas são typos e scenas já objecto de anteriores creações. Não importa. A expressão pessoal de M. L. imprime originalidade á renovada narração. A vida tragic dos pharoleiros, p. ex., possue uma plasmação peculiar, bem distinta de outras tentadas pela pena de contistas notaveis. Estes "Pharoleiros" de M. L. são um dos contos mais bem acabados de livro. Gerebita é typo que não nos sae da memoria facilmente, como tão pouco aquella sua maneira de descrever, tão singular e pintoresca, tão precisa e ajustada.

Parece que está falando, ao referir-se ao orgulho dos pharoleiros, guias desses "bicharôcos de ferro que passeam no mar fumando seus dois, seus tres charutos... Basta que cáia a cerração para que se ponham como tontos, a berrar de medo pela bocca das sereias, atormentando a alma das gentes".

Quem tão sabiamente domina o idioma, submettendo-o ás exigencias das circunstancias, não creio que precise recorrer a um pretexto rhetorico para excular uma impotencia imaginaria. No "Mata-pau" escreve elle: "O capataz relatou o sucedido que para traslado com a maior fidelidade. O melhor delle evaporou-se: a frescura, a singeleza, a ingenuidade da narração feita por quem nunca aprendeu os pronomes e por isso mesmo narra melhor que quantos por ahi absorvem literaturas inteiras, e grammaticas, na antecia de adquirir estylo." E' isto um velho topico do romantismo, que se julgava escravizado por uma montanha de preconceitos. Sem embargo, as leis do bem escrever, que não cohibem nunca a pena creadora, são precisamente as que contribuem para que os escriptores obtenham todos os effeitos literarios a que se propõem. E' o bom gosto, fructo da cultura, o factor do estylo fresco, simples, ingenuo. Pelo aprendido o artista saberá alcançar o alvo desejado. Quando o não consiga, nenhuma culpa têm os pronomes, nem as literaturas.

Os canones sempre estiveram sob o domínio da liberdade e da força do artista

criador. A posse completa dessa arte o fará dar a sensação da verdade, se não lhe faltam qualidades naturaes, essencias para a obra definitiva.

Repitamos ainda: não por excesso de cultura, senão por falta della é que será deficiente a producção artistica. O Sr. M. L. reune as condições precisas para a superação; não obstante é provavel que esta se produza á medida que modere um pouco uma exhuberancia devida a uma pena que corre mui facilmente. Uma norma a mais, a da eliminação, seria muito conveniente para que suas narrações obtenham maior equilibrio, um travamento mais severo, e se tornem um producto de mais arte. Realidade, sim, porém syntectica. E para isto, a vontade orientada por principios estabelecidos.

E abaixo a spontaneidade da inculatura por mais fresca, simples e ingenua que pareça — e não o ha de parecer a Lobato!

AS DESVANTAGENS DE SER BELLA

"A Noite" quer eleger a mulher mais bella do Brasil.

A vantagem dessa eleição não se acha ainda comprovada.

Que é, afinal, a belleza duma mulher? E' um dom que ella recebe no berço, e do qual, legitimamente, não tem o mérito da posse. Mais tarde, esse dom serve-lhe a varias coisas. Serve, inclusive, para perdel-a... De sorte que a eleição da mais bella constitue de alguma forma a recordação descorteze de que ella, se o é, não empregou nenhum esforço para o ser. Por outro lado, é um gesto imprudente, que a coloca mais perto das paixões que a beleza desperta; é um gesto, pois, que a desampa.

Não ha, assim, nenhuma conveniencia em ser a mais bella; para o interesse collectivo, para a sociedade, a conveniencia ainda é menos provavel.

Comprehende-se que se tenha uma iniciativa como a da "Noite" quando se trata de estimular um sentimento util.

"L'Œuvre", que é hoje o mais parisiense dos jornaes de Paris, abriu, por exemplo, recentemente, um concurso desse genero. Ella quiz saber, por via de eleição, qual era o cocheiro mais bem educado da cidade e estendeu a investigação ás telephonistas, aos empregados dos correios e telegraphos e a uma infinitade de outras pessoas que tratam com o publico. O eleito, em cada uma dessas classes, tem o seu premio em dinheiro e a gloria de uma publicidade sem par.

O interessante no concurso está em que o jornal parisiense se propõe a descobrir num certo numero de individuos uma virtude que elles ordinariamente não possuam. Nestas condições, o concurso é, no fundo, um estímulo á sobredita virtude, o que lhe dá um caracter de utilidade social indiscutivel.



BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA
CURA A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio calice antes do almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá, conforme a edade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteudo de uma ampola diariamente em injeção intramuscular.

O Biotonico Fontoura julgado pela probidade científica do professor

DR. HENRIQUE ROXO
Atesto que tenho prescrito a clientes meus o

Biotonico Fontoura

e que tenho tido ensejo de observar que ha, em geral, resultados vantajosos. Particularmente, mais proficuo se me tem assegurado o seu uso quando ha accentuada demutrição e ocorrem manifestações nervosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfort Roxo
Professor de molestias nervosas da Faculdade de Medicina do Rio.

O que diz o preclaro DR. ROCHA VAZ, professor da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constantemente em minha clínica o

Biotonico Fontoura

e tal tem sido o resultado que não me posso mais furtar à obrigação de o receitar.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura consagrado por um grande especialista brasileiro

Atesto ter empregado com os maiores resultados na clínica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro 12 de Julho de 1921.

A. Bustregesilo

Professor catedrático da clínica neurologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Palavras do eminentissimo cientista Exmo. Sr. Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescrito a doentes meus e sempre que lhe acho indicação terapêutica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & C. I.A - S. Paulo

A França orgulhava-se de ser uma terra de gente amavel. Ha tres annos, logo depois do armisticio, muitos começaram a verificar que os franceses estavam, bem ao contrario, bruscos e rudes. Os cocheiros e os funcionários publicos, então, excediam, nesse ponto, toda e qualquer expectativa, porque eram verdadeiras machinas de proferir desafosos.

A situação não deve ter mudado até hoje. A prova está em que já se oferecem premios ás pessoas que forem designadas como abrindo exceção á regra geral do mau humor.

O jornal parisiense está, pois, contribuindo para restabelecer a fama, e, não só a fama como a propria existencia, da sociabilidade e da galanteria de França.

O concurso da "Noite" não pôde realizar a mesma coisa, pois não é evidentemente a eleição da mais bella que vae restabelecer no Brasil os encantos, entre outros, da professora Daltro, quando catexizava indios nos sertões, nem que dará ao dr. Clovis Bevilacqua, na apreciação de certos dotes naturaes, a mesma segurança com que elle, jurisperito, costuma analysar as leis.

Conseguintemente, não ha utilidade em eleger a mais bella. Em compensação, ha varios inconvenientes.

Em primeiro lugar, nivelá a mulher ás especies inferiores, avizinhando-a da pecuaria. A belleza physica integral, isto é, a belleza que é formada da harmonia dos membros e da perfeição dos caracteristicos animaes, como que a subalterniza á condição de ser bella como um cavalo de corridas, como um touro puro-sangue e até como um gallo de rinha. Seria muito melhor perseverar na escola da mais encantadora. O encanto não vem com o berço, mas adquire-se, educa-se, disciplina-se, e é, em summa, mais agradável de apreciar que a belleza pura e simples, a belleza bruta, a belleza apenas materia-prima... Quantas vezes uma mulher realmente bella é insupportavel e antipathica, por não ter senão a sua belleza!

Além disso, a eleição da "Noite" incute no espirito da mulher o principio de que ella só deve ser bella. As virtudes moraes são, desta forma, relegadas para um plano inferior, como se não representassem a verdadeira belleza da mulher.

Certo, ninguem vae sustentar o incentivo á feitura. Uma mulher deve ser atrahente, ainda quando a natureza a não tenha beneficiado com a distribuição dos seus dons. Mas é evidente excesso querer que ella só se preocupe com a belleza.

Eu sei muito bem que haverá mil bocas femininas, promptas a amaldiçoar este conceito. Nada ha nisso de estranhavel, porque todas as mulheres se acreditam bellas. Se, além da opinião dellas proprias, vão agora os homens ocupar-se com o designar entre as bellas a mais bella, é certo que se accentuará a tendência para o culto da belleza puramente animal. Uma mulher bella e uma bella cachorrinha da Pomerania serão quantidades equivalentes.

Além do mais, não ha quem não reco-

nheça que as mulheres são ordinariamente nocivas quando se consideram bellas. Tornam-se orgulhosas e exigentes: orgulhosas, porque se acreditam indispensaveis á marcha dos mundos, no sistema planetario; nocivas, porque entendem que devem realçar com o artificio a sua belleza. No proprio caso da "Noite", isto fica patente. Todos viram que a "Noite" prometteu dar á vencedora, além de outras coisas, um rico manto de pelles. Podel-o-ia prometter, certa de que só com isso estimularia o concurso. Mas foi além: prometteu-o, mostrando-o, em photogravura, posto no corpo e realçando a belleza de uma outra mulher! Terminado o concurso, não faltarão mulheres que tratem de provar a injustiça do resultado, e o provarão arranjando, com a sua belleza e sem ser por eleição, mantos de pelles tão custosos como o da offerta do jornal.

De um certo modo, pois, deveríamos combater os concursos de belleza como se combatem as endemias. O mundo feminino vive do sentimento e é preciso que não sejamos nós mesmos, os homens, que lhe proporcionemos a preferencia pelos sentimentos que o não elevam.

Ha no Rio de Janeiro uma infinidade de moças pobres, algumas desamparadas de toda assistencia de familia, que lutam pelo pão, trabalhando em escritorios, em confecções de costura, em hospitaes, em collegios. A estas é necessário dizer que a vida não se resume em ser bella, mas em ser forte e util. Um concurso que as fixasse na conquista dessas qualidades essenciais da existencia teria sobre elles um effeito superior ao dum mero pleito de belleza, onde só se pôdem exaltar os appetites do luxo, da vaidade e do mais que acompanha a mulher, para jungil-a á escravidão dos gozos materiaes.

Costa Reyo.

(Do "Correio da Manhã").

BRASIL-ARGENTINA

Por occasião do anniversario da fundação da Loja America, no dia 10 de Novembro, falando o sr. Amadeu Amaral, o orador se referiu á solidariedade sul-americana e especialmente ás relações entre o Brasil e a Argentina, proferindo as seguintes palavras:

"Sendo estas duas nações as mais fortes e mais desenvolvidas do continente sul, e não havendo entre elles incompatibilidade real de especie alguma; tendo ambas largas extensões de terra por povoar e explorar, largos recursos a desenvolver; não havendo sequer entre uma e outra choques possiveis de interesses opostos; provindo ambas de dois ramos do mesmo tronco iberico, educados nos mesmos principios, com a mesma religião, as mesmas tendencias, as mesmas qualidades e os mesmos defeitos; tudo

indicava, como unico movimento natural e razoavel, unrem-se, fraternalmente, para a manutenção da paz e da ordem neste largo trecho de planeta, para a implantação definitiva de uma harmonia internacional permanente e segura. Ao influxo benevolo dessa unão brotaria talvez, enfim, do chão calcinado do globo, a planta bemdita de uma ordem nova, mais racional, mais nobre, mais amavel, que marcasse um verdadeiro passo para diante na marcha, tantas vezes retrograda, desta pobre humanidade!

Entretanto, que é que tem sucedido? Em torno de alguns, poucos espiritos esclarecidos e generosos que alimentam esse bello sonho — sonho aliás tão possivel e tão justo, ao contrario de tantos outros, que são fantasicos e ociosos, — ondeia toda uma multidão cega e malfazeja: são os que não tentam o minimo esforço por enxergar um pouco mais além do momento que passa; são os que julgam e decidem nos assumptos mais altos e mais complexos com o criterio de suas maldosas paixões actuaes; são os que transferem para o campo das relações entre povos as mesquinhezas, as perversidades, os maus impulsos, as ganas vingativas e destruidoras de que se sustentam, na trama das suas relações individuaes quotid'anas. E é assim que nós vemos, todos os dias, com immensa magua, esta injusta, esta iniqua, esta irracional, esta monstruosa enchente de odiosidade entre argentinos e brasileiros, subindo, subindo, envolvendo a pouco e pouco as duas nações jovens e irmans, as duas nações fadadas para as doçuras da paz e da solidariedade, e pervertendo, torcendo, quebrando, violentamente, estupidamente, a linha natural e direita da sua missão historica!

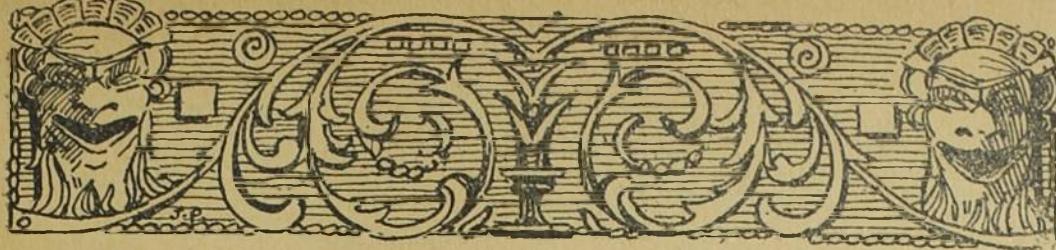
Diante deste espectaculo de irracionallidade triumphante; diante desta obra satanica dos sentimentos anãos contra o ideal gigantesco e benefico; diante desta praga terrivel, feita de frivolidades e de insignificancias conjugadas, deste formidavel conjunto de pequenezas tolas e ridiculas, — urge que se manifestem,

afinal, a voz forte e serena, o gesto calmo e imponente da Razão e do Bom Senso, da Sabedoria e do Amor. E' preciso clamar pelos direitos eternos da Humanidade esquecida e vilpendiada. E' preciso falar, firmemente, insistentemente, a linguagem singela e clara da verdade, contra a qual não ha algaravia de odio e de estupidez que prevaleça.

Quem mais nos casos de iniciar esta magna obra de bondade e de just'ça, do que a Maçonaria brasileira? Ninguem ha com a sua força, o seu prestigio, a sua insuspeição, os seus meios, a sua capacidade enfim de accão proficua atravez de fronteiras e de barreiras de toda a especie.

... E, meus caros irmãos, deixae que vol-o diga, quem mais nos casos de iniciar este movimento da Maçonaria brasileira, do que esta Loja, que se apresenta com tão grande lastro de tradições benemeritas, que tem atrás de si, como garante do seu futuro, o seu honrosissimo passado? Além de tudo, notae bem! — como um bom augurio, como um estimulo permanente, quasi como um imperioso commando, ella traz consigo este nome sonoro, que pode ser todo um Programma: *America!*

"Loja America", filha de Americo, o bom e grande Americo de Campos, alma de artista, coração sensivel, intellecto largo, modestia immensa, desprendimento sem par... "Loja America", ninho de aguias, torre de menagem do castello maçônico dos aureos tempos, arca das tradições do amor em accão, do amor capaz de coragem e de sacrificio... "Loja América", exercito em luta permanente contra todas as formas do escravismo, todas as incarnações da injustiça, todos os avatares do Obscurantismo e da Brutal'dade... "Loja America", de pé! embraca o escudo! cala a viseira! aguça o olhar! Em guarda! luta pelo teu nome! O teu nome é todo um passado de glórias! O teu nome é todo o sonho atrevido de uma humanidade melhor, florindo no continente da paz e da liberdade!"



DEBATES E PESQUIZAS

JOSE' DO PATROCINIO

A imprensa perdeu muito de seu antigo vigor e entusiasmo com a morte de José do Patrocínio. Jornalista de combate, vibrante, altaneiro, como que pairando numa altura a que outrem não tinha a gloria de chegar, seduzia-me, quer elogiando, quer atacando.

O elogio é uma cousa fastidiosa e, quando toca à demasia, é, como diz Tobias Barreto, "um digno irmão da prova de mais: destróe o que pretende construir". Mas em José do Patrocínio o elogio era outro feitio; não cahia nessa adjectivação tão commum aos espíritos frívolos. Sabia que, para elevar um homem ou saudar uma época, a palavra foi creada para causar emoções. E por isso mesmo os seus artigos tinham a força de nos arrastar a essa vertigem dos sentidos, em que a alma cede á fascinação do grande e do bello.

Data o meu conhecimento com o imenso jornalista da *Cidade do Rio*, no governo de Prudente de Moraes, o *Santo Varão*, como elle o appellidou, na sua eloquencia divina, onde havia relampagos e procellas.

Dir-se-ia o seu maior defensor. Sentia-se em cada artigo que a sua alma estava toda alli, ou de joelhos, bendizendo o estadista magnanimo que glorificára a patria, ou de pé, "cabeça erecta", olhos na immensidão, a varrer, como a tempestade, a furia dos que tentavam macular o seu governo de honra e justiça, de paz e liberdade.

Contou-me Elyseu Cesar, quando aqui vivíamos juntos, elle a deslumbrar a mocidade de meu tempo, com as fulgurações de seu talento, que os redactores do *Debate*, jornal creado para a defesa de Prudente de Moraes, perguntaram-lhe um dia se elle estava satisfeito com a sua orientação.

Prudente, sem querer, talvez, trahir a sua consciencia, respondeu-lhes que elles não o defendiam com aquelle entusiasmo e ardor de José do Patrocínio.

E' que tudo só tem vida pelo entusiasmo, pelo amor, pelas paixões. Dahi o ser eterno das cousas. E' no bronze

onde se perpetuam os heróes. E' no marmore onde se escrevem os feitos da humanidade.

Das obras dos escriptores é a parte que fica que é a inspiração. Tudo mais passa na indifferença da vida, como os que tombam sem a gloria dos grandes dias.

Em José do Patrocínio havia a inspiração. A sua linguagem era animada, tinha o sopro de todas as gerações. Ora meiga, fraternal, acariciadora; ora como o proprio vulcão, cuja profundezza de chamas aterrava e seduzia. Quem o lesse o aclamaria logo, mas medil-o era difficult.

No ataque, então, ninguem o excedia ou igualava. A injuria era a sua arma. Mas como elle injuriava! Aquelle repto que Patrocínio atirou, entre tantos outros, a Quintino Bocayuva, tem para mim um encanto e um sabor que me arrebata e me farta.

"Se eu amei ou não o Sr. Quintino Bocayuva, só o homem a quem mais detesto hoje e em cujas faces eu cuspo toda a minha indignação de republicano trahido e villipendiado pelos que se dizem meus correligionarios; só esse homem moqueado pela ambição, secco, frio, máo, poderia dizer-o. E esse homem que finge não saber quem eu sou e quanto eu valho; que não me responde porque tem obrigação de comparecer em campo de que elle politicamente desertou — o campo da honra; esse homem que deslumbrou os meus primeiros tempos de imprensa e que amargura os meus ultimos dias — chama-se Quintino Bocayuva.

Ninguem conhece nem trabalho de gabinete, nem serviço extraordinario de legislador, nem suor frio de artista para aliar um verso, ou esculpir um periodo na vida já longa do Sr. Quintino Bocayuva.

A sua gloria é unicamente a do jornalista sentimental: harpa eolia vibrada ao sopro sagrado das aspirações populares. Quando desabrochavam os meus vinte e cinco annos e o meu espirito prima-

veril começava a florir versos e periodos com a seiva republicana, eu via inuito ao longe no crepusculo da propaganda de 1870, como cordilheira azulada, o estylo romanticamente sedutor do antigo Quintino.

Como chegar lá? me perguntava eu.

Ha horas em que as condições barometricas da atmosphera approximam ou afastam as cordilheiras.

Terei bastante força para galgar a distancia que o meu olhar — sonho materializado, faz-me crer facilmente accesivel?

E porque despir dessa idealização do ar a cordilheira que me seduz, que é azul e recorta-se pittorescamente, quando posso de perto maldizer rochedos negros e estereis?"

E é todo assim, apaixonado e violento, sensacional e imprevisto, um repto em que a forma literaria modifica ou apaga a impressão e rudeza do ataque, para nos elevar á contemplação e extase das imagens que se desencaadeiam e se precipitam em torrentes caudalosas.

Alcindo Guanabara disse, uma vez, n'A Tribuna, na sua secção o Dia, sob o pseudonymo Pangloss, se não me engano, que o povo do Rio só gostava da oposição de José do Patrocínio porque, se era injuriosa, não deixava de ser literaria.

De outra feita, Patrocínio investe contra Quintino, quando este, n'O Paiz, lançou-lhe, entre outras, esta phrase:

"O pouco de luz que ainda lhe bruxolea no cerebro some-se aos olhos da consciencia publica como o fogo fatuo que brilha um instante, exhalado da podridão escura de uma cova".

Patrocínio, no dia seguinte, num artigo de tres columnas, cheio de objurgatorias, de recriminações, de explicações, de citações, de comparações entre ambos, exclama, num dos lances, quando a paixão ia transbordante:

"O fogo fatuo é o ultimo suspiro da vida no triste laboratorio da morte. E' o ultimo protesto da luz contra o domínio das trevas perpetuas.

Não é feito de sanie, mas de gazes que nem a morte pode destruir, e que irrompem para mostrar que ha alguma cousa do morto que não pôde ficar dentro da cova".

Nem sempre os periodos lhe saham polidos. Patrocínio escrevia de um jacto, não emendava nem relia. Todos os que escreveram sobre a sua individualidade moral e literaria o confessam: Mariz de Alencar e Coelho Netto, Araripe Junior e Evaristo de Moraes, em cujas páginas, de uma rara esthetica, quem quer que o ame, como nós o idolatramos, com todas as suas fraquezas e virtudes, encontrará a phisyonomia perfeita e acabada desse artista infinitamente incomparável da palavra escripta e falada.

Dei-me com uma delicia inexprimivel á collecção de seus escriptos, dos poucos que me chegavam ás mãos numa an-

cia de novidade e alegria para o meu espirito jovem então e entusiasta de seus meritos literarios.

Com que ciume, com que carinho eu não guardo e releio, cada vez mais deslumbrado, os artigos em que Patrocínio defendia e exaltava a figura de Danton!

E aquelle, Na Avenida do Patibulo, quando elle descreve, com cores eternas, a morte de Danton, tão grande em vida e maior ainda ao caminhar para o cadafalso, bem merecia, a meu ver, figurar numa anthologia, sem exclusão de um só periodo, porque o artigo todo é uma pagina soberba de eloquencia, em que a imaginação de Patrocínio causa verdadeiro pasmo.

"Nobre Danton, este dia 5 de Abril sómente basta para mostrar que elle é um exemplo a dar ao caracter das democracias nascentes.

Vae para a guilhotina, através do esparto popular, com a mesma altivez com que ia para as commissões difficeis, mas glorioosas, que o panico mal dissimulado dos companheiros lhe confiava.

Uma sobranceria de immortal conserva-lhe a cabeça erecta; se alguma comissão lhe atraçoa é a piedade pelos que vão morrer e que elle conforta, elle, sobrinc queila a monstruosa iniquidade dos juizes pesou com maior rancor.

Em cima da carreta, a ante-camara ambulante da morte, está tão olympicamente desempenado, como na tribuna, quando levantava o sursum corda do patriotismo, pontifice do direito na missa da liberdade.

Tinha as palpebras inchadas pela vigilia, o que lhe dava desde o limiar da eternidade as orbitas esculturaes dos bronzes imperecíveis.

O seu olhai não se enoitace pela sombra da cova, continua limpidio e penetrante; abrange toda a multidão, que assiste á procissão dos moribundos pela avenida do patibulo; penetra-a para ver no meio della o desprezivel David, que o pintando outr'ora de sobrolho carregado — exclamava: aqui está Jupiter Tonante.

Ouve-se bem em que tom elle diz a Desmoulins: olha, ali está David; o scelerado é agora o nosso juiz supremo!

Percebe-se a flexão do busto e da cabeça leonina, substituindo os braços, que estão amarrados por detraz das costas.

Abril já tem galas primaveris; já se veste de azul, apezar das bachanaes da guilhotina, e por isto mesmo, por aquellas duas horas de suppicio, pulverisa de sol a poeira da estrada mortuaria, destacando o busto do condenado num ambiente coruscante de apotheose.

Em baixo, em alas, está o estupor da populaça, respirando a custo, com a inconsciencia de espectadores de uma tragedia sobrehumana no momento do desenlace.

Alli está o epílogo catalytico da vida de um semi-deus; a proria morte parece

ter medo de tocar naquellas feições de arcanjo rebellado contra a dictadura.

Morre sem arrependimento, sereno, al-taneiro. E' um sol agonisando sem crepusculo: some-se no proprio zenith, sem amortecer o calor de seus raios, sem alterar o fulgor de seu disco.

Ao menos a venalidade da arte servil não podera fazer uma caricatura da sua agonia. Ha de reproduzir, na hora da queda, os mesmos traços das horas de triumpho. Faltam-lhe os cabellos, mas a propria infamia dos detractores sabe que isto é um borrão do carrasco.

Na convenção, os seus inimigos attonitos têm de confessar a valentia dessa alma inflexivel, e, na sua synonymia torpe, chamam-na impudencia.

Por que não se atira o povo contra os irmãos da guilhotina e não se apodera da custodia sinistra, que passeia o viajante revolucionario?

Porque é preciso que o sacrificio se consumma.

A historia da redempção civil e politica da humanidade precisa desse martyr, para que nelle se fixe o culto externo das almas que vivem para ser livres. A fé tinha Jesus; a sciencia politica precisava de ter Danton. Um é o cordeiro de Deus, outro é o leão da democracia".

Seria obra de justiça, de perenne justiça, a de quem se dispuzesse a reunir tudo quanto nos prodigalizou esse homem admiravel e que anda disperso pelos jornaes que elle semeou fartamente.

Então, para a mocidade que se inicia na imprensa, os seus artigos seriam o filão onde ella iria buscar inspirações a cada momento ferida pela emoção. E é pela emoção que as idéas se gravam e se transmitem. E não é jornalista nem poeta aquelle que de tudo que escreveu não deixou nada na memoria humana.

Para que as producções literarias se tornem duradouras, não basta converter-as em livros. De Castro Alves e de Casimiro de Abreu, de Alvares de Azevedo e de Gonçalves Dias, as suas obras poderão ser destruidas, mas as suas poesias já passaram a nossa memoria.

O poeta, o jornalista, o escriptor, o homem de pensamento, em summa, que, para crear uma popularidade em torno de seu nome, precisa preparar uma pleiade que o aplauda, não tem no intimo consciencia de seu valor. Modificado o scenario onde agiu, ou quando outro fôr o ambiente em que viveu, não serão as suas letras que o immortalisarão.

José do Patrocinio, a sua fama deveu-a elle simplesmente ao poder irresistivel de seu genio, em communhão com a Patria, que vibrava, por si, num entusiasmo consciente de sua justiça e de sua paixão.

Qando aquelles da sua genese, fieis á sua lembrança, desapparecerem, elle continuará a ser evocado com a mesma admiração e saudade, porque a sua alma atravessará os seculos, sempre viva e emocionante, humana e patriotica.

Teve desfalecimentos. Accusaram-no. E quem durante uma vida longa de agitações, em que as idéas se degladiam, tiverem as paixões, o homem, ser fraco e incoherente, a duvidar do presente e incerto sobre o futuro, poderá galgar a montanha sem ir de encontro a barrancos e declives, ou ter os olhos voltados para a luz, sem que esta os perturbe?

Se Patrocinio errou, se alguma vez transigiu com os homens, era elle mesmo que provocava os seus detractores para dizerem se nas grandes causas nacionaes, pelas quaes se batera, havia trahido as suas convicções e vendido o seu caracter, contra os interesses sagrados da Patria!

Nunca o vimos ferir o pequeno. Só alvejava os fortes com uma coragem desmedida que a todos admirava. Se desprezou, se injuriou, se se retratou, foi por si só, o que é sempre melhor.

As dictaduras mais renhidas, os governos mais despoticos, elle os combateu. Desterrado, foragido, perseguido, nunca desanimou nem se traiu. Quando o tinham por morto, elle surgia intrepido e audaz, valendo por uma legião de bravos.

Mas, poque tão temido? Qual a sua estirpe? Quaes os brazões de seus antepassados?

Filho de uma pobre preta quítandeira, como elle se orgulhava e dizia, quando a inveja procurou amesquinal-o, "nasceu humilde, não tinha historia — viera do Nada, como o universo", disse Coelho Netto.

Como vêdes, sem familia, enfrentando a adversidade, olhou para o mundo em todo o seu contraste de miseria e esplendor e uma cousa logo o commovera: a escravidão.

Não nasceu para vilanias; o seu animo era de combatente e o seu peito de ar-madura.

Destruir o escravismo era proclamar a igualdade humana. Ninguém nasceu escravo. Sob o mesmo sol, cada berço é um altar.

O seu nome é a scintelha que marca o inicio de uma nova éra.

Quem neste paiz excederá o seu vulto magestoso? Quem com maior direito a ver o seu nome gravado no bronze, symbolo da gratidão nacional?

Oh! Homem predestinado, Herói e martyr de tua propria fé! Tu que foste a voz mais forte e seductora do jornalismo brasileiro, qual flamma divina, a attrahir os que te ouviam e seguiam a tua trajectoria luminosa, agita-me, inspira-me, incute em mim o fogo de teu verbo, para que eu possa em caracteres indeleveis bendizer a tua memoria abençoada por uma raça por quem soffreste e palpitate e a restituiste á integridade nacional! Oh! Homem bendito! Ser misericordioso, transmitte-nos a tua coragem, dá-nos força para resistir e vencer, conduç-nos a novos destinos, ensina-nos a desdenhar das injustiças dos homens, tu,

em cuja vida passaste superior e altivo
ás maldades humanas, abre os braços e
caminha para nos!

Leopoldino Flores.

Parahyba do Norte.

OS DOMINIOS DE JOHN BULL

Vão se retirando da Inglaterra os representantes dos seus vastos e orgulhosos Dominios, pós os trabalhos da Conferencia do Imperio, realizada em Londres.

Aquella Conferencia tem decorrido num silencio singular e devéras significativo da fleuma e serenidade anglo-saxonicas.

Antes de os circumdar das considerações que o caso sugere, vem a proposito volver um lance de olhos ao Imperio de S. Magestade Graciosaissima.

Esse imperio é o maior que ainda existiu sob a roda do sol e delle se pode dizer, com maior propriedade que do de Carlos V, que nunca o astro do dia deixa de illuminar dominios de John Bull.

E' curioso revêr como se formou esse immenso Imperio de uma nação cujos habitantes no ultimo seculo da era pagã, nem para escravos serviam, segundo a opinião de Julio Cesar, e hoje tem sob o seu dominio directo ou sob a sua direcção immediata a setima parte do globo e a quarta parte da especie humana.

As acquisitiones coloniaes da Gran-Bretanha, desde o seculo XVII, que é quando a sua preponderancia como potencia maritima e colonial devéras começa a pesar na balança internacional, pódem resenhar-se desta maneira:

Seculo XVII: Conquista: Barbados em 1603; Quebec, no rio S. Lourenço, em 1608; a ilha Bermuda, em 1609; a ilha do príncipe Eduardo, Nova Escocia, Nova Brunswick, Gambia e Antiqua, em 1626; Orissa (Bengala) 1633; expulsa os portuguezes de Bengala em 1634; conquista Madrasta em 1639; S. Helena em 1651; Jamaica em 1655; Costa do Ouro em 1661; as colonias hollandezas da America do Norte em 1667; os territorios do Canadá em 1670; Mississippi, Niagara, Mackinac e Illinois, em 1672; Pensylvania em 1681.

Seculo XVIII: Passam ao seu poder: Calcutá em 1700; Gibraltar em 1704; Terra Nova e Hudson em 1713; as duas Carolinas e a Georgia em 1729; Canadá, Grenada, S. Vicente e Tobago em 1763; Labrador e as ilhas Falkland em 1765; Nova Zelandia e Serra Leoa em 1787; Nova Galles do Sul em 1788; Ceylão em 1795; Trindade em 1797.

Seculo XIX: Fica possuindo: a Guyana Ingleza, S. Lucia e as terras de van Diemen em 1803; a cidade do Cabo em 1805; Heligoland em 1807; a ilha Mauricio em 1810; Malta em 1814; a Colonia do Cabo em 1815; Queensland e Singa-

pura em 1824; Australia occidental em 1829; Australia do Sul e Aden em 1839; Natal, em 1843; Pendjab em 1849; o baixo Birma em 1862; annexa o Transvaal em 1877, conquista Sarawac em 1878; no mesmo anno Chypre: começa o controlo no Egypto em 1882; conquista Nova Guiné e a Somalilandia em 1884; a Bechuanalandia em 1885; o Birma superior em 1886; as ilhas occidentaes do Pacifico em 1887 e nesse mesmo anno o Beluchistan; a Africa oriental ingleza em 1888; funda a Companhia da Africa do Sul em 1889; protectorado da Africa Central em 1891; protectorado da Uganda ingleza em 1894; conquista o Sudão em 1898; estabelece espheras de interesses no Golfo Persico e na Africa do Norte em 1899; conquista as repúblicas boers em 1899 e 1900; o Tibet em 1904; e nesse mesmo anno divide com a França as possessões da Africa occidental: divide a Persia em espheras de interesses em 1901; igualmente em 1907 annexa partes da Peninsula de Malaca; o Egypto passa definitivamente ao seu domínio em 1914.

Este imperio enorme saiu ainda notavelmente acrescido da Grande Guerra.

Sem fallar das inapreciaveis vantagens de ordem commercial e industrial, advencientes do desapparecimento ou cessação dum concorrente temivel a Gran-Bretanha colheu, mesmo sob o aspecto territorial, a parte do leão.

Para o seu dominio passaram as colonias germanicas da Africa, o Togo, os Camarões, a quasi totalidade do Este e do Oeste allemão, o retalho teutonico da Nova Guiné, e as ilhas Bismarck, ou seja um total excedente a 2.000.000 de kilometros quadrados. Além disso passaram a viver sob o seu Protectorado a Persia com 1.645.000 kilometros quadrados, e uma parte importante do antigo Imperio Ottomono, equivalente a 1.000.000 de kilometros quadrados.

Se o leitor não é muito avesso á leitura de estatisticas, vejamos, em breve recomilação, o que John Bull possue sob a face da terra.

Na Europa: — As ilhas Anglo Normandas, no canal da Mancha, tão proximas da Peninsula do Cotentin, que bem pódem dizer-se situadas em aguas francezas; Gibraltar, que lhe dá a chave de uma das portas do Mediterraneo e lhe garante a passagem livre no mais apertado dos estreitos; Malta e Chypre, sentinelas do dominio britanico no *mare nostrum* dos romanos; e o senhorio do canal de Suez que lhe dá a chave da outra porta do mar latino.

Na Ameria: — O Canadá, o Labrador; a Terra Nova; as ilhas Bahama; a Jamaica; as Bermudas; a Guyana; a Honduras ingleza; as ilhas Falkland e muitas das pequenas Antilhas.

Na Asia: — O Imperio Indiano, incluindo a Birmania e os Estados tributarios encostados ao Hymalaia; a ilha de Ceylão; Aden; as ilhas Laquedivas, Mal-

divas, Andaman e Nicobar; os Estabelecimentos do Estreito (*Staits Settlements*) com Singapura; as ilhas Amboina, Serratley, Luban e parte de Borneo; Hong-Kong e Wei-Hai-Wei, encravado no territorio chinez, á espreita do golpho de Petchili.

Na Oceania: — A Australia; a Nova Zelandia, parte da Nova-Guiné; as ilhas Fodji, Salomon e uma poeira de ilhas e ilhotas do Grande Oceano Pacifico.

Na Africa: — A Gambia ingleza; a Serra Leoa; a Costa do Ouro; a Nigéria; parte dos Camarões; a Africa do Sul, comprehendendo o antigo Oeste allemão; a Colonia do Cabo, a Bechmanalandia, o Natal, a Uganda, a Rodhesia, o Unyoro, a Batsu-landia, o Transvaal e Orange, o antigo Este Africano Allemão, a Africa Oriental Inglesa, parte da Somalitandia, o Egypto; as ilhas de S. Helena, Ascensão, Mauricio, Zanzibar, etc.

E é possível que nesta resenha, feita assim de fugida, haja escapado alguma possessão, porque o senhorio de John Bull é vasto e copioso.

Antes da guerra, a Gran-Bretanha possuía á margem do Indico, quatro grandes parcelas do globo completamente separadas umas das outras: a Australia, a India, a Africa Oriental e a Africa Austral.

A acquisição das colonias allemãs *soltou* (é o termo) a Africa Austral e a Africa Setentrional; e os accordos de 1916 que submeteram á sua influencia ou á sua posse toda a margem do Indico desde o Egypto até ao Reiu-chistan.

Desta maneira pode-se ir da cidade do Cabo a Singapura sempre por territorio britanico ou submettido á influencia britanica, e, embarcando ahi, navegar em aguas quasi inglezas até á Australia, á Tasmania, e á Nova Zelandia. Do Cabo a Alexandria contam-se, em linha recta, cerca de 8.000 kilometros de territorios que John Bull chama muito seus. De Alexandria a Singapura vão 12.000 e Singapura dista do sul da Tasmania cerca de 8.000. Assim, um inglez pôde fazer uma viagem de mais dc 25.000 kilometros á volta do Indico sem deixar de pisar territorios inglezes ou submettidos ao protectorado inglez.

Os territorios banhados pelo Indico, hoje submettidos directa ou indirectamente á Inglaterra, sommam cerca de 30.000.000 de kilometros quadrados, povoados por 400.000.000 de habitantes!

* * *

Este immenso Imperio está hoje atravessando uma crise grave. Os grandes Dominios, onde a populaçao indigena é uma pequena parcella perdida no meio da populaçao branca anglo-saxonia — o Canadá, a Australia e a Africa do Sul — consideram-se de maior edade e aptos a governarem-se. As grandes colonias, onde a massa da populaçao indigena é demasiado vasta para ser absorvida —

a India e o Egypto — agitam-se em pruridos de independencia e de libertação.

Mas a Inglaterra costuma prevenir. A manutenção do seu vastissimo Imperio é uma maravilha de equilibrio e de bom senso politico e administrativo. Tem derrubado todos os poderes navaes que se lhe têm levantado deante. A Hespanha, a Hollanda, a Frnaca de Napoleão, a Allemania de Guilherme II — todos estes poderes teem cahido, porque contra elles se levanta a Inglaterra, conjungando com o seu esforço o de muitos outros povos, que lhe prestaram o seu concurso em dinheiro e sangue, muitas vezes postergando e contrariando os seus proprios interesses. E da refrega sae a Inglaterra sempre menos ferida que os seus coadjuvadores...

A Gran-Bretanha tem agora ante si outro competidor, mais dificil de derrubar ou desviar, porque além de tudo o mais, possue precisamente as suas qualidades de emprehendimento e tenacidade. O futuro dirá se ella conservará ruito tempo em seu poder o neptunico tridente..

Para solucionar as difficuldades internas, a Inglaterra convocou para Londres a Conferencia do Imperio, onde os problemas de cada Dominio e das suas relações com a Metropole foram estudados, mas tão sem o reclamo noticioso dos jornaes que pouco se conhece do que lá se passou e resolveu.

O que os Dominios reclamam pode compendiar-se da seguinte maneira:

1.º — *Supressão de qualquer laço administrativo entre os Dominios e o Colonial Office.* O Canadá, a Australia e a Africa do Sul deixarão de estar na dependencia burocratica do Ministerio das Colonias. 2.º — *Nomeação do Governador Geral de cada Dominio ou Colonia pelo rei, mas apresentado pelo Dominio ou Colonia e, além disso, este Governador Geral será, de futuro, o representante do rei e não do governador britannico.* 3.º — *Direito para os Dominios de nomearem os seus agentes e representantes em países estrangeiros. Interdicção, no parlamento de Westminster, de exercer o seu poder legislativo dos Dominios.*

Como se vê, não é pouco.

Será o inicio da emancipação? Ou seguirá a Inglaterra, disposta a faezr estas concessões a quasi todos os Dominios, salvaguardar mais uma vez, a unidade do Imperio?

O que é certo é que esta reunião de Londres representa o inicio de uma transformação completa na Constituição Imperial.

E' o mais grave e importante facto politico da Historia contemporanea.

De futuro, o Imperio britannico virá a ser uma Confederação de nações, porque os Dominios ficarão sendo verdadeiras nações, ouvidas em todas as questões internacionaes.

Na Conferencia de Washington tomarão já parte activa e importante o Ca-

nadá e a Australia, que defenderão os seus interesses, independentemente da atitude de Londres. Foi até por causa da oposição do Canadá á renovação da aliança anglo-nipponica que a Conferencia do desarmamento se convocou.

Nas questões internas do Imperio já um dos Dominios teve interferencia importantissima. O general Smuts foi o primeiro mediador das negociações que fizeram cessar a guerra civil na Irlanda.

A reunião de Londres foi feita apenas a titulo consultivo. Veremos até que ponto as reclamações e aspirações dos Dominios serão attendidas e se o Imperio britannico se virá a transformar, num futuro proximo, numa grande Confederação Anglo-Saxonia...

Manoel Paes ALEXANDRE

A HYGIENE NO TEMPO ANTIGO

Nos dias actuaes já se comprehende a necessidade de se lavar bem e frequentemente, pelo menos nas cidades, onde se exhibe verdadeiro luxo nos quartos de "toilette" e nas salas de banho, que, com o aquecedor, o elevador e a electricidade, são o complemento indispensavel da habitação moderna.

Na escola, o professor inculca aos meninos os principios da hygiene e do asseio; no quartel, o official esforça-se por fazer comprehendere mais facilmente aos soldados a necessidade dos cuidados do corpo; nas grandes cidades são creados banhos a preços baratos, pelas associações mutuas.

Comprehendemos, assim, difficilmente os costumes dos nossos ancestraes, a esse respeito.

Em synthese, eram relativamente asseados na Edade-Média. Em 1292 havia em Paris vinte e cinco "estuves", especie de piscinas em que se tomavam banhos de vapor ou agua quente, em banquetas de madeira guarnecidadas de banheiras, ou bacias de lona fina. O uso se reservava, porém, aos contemplados pela fortuna, pois o banho completo custava quatro francos e cincuenta centimos.

Na mesma epocha vendia-se, na rua e nas mercearias, o sabão de Paris e de Napoles. Communmente se empregavam a bacia de lavagem, a "demoiselle à atourner", especie de espelho com pés, a tina d'agua, o bacio para lavar os pés, a escumilha para lavar as orelhas, a "furette", ou palito, o "coutel", para limpeza das unhas, e a colherinha para escrivar a lingua.

No seculo XVI Duchesne, principal

medico de Henrique IV, aconselhou, para viver com saude, logo depois de uma pessoa se lavar, pentear-se, esfregar a testa e o pescoço com pannos ou esponjas.

"E' preciso, em seguida, cuidar das orelhas, limpar e esfregar bem os dentes cem raiz de altea misturada com pó de coral nacarado; depois lavar as mãos com agua fresca no tempo quente, e tépida no inverno, á qual se terá addicionado vinho ou algumas folhas de salsa, que toda a noite estiveram misturadas.

Depois de tudo isto observado, a pessoa somente terá, orando préviamente e invocando Deus, de ir dar um giro pelas áleas do seu jardim."

E' verdade que o bom rei Henrique não seguia muito os conselhos, a julgar-se pelo budum desagradavel que desprendia, no dizer dos seus coetaneos.

Considerava-se, aliás, em alto grau como pratica inconveniente os cuidados de limpeza muito frequentes e as piscinas como local de perdição. Acabaram assim, por obter a sua suppressão.

Pela mesma epocha, a rainha Margarida de Navarro achava muito natural confessar a um amigo que não "lavava as mãos havia oito dias".

As consequencias de taes habitos mal asseados foram a pullulaçao da vermina em todos os logares, e os "tratados" da epocha preconizavam numerosas receitas para destruir esses insectos incommodos: um professor da Faculdade de Medicina de Paris aconselhava aos clientes a pôr nos colchões muitas gazes atadas com barbante, para caçar as pulgas.

Em 1640, as "Leis da galanteria" recommendavam lavar o rosto "quase todos os dias". Preferiam limpar a cara com um panno de linho branco, secco, com receio de que a agua tornasse o rosto mais "susceptivel ao frio, no inverno, e ao halo, no verão."

Luiz XIV contentava-se em molhar os dedos em um pouco de alcohol e pentear-se. A roupa branca interior era mudada uma vez por mez, no maximo.

No seculo XVIII ainda havia em Paris dois estabelecimentos de banhos luxuosos, porém caros, pois o banho simples custava tres libras.

Mais economicamente, eram fornecidos a domicilio banheiros de aluguer, de madeira ou metal. Mas, para não exigir grande consumo d'agua quente, davam-lhes frequentemente a forma de um tampanco, como se pôde julgar pela banheira de Marat.

AKYS.

(D' "A Tribuna", de Santos).



NOTAS DO EXTERIOR

CONFISSÃO DE LENINE

Ninguem duvida mais que o bolchevismo e o communismo faliram completamente. E' evidente que os proprios dirigentes russos não têm mais fé nas suas doutrinas, mas até agora faltava a prova. Uma carta particular de Lenine, publicada em Paris e que fôra endereçada a um dos seus antigos companheiros de exilio, demonstra os seus pensamentos e o seu estado de espirito para com as suas experiencias de tres annos e meio na infeliz Russia, experiencias tendentes á reorganisação do mundo inteiro sob um novo regimen comunista.

Eis os principaes topicos dessa carta:

"Tres annos de estudos ininterruptos das phases da revolução na Russia me ensinaram a não procurar em toda a parte o genio consciente das classes ou o instincto collectivo das massas que as leva a trabalhar no caminho desejado; esses estudos me ensinaram ao contrario a procurar a força dos individuos, cuja vontade se eleva acima do nível de sua classe, que dominam a massa e lhe dictam os methodos correspondentes á necessidade e ás exigencias do momento. Nós commettemos um grave erro ligando grande importancia ás classes, examinando-as como organismos intellectuaes, capazes de exprimir immediatamente e directamente os seus desejos; o conjunto de uma classe não é mais que um organismo privado de todo intellecto, de toda vontade pessoal e de toda a capacidade de accão. Abandonada a si mesma, a classe é dirigida exclusivamente pelo instincto e pela consciencia da defesa dos seus interesses que não lhe inspiram, senão methodos correspondentes ás exigencias do momento. As accões de uma classe são constantemente privadas de bom senso, porque não se inspiram na previsão das luctas ulteriores. A vida de uma classe é a de um possante mollusco que se defende e lulta com a mesma energia tanto contra um inimigo fraco como contra um inimigo poderoso do qual depende toda a sua existencia posterior. Não ha senão vontade individual e espirito creador do livre intellecto que sejam capazes de prevêr as phases da lucta ulterior e possam calcular todos os "prós" e os "contras".

Quanto a mim, estou fatigado; eu o siton todos os dias e cada vez mais; preciso de repouso, preciso dos meus livros, preciso verificar as minhas deducções, a que consagrei toda a minha vida, oppondo-lhes as minhas observações objectivas. Meus nervos não são mais os mesmos. A nullidade do grupo que me cerca, assim como as suas tendencias burguezas que róem e decompõem o organismo do partido, trazem-me, cada vez mais, suspenso dos meus nervos. O trabalho governamental é impossivel nas formas applicadas entre nós.

Devo confessar-vos que durante tres annos eu hesitava, sem poder decidir-me a reconhecer que erramos, que eu adoptei methodos errados. Mas agora, quando tenho diante de mim os resultados de nossa actividade, devo reconhecer que errei, que avaliei muito alto as forças do partido, assim como as do camponez e do operario russos. Isso quer dizer em uma palavra que o camponez e o operario russos trahiram os seus interesses. O partido traiu sem o querer, graças á sua moleza e

à sua psychologia servil; matou o entusiasmo revolucionario e sustou a meio caminho a evolução e o desenvolvimento da psychologia revolucionaria.

Mas sinto que as forças do partido diminuem dia a dia e que as questões intestinas e o amor proprio futil dos individuos, que põem seus interesses pessoais acima dos interesses communs, róem e decompõem o partido. Depois da guerra não restam senão destroços. Reconheci há muito a imminéncia dos compromissos, das concessões de nosso lado, que atrahiriam ao partido forças novas e aumentariam o pequeno numero dos trabalhadores fatigados, mas realmente devotados á nossa causa.

Sem isso não estariamos em condições de subsistir, não nos poderia manter.

Já puz Brassini ao corrente da necessidade de entabolar negociações, confidencialmente, com os grupos socialistas dos emigrados, afim de considerar a possibilidade de um acordo. Faço-lhe o mesmo pedido, meu velho amigo e homem "fóra do partido". Ser-lhe-á muito mais fácil pôr-se em relação com a nossa emigração e entender-se com os seus dirigentes.

Espero receber logo notícias mas, pois o tempo urge e mais vale chegar a um entendimento agora do que seis meses depois, quando tudo o faz crer, será tarde. Espero, pois, notícias suas o mais breve possível. Lendo-as eu me repousarei e pensarei nas nossas discussões de Zurich. Cordialmente,

V. Oulianov."

A ALLEMANHA E A FRANÇA

Os franceses crêm que a França supportou, ella só, ao menos nove décimos de todos os precalços da guerra e de todos os sacrifícios da Entente e, por consequencia, que do mérito da victoria final tocam nove décimos pelo menos aos Franceses.

Pode-se pensar desse estado de espirito o que se queira, tê-lo por pathologico ou considerá-lo como de delírio; em todo caso, nós, alemães, não vemos muito claramente como elle se formou. É preciso ter em conta, antes de tudo o facto pouco apreciado entre nós de que, durante o ultimo anno de guerra, a armada mais forte e melhor equipada que o mundo jamais viu, combateu sob o commando supremo e único dum francês.

Nenhum francês reconhecerá jamais que esta victoria militar é devida essencialmente ao bloqueio inglez, si bem que em França se tenham acolhido com uma alegria não dissimulada as notícias que assinalavam os progressos do nosso enfraquecimento por esse bloqueio. Essa alegria corresponde bem a essa faculdade illimitada de odiar e de procurar vingar-se, que se encontra nos Celtas de todos os tempos e a uma certa queda para o sadismo, profundamente arraigado no carácter francês.

O culto de admiração de si mesmo protege o povo francês de todos os perigos que existem para o alemão, desde que entra em contacto muito estreito e frequente com outros povos.

O inglez teme o homem de cor. Os franceses resolveram a questão das raças sem ligar à sensibilidade da raça branca.

Nossos jornais julgam consolar nos insistindo sempre no facto do aumento da Alemanha por via dum excesso de nascimento e do estacionamento da França, com tendência a diminuir. O tratado de Versalhes aí está para regular esse facto.

As condições economicas do tratado de Versalhes fazem de nós escravos economicos, não da Inglaterra, mas da França.

A França sofreu, por certo, infinitamente nesta guerra, moral e materialmente o que lhe atraiu sympathia do mundo inteiro e que nos valeu desde que fomos obrigados a causar esses estragos, igual antipathia. Nossas tentativas officiaes durante a guerra para influenciar a nosso favor a opinião publica dos povos espectadores e os indispor contra a nossa adversaria, foram a maior parte do tempo duma lastimável inhabilidade e denotavam uma falta de psychologia tão completa na comprehensão dos neutros, junto tambem a uma falta real do sentimento de equidade, que não ha fugir ao espanto.

A infeliz e falsa attitudo espiritual assumida durante a guerra vê sempre na Inglaterra a inimiga, que cumpre combater e contra a qual é preciso levantar o sentimento popular. Evoca-se o "frio egoismo" dos ingleses, sua "politica do interesse calculador". Mas, em um tempo em que a ameaça mortal e constante da França se faz mais pesada

sobre nós e procura sempre novas formas de expressão, o povo alemão não pôde se pagar o luxo de ser inimigo dos ingleses.

A questão da Alsacia-Lorena não tem sido sempre mais que um simples anel na cadeia de acontecimentos de que resultou a oposição germano-franceza. Presentemente, os franceses começam a falar da "Questão Phenana". Não ha confissão mais natural do desejo de expansão francesa e ao mesmo tempo do mais audacioso desprezo pelo sentimento de unidade do povo vizinho, que essa expressão.

O excesso dos sentimentos de odio e de vingança, ligado a um apego particular á propriedade e ao dinheiro, duas coisas em que o frances não deseja soffrer prejuizos verdadeiros ou simplesmente imaginarios, e antes de tudo as consequencias de sua sêde de gloria e de expansão — eis tudo o que os franceses apprehendem apôs o fim da guerra e ensaiam transformar em milhões a tirar de sua odiada victimaria tornada sem defesa.

Esse vil espectaculo de oppressão, de "chantage" — mostralo tal hender do lado alemão, ao mesmo tempo que é preciso nos collocarmos sympathia, é no que deve consistir a luta espiritual que é mister empregar do lado alemão, ao mesmo tempo que é preciso vir collocarmos na defensiva economica.

(Preussische Jahrbücher)

DR. RUTHARDT SCHUHMANN

OS "INCAS" E O COMMUNISMO

No *The Pan-American Magazine*, que se publica em Nova York, escreve o Dr. Cesar A. Ugarte:

"E' fora de duvida que os Incas foram o primeiro povo a pôr em pratica o verdadeiro comunismo. Si se estuda a historia deste povo verdadeiramente extraordinario, fica-se confundido por suas organizações sociaes, tão desenvolvidas quanto as adoptadas nos paizes mais adeantados de nossos dias.

E' assim que se encontram em sua organisação as instituições seguintes:

I — O "ayllu", verdadeira partilha das terras que eram attribuidas ás familias encarregadas das creanças.

II — A "marca", federação de "ayllus", na mesma cidade, á qual eram confiados como propriedade a agua, as florestas, as pastagens.

III — A terra aravel era dada aos chefes de "purics" ou chefes de familia, que podiam possuir individualmente, mas não tinham o direito de ceder sua propriedade.

IV — As pastagens e as aguas de irrigação eram collectivamente de propriedade da "marca" por alguns annos.

V — A cultura de cada terreno era feita pelo "ayllu" inteiro, assim como os trabalhos mais importantes incumbiam á "marca" inteira.

VI — Uma só excepção derogava esses principios essencialmente egualitarios: em cada paiz vencido, tomava-se uma porção de terra que era attribuida aos soldados vencedores, em recompensa de sua coragem e em signal de submissão da parte dos vencidos, ou davam suas propriedades aos sacerdotes do sol ou á casta dirigente.

A DEUSA TRANSVIADA

A rubrica dos "objectos perdidos" assignala ha algum tempo á atenção inquieta e apaixonada dos intellectuaes magnifica imagem: a de uma deusa empôs a qual todos suspiram e que permanece perdida. Boa recompensa traria ella certamente, pois essa recompensa seria a gloria. Mas esperamos e nada vem. Chama-se a deusa Tradição.

Nem sempre se cuidou da augusta desaparecida. Ao contrario, durante um periodo bastante longo, foi a de quem se escarnecia, a que se tripudiava e se ennegrecia. As Escolas a mascaravam de velha pedante e carnavalesca, e os Independentes odiavam nella a usurpadora das honras devidas ao deus Individualismo, tanto e tão bem que a Tradição offendida se envolveu na nuvem que torna invisiveis os immortaes e abandonou, discreta e desdenhosa, um mundo que não a amava mais. Mas sobrevieram immensas subvensões, trazendo ás almas uma grande tormenta. Nos minimos recantos do seu solo e do seu passado, amou-se de novo a Patria que se perdera, e como o deus Individualismo chegava decididamente ao extremo das suas phantasias, dos seus violentos recursos para deslumbrar e de seu proprio alento, bruscamente se lembrou

a Ausente, com arrependimento e com medo e não se amou senão ella, com furor e remorso. Sómente, onde foi ella? Não se vae nunca mais revê-a? Ah! que ella perdoe, que volte, tanta necessidade se tem della!

E assistimos ao spectaculo ao mesmo tempo comic e doloroso de uma multidão soterrada de extravagancias, cançada de excessos, que entâa a velha litania renovada: "Methodo, disciplina, Tradição!" E' procurada por toda a parte a Deusa transviada e a que sitios singulares não se aventura o zelo dos inquiridores! Sómente, essa Tradição que todos proclaimam indispensavel ninguem pode mais definil-a, não se persegue nella mais que uma sombra de estatua e estes tempos, pobres de obras e empolado de theorias, se agita numa confusão de Babel.

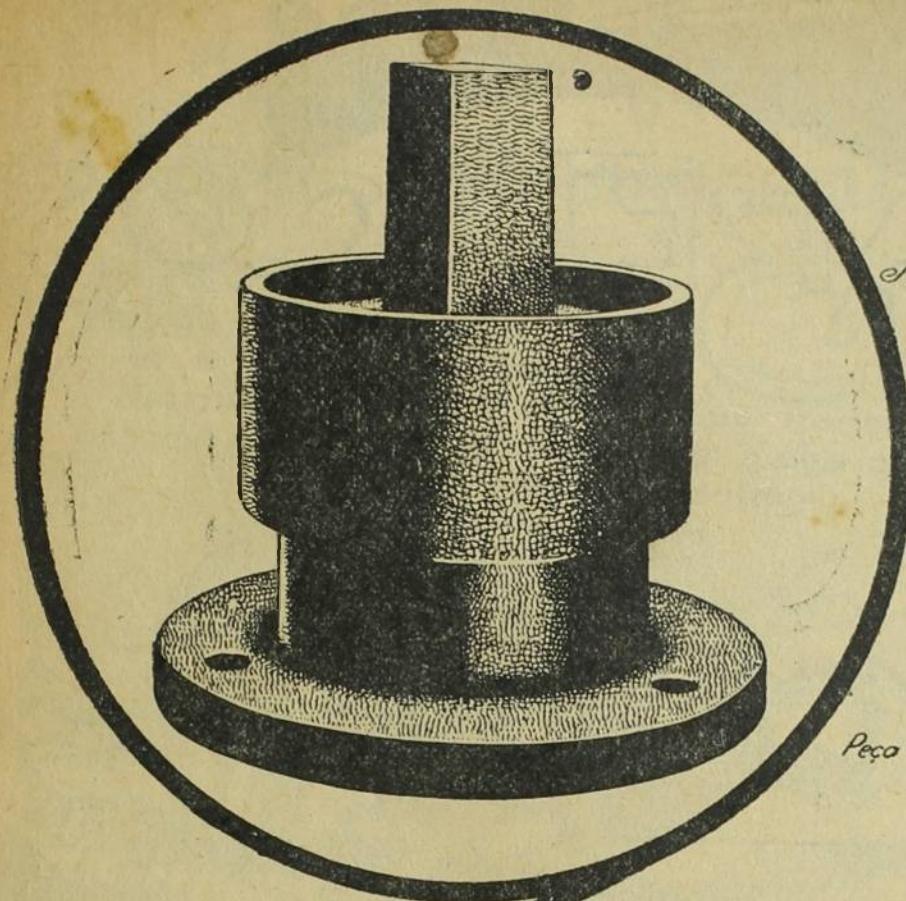
* * *

• Uns crêem seguir a boa pista remontando o curso dos séculos para se restringir ao pasticho. Os outros entendem reencontrar a verdadeira Tradição em um estado de espirito ingenuo, um primitivismo consciente e organizado. Dão-se a um trabalho infinito para assimilar o estylo e o gosto dos fazedores de dolosi papuos, adaptar á encenação do drama musical as qualidades dos panos das barracas ou fazer do "jazz-band" o novo fundamento da symphonia. Estes confundem os quadrados e os triangulos, invocando com extase os nomes de Ingres, de David e de Poussin e são vistos a rodar para a arte negra, no esoterismo, nos círculos e bailados russos e seus investigadores rivaes batem bacias e garrafas em honra de Rameau enquanto outros "dadaism" candidamente. A Escola encanecida sorri de novo; esperando para suas officinas abandonadas uma reacquisição de clientela, se se decide, enfim, a duvidar que um nariz deve ser collocado não importa onde, menos no meio do semblante, ella sacode o pó de sobre a sua velha Minerva. São apenas manifestos, antidotos, panacéas e a feialdade é frequente e o tumulto é grande. Mas, procurem-na em Roma, em Versalhes, em Honolulu, sempre a deusa permanece ausente e indefinida.

Como a encontrariam se lhe voltam as costas? Poderão perseguir o seu espetro em todos os rcantos da terra vasta: é em nosso coração e em nossa consciencia que ella se esconde e o enigma é completamente moral. A Tradição é a flor suprema de uma longa herança de habitos de trabalho, feito com alegria e modestia por amor delle mesmo. A nossa epoca está intoxicada pela mania, epileptiforme em alguns, da originalidade e da novidade como preliminares. Quando semper foram precisos vinte annos de labor, para possuir os segredos de uma technica (ainda nunca se acabou de apprender) não se vê mais que gente apressada em começar pelo fim, isto é, pela descoberta e correr á frente e ao proveito, porque a concorrencia é multipla, a apprendizagem possivel, a ambição longa e curto o tempo. A sua novidade dura o espaço de uma moda e se abandona como um chapeu em fim de estação. A Tradição é constituida pela lenta fusão das inspirações da terra na unidade de amor de uma Patria com bella apparencia, á qual cada um accrescenta piedosamente um traço: e nós vivemos numa epoca de funesto centralismo artístico em que o internacionalismo é o amor espiritual de muitos.

Temos visto substituir a ensinamentos caducos a ideia de só se formar perante a natureza; mas em logar de calcular quanto isto seria uma disciplina mais escrupulosa e mais dura, comprehendeu-se que bastava a escola da vadiagem. Partiram todos em dispersão: Hoje os mais ousados hesitam e procuram a socapa as pedras brancas que os conduzirão para a eterna deusa tutelar.

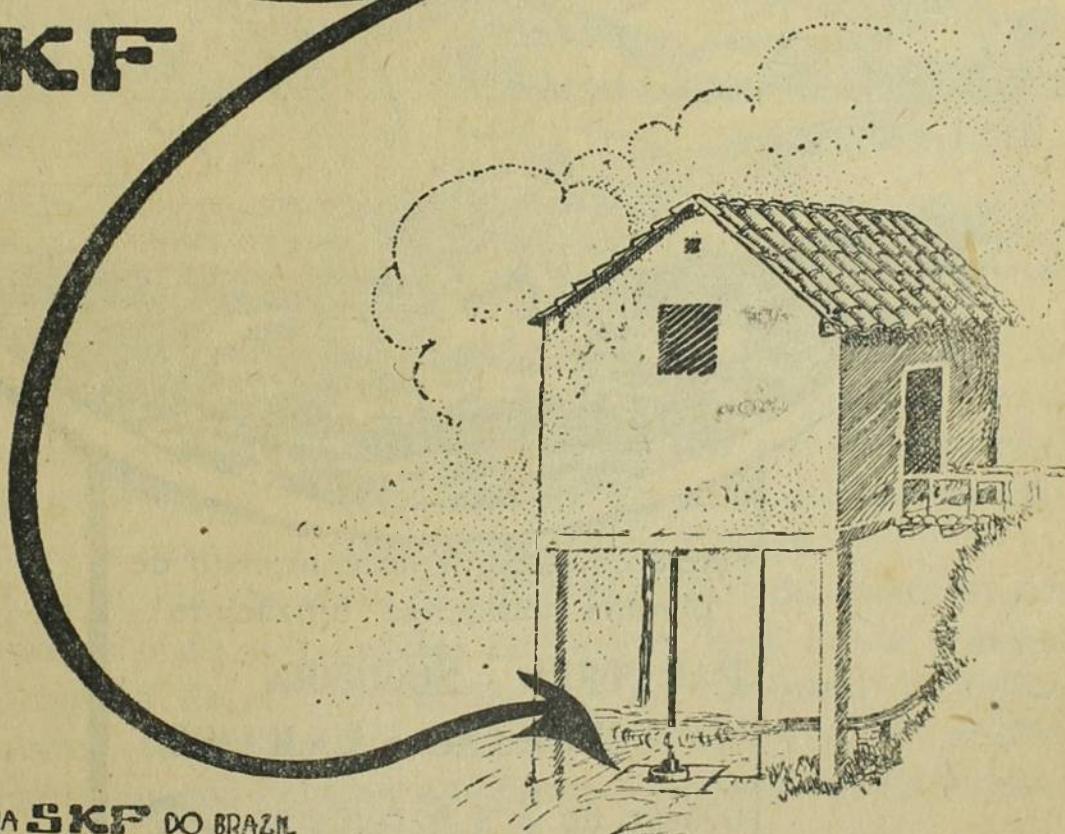
• Mas elles não têm a coragem humildt e nobre de renunciar a ser originaes, a fazer sensação, a tomar de assalto a reputação vitalicia, tornando-se estudosos. A Tradição não foi feita senão por uma serie de ousadias logicas, devidas a obreiros amadurecidos, a principio imitadores e que puzerem os seus pés nos rastros dos mais velhos, antes de ousar adiantar-se. "Ha alguns que jámais conheceraíam idólos. Muitos morreram sem saber que se tornaram originaes. Se se deixaram chamar "mestres" foi no velho sentido corporativo de bons artezãos, experientes na materia e no instrumento. Seus costums eram simples e ingenuo o seu coração: seu individualismo era uma profunda contemplação de si mesmos. A unica leitura de suas vidas, das quaes muitas fazem dobrar o joelho e provocam lagrimas, de admiracão, é um desmentido silencioso a tudo quanto vemos. O nome do artista era para elles o ultimo termo de uma serie magnifica de esforços e abnegações, e o que nos resta



Pão de Moinho
montado
sobre
rolamentos
Auto Compensadores SKF
economizam
energia
e
augmentam
de
muito
sua
produção
e
lucros

Peca nosso circular nº 13

SKF



COMPANHIA SKF DO BRASIL
14. QUITANDA CAIXA 1452
RIO DE JANEIRO

DIABETICOS

é preciso combater a perda de assucar, tonificar o organismo, regularizar as funcções dos orgãos internos essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA

heroico medicamento composto de plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua



AO RESPEITAVEL PUBLICO E A' CLASSE MEDICA

Os fabricantes do "GUARANA' ESPUMANTE", cheios de justo orgulho, receberam, do Exmo. Sr. Dr. Prof. Ernesto Bertarelli, notavel hygienista e um dos maiores scientistas da Europa, o seguinte honrosissimo attestado, que tem a honra de publicar integralmente:

O "GUARANA' ESPUMANTE" é uma deliciosa bebeda sem alcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saude, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes, e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausencia absoluta de FORMIATOS, de materias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausencia completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o "GUARANA' ESPUMANTE" preferido ás bebedas que contêm aquellas substancias prejudiciaes".

S. Paulo, 1.^o de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI.

Banco da Província do Rio Grande do Sul

Fundado em 1858

Sede Central: **PORTO ALEGRE**

Capital Rs. 40.000.000\$000

Fundo de Reserva Rs. 22.000:000\$000

Filial no Rio De Janeiro — Rua da Alfandega, 2

Filiaes e Agencias no Estado do Rio Grande do Sul

Alegrete	Ijuhy	Rio Pardo
Arroio Grande	Itaqui	Rosario
Bagé	Jaguarão	Santa Cruz
Bento Gonçalves	Lageado	Santa Maria
Bom Jesus	Lavras	S. Ant. da Patrulha
Cachoeira	Livramento	S. Fco. de Paula
Caxias	Montenegro	S. Gabriel
Cruz Alta	Novo Hamburgo	S. Leopoldo
Caçapava	Passo Fundo	S. Victoria do Palmar
D. Pedrito	Palmeira	Taquara
Estrella	Pelotas	Uruguayana
Guaporé	Pinheiro Machado	Vaccaria
Garibaldi	Rio Grande	Venancio Ayres

Correspondentes em todas as praças do Rio Grande do Sul e
nas principaes do Brasil e do Estrangeiro

Serie VICTORIA -- -- --
-- -- -- Organisação MIXTA

3

sorteios realiza mensalmente,
pagando o prestamista UMA SO'
mensalidade de 10\$000, 5\$000 ou 2\$500

DOTES DE CASAMENTO E NASCIMENTO

Empreza Constructora

Séde: Porto Alegre

R. G. do Sul

Novidades literarias

á venda na "Revista do Brasil"

Lais — romance de Menotti del Picchia, 3. ^a edição	4\$000
Pão de Moloch — chronicas do mesmo autor . . .	5\$000
Conversas ao Pé do fogo — contos por Cornelio Pires	5\$000
De tudo para todos — complicações de um jornalista em ferias por Alberto Veiga	3\$000
O Declive — pelo mesmo autor	3\$000
Na esteira da luz — pelo mesmo autor	4\$000
Mocidade — versos de Affonso Schmidt	3\$000
Impressões de arte — por Carlos Rubens	3\$000
Vida Roceira — Contos regionaes por Leoncio Oliveira	6\$000
Reliquias da Memoria — romance por Canto e Mello	4\$000
Alma em delirio — idem	4\$000
Bucolica — poemeto pelo mesmo autor	1\$000
A Sciencia do Lar Moderno — livro de receitas pela D ^a . Eulalio Vaz	5\$500

Novidades literarias argentinas

Hugo Wast	6\$000
La Corbata Celeste	6\$000
Ciudad Turbulenta (Ciudad Alegre)	6\$000
Valle Negro	6\$000
La Casa de los Cuervos	6\$000
Flor de Durazno	6\$000

Pedidos á

MONTEIRO LOBATO & CIA.

Rua Bôa Vista, 52-sob.

**PELO CORREIO MAIS 10 % PARA O PORTE
AOS REVENDEDORES, desconto**

Ultimas Edições da “Revista do Brasil”

Tradições e Reminiscencias Paulistanas,

obra de notavel valor, do grande pesquisador Affonso A. de Freitas, com interessantes gravuras.

Um bello volume, brochado	4\$000
Encadernado	5\$000

Contribuindo, Martim Francisco

Em seguida ao RINDO, publicado em 1919, dá-nos o grande Andrada mais uma obra notabilissima onde estuda numerosos vultos da nossa historia.

Brochado	4\$000
Encadernado	5\$000

Jardim das Confidencias, Ribeiro Couto

Um livro de versos verdadeiramente encantador, com uma nota pessoal toda nova, rica de sentimento e finuras emotivas.

Brochado	3\$000
--------------------	--------

O Professor Jeremias, Léo Vaz

Este livro vencedor entra agora na quarta edição e continua a ser vendido pelos preços antigos.

Brochado	4\$000
Encadernado	5\$000

Vultos e Livros, Arthur Motta

Biographia, bibliographia e critica das mais eminentes figuras literarias do Brasil. Primeira serie de uma obra em cinco volumes, deveras notavel.

Encadernado	5\$000
-----------------------	--------

Arte de Amar,

versos de grande sucesso, pelo notavel poeta Julio Cesar da Silva, 1 bellissimo volume 4\$000

A Lingua Nacional, João Ribeiro

Ultimo trabalho do grande philologo, recebido pela critica com o respeito que as obras sérias a todos impõem.

Brochado	4\$000
Encadernado	5\$000

Pedidos a Monteiro Lobato & Cia.



MOVEIS

BARATOS

Peça um
folheto

Mappin Stores

Rua S. Bento esq. Rua Direita

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbos de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone: 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

REVISTA DOS TRIBUNAIS

PUBLICAÇÃO OFICIAL DOS TRABALHOS
DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE S. PAULO,
DIRIGIDA PELOS ADVOGADOS

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade!

Anno	40\$000
Semestre	20\$000
Número avulso	3\$000

Redacção: RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO

MOVEIS ESCOLARES



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
“EDUARDO WALLER”

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

AS MACHINAS LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. - - - - -

São as mais recommendaveis pa-
ra a laboura, segundo experien-
cias de ha mais de 50 annos no
Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e ac-
cessorios para a laboura.
Cerreias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para
conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galva-
nisado para encanamentos de agua,
etc.

PARA INFORMAÇOES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO